

HISTÓRIA

DA

IGREJA

VISTA GERAL DA HISTÓRIA DA IGREJA

Nesta introdução traremos um breve estudo da História da Igreja; vamos começar com o dia de Pentecostes, quando cento e vinte dos mais fiéis seguidores de nosso Senhor Jesus Cristo tinham-se reunido e permaneceram por dez dias, esperando pela promessa do Batismo do Espírito Santo (Atos 1:5; 15:11). Note que o poderoso poder foi manifestado do primeiro derramamento do Espírito Santo, e através do tempo dos apóstolos, até que foram vistos os sinais de um decaimento e a Igreja desviou-se de Deus para dentro de um período de trevas jamais visto.

Mas graças seja dada ao nosso Deus em Cristo, que tem prometido estar com o seu povo até o fim; esta escuridão não poderia continuar porque raiou a luz de um novo dia, e os reformadores começaram a pregar as Verdades Bíblicas que tinham sido perdidas na época da Escuridão. A Igreja começou a retornar pouco a pouco, ao passo que o povo ia entendendo a luz da verdade. Martinho Lutero, João Calvino, João Knox, João Wesley, e muitos outros pregaram ousadamente a reforma da Igreja, e trouxeram-na seguramente em sua volta para o Pentecostes a meta, que só agora nestes últimos dias começou a ser alcançada.

Vamos observar que todos os dons e frutos do Espírito Santo estavam presentes na Igreja no princípio. O Senhor Jesus com três anos e meio de ministério, deixou os seus discípulos preparados para que pudessem render-se à liderança do Espírito, e ele começou a sua igreja na plenitude e força do seu Espírito. Todas as maneiras de sinais e maravilhas e milagres foram feitos pelos apóstolos e outros na Igreja, e enquanto pelo Espírito mantiveram-se em comunhão e amor uns pelos outros, seguiram-lhes estes poderosos sinais.

Com o princípio do decaimento na Igreja, houve grandes discussões e argumentos que surgiram quando as falsas doutrinas foram introduzidas. A Igreja original tinha poucas doutrinas; não mais do que estas provas definidas: que Jesus é o Messias, que ele morreu, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, e que ascendeu o céu e derramou o Espírito Santo (Atos 2:33); que Jesus está para voltar para o seu povo; e que eles devem arrependerem-se e serem batizados em Nome de Jesus, assegurando-lhe que a promessa do Batismo do Espírito Santo é para todos os que crêem (Atos 2:38, 39).

O primeiro Concílio da Igreja (Atos 15) foi para responder à pergunta se os crentes gentios precisavam circuncidarem-se e guardarem a Lei de Moisés. Embora houvesse discussão, o Espírito Santo dirigiu todos a um acordo e fez a decisão. Com o passar do tempo a Igreja posterior foi-se afastando de Deus e perdeu o poder do Espírito Santo. A trajetória da História da Igreja está manchada de vermelho com o sangue dos condenados pela velha Igreja Apóstata.

A perseguição pelos pagãos descrentes fez com que a Igreja Primitiva se expandisse, até que um compromisso foi efetuado por Constantino, e ele pelo que parece, fez uma falsa profissão de Cristo, e tornou-se líder e cabeça da Igreja. Agora, com o imperador governando a Igreja, cessaram as perseguições, e as portas da Igreja em uma crescente apostasia, foram livremente abertas ao mundo. Constantino tornou ilegal para qualquer um, manter um cargo político se não fosse membro da Igreja: portanto todos queriam entrar para a Igreja. Assim, com o mundo e seus políticos na Igreja, ela precipitou-se nas profundidades das trevas de uma época escura. Por um período de uns cem anos, depois de Montano ter introduzido o ensino (156 d.C.) que o Espírito era uma pessoa separada do Pai, e do Filho, e desde que Tertuliano (200 d.C.) cunhou a palavra Trindade. Havia muito debate sobre esta nova doutrina. Constantino então convocou o Concílio de Nicéia em 325 d.C., para decidir qual fórmula a nova Igreja Católica Romana, recentemente organizada, usaria. Ele, sendo ignorante das

coisas espirituais, e possivelmente com pouco conhecimento das Verdades Bíblicas, e tendo sido educado por adoradores pagãos (cujos seguidores tinham sempre praticados a imersão por eles próprios três vezes, como método de purificação), fez a decisão em favor da adoção do ensino da Trindade, e o uso da fórmula Trinitariana. Muitas verdades evangélicas foram assim obscurecidas na era das sombras. E aqueles que ousavam ensinar qualquer coisa diferentes da do Credo adotado pela Igreja Católica, foram reputados como hereges e conseqüentemente, punidos.

Exigiu muita coragem para os reformadores levantaram-se contra o poder de uma organização, tão forte como a Igreja Católica Romana, que controlava todo poder político. Mas Deus tinha homens prontos para pregarem a verdade quando lhes fosse revelada. Passo a passo a Igreja avançou através do sangue dos mártires, e agora o poder da Palavra de Deus e do Espírito Santo, tem aumentado tanto na Igreja que quase todas as doutrinas do Novo Testamento, com sinais e maravilhas, estão sendo restauradas.

INTRODUÇÃO

I. DEFINIÇÃO - HISTÓRIA DA IGREJA

- A. História da Igreja é a narração de tudo que é conhecido da fundação e o desenvolvimento do reino de Cristo na terra. A história do reino de Deus aqui na terra.**
- B. A história da igreja inclui a fundação e desenvolvimento deste reino.**
- C. Inclui o Antigo e Novo Testamento.**
- D. A história completa da Igreja estende-se da criação (Gênesis até o presente).**
- E. Inclui o registro da influência do Cristianismo sobre a vida:**
 - 1. Religiosa
 - 2. Intelectual
 - 3. Cultural
 - 4. Social
 - 5. Econômica
 - 6. Política
 - 7. Artística
 - 8. Literária
 - 9. Científica, etc.

II. O AMBIENTE EM QUE APARECEU O CRISTIANISMO

- A. Nasceu na plenitude do Império Romano.**
- B. O Governo do Império Romano.**
 - 1. Sujeitou todo o mundo civilizado
 - 2. Uniu o Oriente e o Ocidente
 - 3. Governos Locais: geralmente nativo (mas nomeado por Roma)
 - 4. Características do Governo do Império Romano:
 - a. Sólido
 - b. Bem organizado
 - c. Deu certa liberdade
- C. As raças do Império romano:**
 - 1. Diversas: Italianos, Gregos, Egípcios, Europeus, Sírios, Persas, Judeus, etc.
- D. As línguas do Império Romano:**
 - 1. Oficial: Latim

2. Mais Comum: Grego
3. Línguas nativas dos países sujeitos (dominados pelo Império Romano)

E. Condições Sociais do Império Romano.

1. Lamentáveis
2. Muita escravidão
3. Muita pobreza (Roma tinha mais do que 200.000 mendigos.)
4. Pouca educação.
5. Posição da mulher baixa e humilhante.

F. Cultura do Império Romano:

1. O povo em geral - ignorante
2. Grécia - a exceção - um centro intelectual

G. Religião do Império Romano:

1. Todas nações: politeístas, com exceção do Judaísmo.
2. O povo sentia-se vazio; percebia que as religiões não satisfaziam.
 - a. Este sentimento preparou o povo pagão para Cristo.
3. O Judeu:
 - a. A única religião monoteísta.
 - b. Adorava um Deus vivo e verdadeiro, santo, o Criador de todas as coisas.
 - c. Esperava o Messias.
 - d. Guardava a Lei, mas muitos não compreenderam que a Lei era um "AIO" (ponte) para conduzir a Cristo (Gálatas 3:24).

III. A PREPARAÇÃO DO MUNDO PARA O CRISTIANISMO:

A. O Mundo Pagão:

1. O evento central na longa história do universo, é a vinda de Jesus.
2. Ele não é apenas o centro de toda a história, é a "Pedra Angular".
 - a. João 1:3.
 - b. Colossenses 1:16
 - c. Efésios 2:20
3. Jesus Cristo - A Figura Central
 - a. O período anterior ao seu nascimento - *Preparação para a sua vinda.*
 - b. A história posterior - (à sua morte, ressurreição e ascensão) - *O período de desenvolvimento das idéias que Ele ensinou, e dos altos ideais que exemplificou.*
 - c. Agostinho disse: "*O Novo Testamento está escondido no Velho, e o Velho está revelado no Novo*".
4. Observações:
 - a. A mente humana estava cheia de teorias quanto ao universo, à religião, ao pecado, ao castigo, etc.
 - b. Os gentios, em geral, criam na existência de um poder (ou poderes) universal - que controlava o destino dos homens, e que devia ser adorado.
 - c. O conceito geral - A Terra era o centro do universo.

- d. Cria-se que o Universo era habitado de Espíritos bons e maus que influíam na vida humana.
- e. O povo estava insatisfeito, inquieto.
- 5. Filosofias Grega e Romana:
 - a. As idéias helenistas (gregas) dominavam as mentes dos intelectuais.
 - b. Estas Filosofias de certa maneira abriram caminho para o Cristianismo.
 - c. A língua Grega dominava o mundo - geralmente entendida em todo lugar.
 - d. Os maiores Filósofos Gregos:
 - 1) Sócrates (470 - 399 a.C.)
 - 2) Platão (427 - 347 a.C.)
 - 3) Aristóteles (384 - 322 a.C.)
 - e. Duas grandes escolas de Filosofia:
 - 1) *Epicureus* (Epicuro, 342 - 270 a.C.)
 - a) "A felicidade na vida atual é a finalidade do homem."
 - b) Provocou licenciosidade que abalou os alicerces da sociedade grego-romano.
 - 2) *Estóicos* (Zeno 308 a.C.)
 - a) "A moralidade consiste em viver conforme a razão; a virtude é o único bem, a felicidade suprema consiste na submissão voluntária à fatalidade das leis cósmicas."
 - b) Desprezo dos prazeres.
 - c) Fatalismo tende a diminuir o valor da personalidade humana.
- 6. O Povo Comum:
 - a. Pouco aproveitou os sistemas filosóficos.
 - b. Cria em muitos deuses.
 - c. Tinha medo de irar os deuses - com desvio das tradições - se opunha à preparação de novas religiões.
 - d. Sentia necessidade de uma religião mais profunda e satisfatória.
 - e. Sua religião era em parte patriotismo.
- 7. As Religiões Misteriosas:
 - a. Tinham a mesma finalidade - libertar o homem - assegurar imortalidade.
 - b. Contribuíram grandemente para a transformação do ensino cristão que evoluiu na Igreja Católica.

B. O Mundo Judaico (Na Palestina):

- 1. A Sinagoga
 - a. Congregação local
 - b. Culto simples - oração e leitura das escrituras.
 - c. Tomou lugar de tanta importância, que o templo tornou-se menos vital na vida religiosa.
- 2. Desde o Cativo Babilônico (606 a.C.), com a exceção de 100 anos, tinha sido tributário da:
 - a. Assíria
 - b. Pérsia
 - c. Macedônia
 - d. Egito

- e. Síria
- f. Roma
- 3. Muito influenciado pela cultura grega:
- 4. Os Saduceus:
 - a. Rejeitavam a Lei oral
 - b. Negavam a ressurreição, existência de anjos e a vida futura.
 - c. Gozavam muita influência política e intelectual.
- 5. Os Fariseus
 - a. Expoentes de judaísmo tradicional
 - b. Doutrina era aceita, porque eram ultra-nacionalistas
 - c. Criam em anjos, na ressurreição, na vinda de um Messias político e num Reino temporal.
 - d. A maior parte do seu ensino era verdadeira.
 - e. A *Falha*: reduziu a religião à guarda da Lei - era muito impessoal.
 - f. A ênfase na escrupulosidade veio da influência dos persas.
- 6. O Messias e Sua Vinda:
 - a. Uma crença viva.
 - b. Uma crença geral - O Rei Messiânico, da descendência de Davi - seria em Jerusalém - reunindo os judeus dispersos.
 - c. Realmente isto significava a expulsão dos Romanos e a restauração do Reino de Israel.
- 7. Observação - 5 ou 6 mais judeus habitavam fora da Palestina. A helenização dos judeus alcançou o maior êxito.

OS SETE PERÍODOS GERAIS DA HISTÓRIA DA IGREJA

1º. A IGREJA APOSTÓLICA [30 - 100 d.C.]

I A Igreja Pentecostal - 30 - 35 d.C.....	10
II A Expansão da Igreja 35 - 48 d.C.	11
III . A Igreja Entre os Gentios 48 - 68 d.C.....	13
IV. A Época das Sombras - 68 - 100 d.C.....	17

2º. A IGREJA PERSEGUIDA [100- 313 d.C.]

I . A Igreja Perseguida.....	21
II Períodos das Perseguições.....	22
III.Formação do Cânon do Novo Testamento.....	25
IV.Crescimento da Organização Eclesiástico	26
V. Desenvolvimento da Doutrina.....	27
VI. Discórdia a respeito da Divindade	30
VII. Os Que Acreditam na Unicidade e a História da Igreja	34
VIII. O batismo nas águas.....	41

3º. A IGREJA IMPERIAL [313 - 476 d.C.]

I A Vitória do Cristianismo.....	45
II. A Fundação de Constantinopla.....	48
III. A Divisão do Império.....	49
IV. A Supressão do Paganismo.....	49
V. As controvérsias e os Concílios	50
VI. O Surgimento do Monasticismo	52
VII. O Crescimento do Poder na Igreja Romana	53
VIII. A Queda do Império Romano Ocidental.....	54
IX. Líderes Neste Período.....	55

4º. A IGREJA MEDIEVAL [476 - 1453 d.C.]

I Progresso Papal.....	57
II. O Surgimento do Poder Maometano	61
III. O Santo Império Romano	63
IV. A Separação das Igrejas Latins e Gregas.....	64
V. As Cruzadas	65
VI O Desenvolvimento do Monasticismo	66
VII A Arte e a Literatura Medieval	68
VIII. Início da Reforma Religiosa	69
IX.A Queda de Constantinopla	71
X.O Escolasticismo	71
XI. A Inquisição	72

5º. A IGREJA REFORMADA [1453 - 1648 D.C.]

I. Os Fatores que Contribuíram para a Reforma	74
II. A Reforma na Alemanha	74
III. A Reforma Em outras Terras	78
IV. Os Princípios da Religião Reformada	80
V. Os Anabatistas e os Batistas	82
VI. A Contra Reforma	84
VII. Os Líderes Deste Período	85

6º. A IGREJA MODERNA [1648 - ao Século XX]

I. O Movimento Puritano	91
II. O Pietismo	93
III. Os Moravianos	94
IV. O Avivamento Wesleyano	94
V. O Movimento Racionalista	97
VI. O Movimento Anglo-Católico	98
VII. O Moderno Movimento Missionário	99
VIII. Os Líderes Deste Período	101
IX. A Igreja No Século Vinte	103

7º. O MOVIMENTO PENTECOSTAL DO SÉCULO XX

I. Introdução e Revisão	105
II. A história da Igreja ainda Não Está Terminada	107
III. O Avivamento Pentecostal	108
IV. A Necessidade de Uma Organização Apropriada	111
V. A Igreja Pentecostal Unida	114
VI. Igreja Pentecostal Unida do Brasil	123

1º A IGREJA APOSTÓLICA

Da ascensão de Cristo - 30 d.C.
À Morte do Apóstolo João 100 d.C.

I . A IGREJA PENTECOSTAL

Da Ascensão de Cristo - 30 d.C.
A Pregação de Estevão - 35 d.C.

A. Definição da Igreja

Verdadeiros crentes em Jesus Cristo, em todas as épocas, passado, presente e por vir.

B. Seu Começo: Dia de Pentecostes - 30 d.C.

1. Quarenta dias seguintes a Ressurreição, esperando o batismo com o Espírito Santo.
2. Ainda não haviam proclamado Cristo como Messias até o dia de Pentecostes (Mateus 16:20; Atos 1:6-8)

C. Dote: O Espírito Santo

1. Iluminando
2. Dando Poder
3. Permanecendo

D. Sua Localidade: A cidade de Jerusalém

E. Seus Associados:

1. **Hebreus:** Aqueles cujos ancestrais tinham morado na Palestina por várias gerações. Raça Israelitas pura. Idioma - Aramaica.
2. **Gregos Judeus, ou Helenistas:** descendentes dos Judeus cujo lar ou linhagem era em terra estrangeira. Idioma - Grego.
3. **Prosélito:** Povo de sangue estrangeiro que tinham aceitado a Lei Judaica, e haviam-se circuncidados.

F. Seus Líderes: Pedro, João

G. Seu Governo: Pelos doze apóstolos.

H. Suas Doutrinas: Normas de doutrina e prática da Primeira Igreja

1. *Jesus* - o Messias
 - a. A Divindade absoluta de Jesus Cristo. Ele é o próprio Deus. Ele é filho de Davi (pela descendência natural-humana), e também seu Senhor (no Espírito). Marcos 12:35-37.
 - b. Veja Isaías 9:6; Mateus 1:23; João 1:1, 14; II Coríntios 5:19; Colossenses 1:15; 2:9; I Timóteo 3:16; I João 5:20; Apocalipse 1:8.
2. A Ressurreição de Jesus
3. O arrependimento pela fé. Veja Lucas 24:47; Atos 2:38, 3:19; Romanos 2:4; II Pedro 3:9.
4. O batismo nas águas por imersão em nome do Senhor Jesus Cristo, para remissão dos

- pecados. (João 3:5; Atos 2:38; 8:16; 10:48; 19:5; Romanos 6:4; Colossenses 2:12).
5. O batismo no Espírito Santo com a evidência de falar em outras línguas (Joel 2:28; Atos 2:4; 2:38; 8:16; 10:45, 46; 19:6).
 6. A operação de milagres por aqueles que criam. (Atos 3:8; 5:16; 19:11, 12; Hebreus 2:4; Romanos 15:18, 19; Marcos 16:17-20)
 7. Depois de receber "O Dom do Espírito Santo", se manifestavam os nove dons espirituais. (I Coríntios 12:7-11.)
 8. Santidade no viver. (Atos 5:1-12; I Tessalonicenses 4:7; I Pedro 1:16; Hebreus 12:14)
 9. A cura divina pela fé nos méritos de Cristo (Marcos 16:17, 18; João 14:12; Tiago 5:14).
 10. A segunda vinda pessoal de Jesus. (Atos 1:11; Romanos 8:11; I Tessalonicenses 4:13-17)
 11. O fruto do Espírito na vida normal do crente. (Gálatas 5:22, 23)
 12. A comunhão, ceia do Senhor, como memorial. (Êxodo 12:14; Mateus 26:17-29; Marcos 14:22-26; Lucas 22:14-20; I Coríntios 11:24, 25)
 13. A infalibilidade da Palavra de Deus, e que ela não é de particular interpretação. (Lucas 21:33; II Timóteo 3:16; II Pedro 1:20,21)
 14. A salvação somente em Jesus Cristo. (Atos 4:12)

I. O Testemunho Evangélico:

1. Cada membro era uma testemunha.
2. O testemunho universal foi uma potente influência no crescimento rápido da Igreja.

J. Os Milagres:

1. A cura na Porta Formosa (Atos 3:1-3)
2. Milagre do julgamento (Atos 5:1-11) - Ananias e Safira
3. A cura de muitas enfermidades (Atos 5:12-16)
4. Milagres e prodígios (Atos 6:8)

K. O Espírito de Confraternidade: "Bens da comunidade"

1. Tudo lhes era comum (Atos 4:32) - Voluntário
2. Pequena comunidade
3. Um povo selecionado, cheio do Espírito Santo
4. Na expectativa da volta de Cristo
5. Um fracasso financeiro (Atos 11:29)
6. Males morais desenvolvendo-se (Ananias e Safira, Atos 5) - Mentira

L. O Único Defeito da Igreja Pentecostal: A falta do zelo missionário.

II. A EXPANSÃO DA IGREJA

Da pregação de Estevão - 35 d.C.

A Concílio em Jerusalém - 48 d.C.

A. A Importância da Época: O cristianismo parou de ser limitado somente aos Judeus, e começou a estender-se ao mundo inteiro. O quadro de membros tornou-se predominantemente Gentio.

B. Frases da Expansão:

1. *Pregação de Estêvão* - Atos 6:1-5, 11-14; 7:2-53

2. *Primeiro mártir cristão* (Estêvão) - Atos 7:57-60.
3. *A Perseguição por Saulo* - Atos 7:58.
 - a. Ajudou na morte de Estêvão, tornou-se líder na perseguição do cristianismo.
 - b. Causou a dispersão dos membros da igreja em Jerusalém.
 - c. Os membros dispersados estabeleceram igrejas.
4. *Filipe em Samaria* - Atos 8:5-13.
 - a. Samaritanos eram misturados. Tinham sangue Judeus e Gentios.
 - b. Igrejas estabelecidas e reconhecidas por Pedro e João - Atos 8:14-17.
 - 1) Muitos batizados em nome de Jesus por Filipe.
 - 2) Pedro enviado para que recebessem o Espírito Santo. Pedro foi escolhido por Jesus para receber e usar "as chaves do Reino dos Céus."
 - c. Igrejas estabelecidas em Gaza, Jope, Cesaréia - Atos 8:40.
5. *Pedro em Jope e Cesaréia* - Atos 9:32-43; Atos 10.
 - a. A ressurreição de Dorcas
 - b. Cornélio e sua casa salvos; aceitação dos gentios dentro da Igreja.
6. *Conversão de Saulo* - Atos 9:1-22
 - a. A visão de Jesus
 - b. Ele viu a igreja como aberta a todos os homens, judeus e gentios, da mesma forma.
 - c. Tornou-se o grande Apóstolo Paulo.
7. *A Igreja em Antioquia* - Atos 11:19-29
 - a. A 480 km de Jerusalém, refúgio para os cristãos judeus.
 - b. Os fugitivos começaram a testemunhar nas sinagogas.
 - c. Os gentios que tinham um lugar separado na sinagoga, eram salvos tantos quantos aos Judeus.
 - d. Judeus e gentios adoraram na mesma categoria, a igreja tornou-se grande e proeminente.
 - e. Barnabé enviado a Antioquia - Atos 11:22, 23.
 - f. Barnabé leva Paulo para ajudá-lo. Atos 11:25, 26.
 - g. Os discípulos pela primeira vez são chamados de cristãos. Atos 11:26.
 - h. Os discípulos enviam ajuda para os santos pobres - Atos 11:27-30.
8. *A Primeira Viagem Missionária* cerca de 46-47 d.C.
 - a. Dois obreiros em harmonia - Paulo e Barnabé - Atos 13:2
 - b. Paulo já tinha sido um cristão desde uns 12 ou 14 anos passados, e se tornara um líder da Igreja na Antioquia. Já chegara a hora da sua saída missionária, para levar o nome de Cristo para as partes mais longínquas do mundo gentio. (Atos 22:21)
 - c. Saulo adotou um nome para trabalhar entre os gentios, Paulo - Atos 13:9.
 - d. João Marcos, o jovem cooperador, abandona-os e regressa a Jerusalém - Atos 13:5, 13.
 - e. Começando na sinagoga - eles tinham direito para pregar ali, especialmente Paulo, que era um Rabi autorizado.
 - f. Grandes cidades como campos de trabalhos.
 - g. A região Gálata, no centro da Ásia Menor, ficava uns 500 km ao nordeste de Antioquia. Era uma viagem considerável.
 - h. A viagem teria sido mais direta por terra, passando por Tarso, mas Paulo acabara de passar 7 ou 8 anos naquela cidade; preferia então, atravessar pela Ilha de Chipre, e velejar ao norte para chegar bem no centro da Ásia Menor.

- 1) Em Chipre se converteu o governador romano. Um milagre foi o fator decisivo (Atos 13:11, 12).
 - i. Em Antioquia da Pisídia, Paulo, conforme seu costume, começou sua obra na sinagoga judaica. Alguns judeus creram, e igualmente, muitos gentios. Mas os judeus que não tinham crido, levantaram uma perseguição, e expulsaram Paulo e Barnabé da cidade.
 - j. Paulo ficou em Icônio, ao leste de Antioquia, "muito tempo." Operou sinais e prodígios. Grande multidão de judeus e gentios creram. Paulo veio a ser assunto de discussão na cidade. Seus inimigos conspiraram para apedrejá-lo e ele fugiu para Listra, ao sul.
 - k. Expulso de Listra, Paulo dirigiu-se a Derbe, 48 km a sudeste, onde fez muitos discípulos. Depois, com a sua costumeira coragem, voltou a Listra, Icônio e Antioquia para animar e confirmar os discípulos. Ao fim dessas visitas, foram para Atália donde navegaram ao norte de Chipre, para Antioquia em Síria.
9. *O Concílio em Jerusalém - 48 d.C. - Atos 15*
- a. A controvérsia sobre a necessidade de guardar a Lei Judaica.
 - b. Os judeus cristãos consideravam o cristianismo a continuação da religião judaica. Não tendo Jesus abolido formalmente a lei, julgavam-na ainda em vigor. Aceitaram Jesus como Messias, mas insistiam que os judeus seriam salvos pela lei mais Jesus, e que os gentios eram salvos por Jesus mais a lei.
 - c. A notícia de que Paulo e Barnabé tinham batizado e recebido nas igrejas, gentios sem a circuncisão, levantou uma grande questão na igreja de Jerusalém.
 - d. Paulo e Barnabé e alguns outros subiram a Jerusalém. Ventilado o assunto na reunião, concluíram que não perturbassem (com a observação da lei) aqueles dentre gentios que se convertessem a Deus.
 - 1) Esta recomendação foi aceita pela maioria da igreja de Jerusalém e por todas as igrejas gentílicas.
 - 2) Houve um grupo de reacionários que não concordou. Paulo teve que lutar contra esses "judaizantes".
 - e. Lemos em Atos 15:28, 29, a carta oficial escrita aos gentios.
 - f. Notemos que apesar deste concílio, a tendência de adicionar "boas obras" à graça como meio de salvação, tem continuado até o dia de hoje, produzindo a igreja católica romana e a grega.
 - g. Importância do Concílio de Jerusalém.
 - 1) Primeiramente, pelas suas resoluções feitas - a questão da lei e a graça.
 - 2) Também historicamente, nos revela uma igreja bem organizada em Jerusalém, cooperando oficialmente com os apóstolos, anciãos e demais irmãos na extensão do reino de Deus.

III. A IGREJA ENTRE OS GENTIOS

Do Concílio em Jerusalém - 48 d.C.

Ao martírio de Paulo - 68 d.C.

A. Autoridades Históricas:

1. O livro dos Atos
2. Epístolas Paulinas

3. I Pedro 1:1.

B. Campo: Todo o Império romano, e algumas terras além da fronteira, especialmente ao oeste.

C. Membros: Cada vez mais entre os gentios, e cada vez menos entre os judeus. As perseguições contra os crentes eram mais violentas entre os judeus.

1. Os gentios se levantaram algumas vezes contra os cristãos, mas antes do ano de 64 não encontramos nenhuma referência histórica de que algum funcionário romano havia movido perseguições.

D. Os Líderes:

1. Paulo mais proeminente e influente
2. Pedro
3. Tiago

E. Viagens Missionárias de Paulo - Atos 15:36 até 18:22

1. *Segunda Viagem:* Europa Visitada cerca de 48-51 d.C.
 - a. João Marcos, que havia deixado Paulo e Barnabé na primeira viagem, agora queria acompanhá-los de novo. Paulo não estava disposto a levá-lo, mas Barnabé estava.
 - 1) Os dois concordaram em trabalhar separados. Mais tarde eles trabalharam juntos de novo. (I Coríntios 9:6, Colossenses 4:10)
 - b. O companheiro de Paulo nesta viagem foi Silas.
 - c. Fizeram uma nova visita às igrejas da Galácia, e em Listra Paulo encontrou Timóteo e tanto se agradou deste que o levou consigo.
 - 1) Timóteo tornou-se seu companheiro constante, depois disso.
 - d. Parece que se dirigia a Éfeso (Ásia), porém Deus lho impediu. Depois planejou ir a Bitínia, mas outra vez Deus lhe embargou os passos. Então se dirigiu a Trôade. (Atos 16:6, 7)
 - e. Em Trôade, sobreveio a Paulo uma visão, na qual um homem Macedônio lhe rogava para ir a Macedônia e ajudá-los. Imediatamente partiu para Macedônia. (Atos 16:9, 10)
 - f. Chegando em Filipos da Macedônia, pregou o evangelho e a primeira convertida foi Lídia, negociante. Filipos foi a primeira igreja de Paulo na Europa, uma das igrejas mais fiéis. Deixou Lucas aí (Atos 16:40, partiram), o qual tornou a juntar-se a ele seis anos depois (Atos 20:6, navegamos).
 - g. Em Tessalônica, a maior cidade de Macedônia, muita gente se converteu, e seus inimigos o acusaram de "transtornar o mundo", o que não foi pequeno elogio à magnitude de sua obra. (Atos 17:1-9)
 - h. Foi para Beréia (Atos 17:10-14), onde alcançou bom êxito. Logo que os judeus de Tessalônica (de onde Paulo e seus companheiros foram forçados a fugir), souberam que Paulo estava pregando em Beréia, foram lá excitar o povo. Os irmãos mandaram Paulo para Atenas, mas Silas e Timóteo permaneceram em Beréia por um tempo.
 - i. Atenas era uma das cidades mais famosas do mundo antigo. Aqui foi onde Paulo teve a mais fria recepção. Centro de Filosofia, literatura, ciência, arte, sede da maior Universidade do mundo, todavia, estava de todo entregue à idolatria. O discurso de Paulo no Areópago é uma das obras primas de oratória de todos os tempos, e revela

- sua competência no pensamento Grego. Entretanto, os atenienses escarneceram da ressurreição, embora alguns cressem. (Atos 17:15-34)
- j. Depois foi para Corinto (Atos 18:1-19), uma das principais cidades do Império Romano, onde ficou um ano e meio e estabeleceu uma igreja grande. Ganhou Priscila e Áquila, que deram-se logo totalmente ao trabalho da igreja e hospedaram Paulo. Foram com Paulo à Éfeso (Atos 18:18), onde mais tarde a casa deles foi lugar de reunião de uma igreja (I Coríntios 16:19). Depois voltaram a Roma, onde novamente ofereceram a casa para a reunião de uma igreja (Romanos 16:3-5). Foram sempre amigos leais e devotados de Paulo.
 - k. Saindo de Corinto, Paulo voltou para Jerusalém e Antioquia, e no caminho, visitou Éfeso, visita que já havia muito queria fazer. Mas parece que ficou apenas poucos dias naquele tempo.
 - l. Três anos de viagem, 3200 km por terra e mar.
2. *Terceira Viagem Missionária: A Igreja em Éfeso - Atos 18:23-21:17 - cerca de 54-57 d.C.*
- a. Paulo deixou Antioquia da Síria e passou por Galácia e Frigia, indo para Éfeso. (Atos 18:22-28) Em Éfeso, preparativos para a obra de Paulo já tinham sido feitos por Apolo, que tinha sido instituído por Áquila e Priscila.
 - 1) *Note:* O templo de Diana, em Éfeso, era uma das sete maravilhas do mundo. Levou 220 anos para ser construído. O culto de Diana era impuro e vergonhoso, perpétuo festival de vício. Em três anos o Apóstolo conseguiu tão grande número de adeptos que o prestígio de Diana correu perigo. A influência dela mais tarde atingiu as igrejas. (Apocalipse 2)
 - 2) Durante três meses Paulo ensinou na sinagoga (Atos 19:8). Depois, por dois anos na escola de Tirano (v. 9), diariamente. Era a sala de aulas de um filósofo, pequena, onde cabiam poucas pessoas. Daquela saleta Paulo abalou uma poderosa cidade até aos alicerces. Naqueles primitivos tempos, sem edifício de igrejas nem escolas Bíblicas, e a despeito de perseguições, a Igreja fazia mais rápido progresso do que em qualquer época depois.
 - 3) Em Éfeso, haviam muitos milagres de Deus, e multidões de estranhos foram curados mediante lenços que tocavam no corpo de Paulo, segundo a sua fé em Jesus. (Atos 19:12)
 - 4) Quando Paulo foi a Éfeso, descobriu doze discípulos de João Batista, (Atos 19:1), que conheciam apenas o batismo dele. Este é o único exemplo de rebatismo no Novo Testamento. Porém, ensina claramente que uma pessoa deve ser batizada de acordo com a Bíblia, do contrário não está batizada. Quando esses compreenderam a verdade, foram batizados em o Nome do Senhor Jesus, e receberam o Espírito Santo, falando em outras línguas.
 - 5) Notamos "os mágicos" (Atos 19:13-20). Uma classe de pessoas que se converteram, tão numerosas e tão radicalmente, que fizeram uma fogueira dos seus livros, cujo valor subiu a 55 mil cruzeiros.
 - 6) Demétrio excita grande tumulto: o tumulto foi causado por invasão nos interesses comerciais de Diana, tão gigantesco era o movimento popular que abandonava o culto dessa deusa. Acabou num tumulto furioso, no teatro de 24.000 assentos, no qual por pouco o Apóstolo não perdeu a vida. (II Coríntios 1:8).
 - b. Timóteo era seu companheiro.

- c. Visitaram a Síria e Cilícia.
 - d. Fez sua quarta visita para as igrejas fundadas originais.
 - e. Revisitou Filipos, Tessalonica, Beréia, Grécia.
 - f. Navegou para Trôade, à costa da Ásia Menor.
 - g. Para Cesaréia, e Jerusalém, por fim.
3. *Quarta Viagem:* Paulo é prisioneiro - Atos 21-28
- a. Paulo é atacado por uma turba de Judeus em Jerusalém, preso para sua segurança, e aprisionado.
 - b. Prisioneiro mais de cinco anos - um pequeno tempo em Jerusalém, três anos em Cesaréia, dois anos ou mais em Roma.
 - c. Paulo em cadeias, mas pregou o evangelho.
 - d. Em Roma prisioneiro, mas com sua própria casa alugada. Ele vivia algemado a um soldado.
 - e. Tinha reuniões o dia inteiro, por várias vezes, com os judeus.
 - f. Pregou para os gentios. Sua casa era uma igreja. Muitos soldados da guarda foram salvos.
 - g. Escreveu quatro epístolas - Efésios, Filipenses, Colossenses, Filemom.

F. A Primeira Perseguição Imperial (Nero)

- 1. Nero iniciou o seu governo com certa brandura, mas, mais tarde tornou-se num monstro cruel.
- 2. Foi imperador quando Paulo fez o seu apelo a Roma.
- 3. No verão do ano 64, com o fim de reedificar Roma, fez lançar fogo a um bairro.
- 4. Lançou a culpa nos crentes, resultando em grande perseguição e martírios.
- 5. Depois surgiram mais perseguições e os cristãos, particularmente os de Roma, sofreram horivelmente nas mãos de vários imperadores.
- 6. Pedro crucificado em 67 d.C.
- 7. Paulo decapitado em 68 d.C.

G. Literatura do período: No fim deste período, 68 d.C., uma grande parte do Novo Testamento já estava em circulação.

H. Uma Breve Biografia de Paulo:

- 1. Nasceu em Tarso, de família distinta, honrado com a cidadania romana, educado em Jerusalém mais de que qualquer dos seus patrícios. Converteu-se por um milagre especial.
- 2. O cenário dos labores de Paulo, foi, na maior parte, ao longo da estrada imperial que se estendia de Roma a 1.600 km para leste, atravessando Grécia e Ásia menor, até Antioquia, onde fazia junção com as rotas comerciais de caravanas que se dirigiam ao Oriente. Essa estrada imperial era a espinha dorsal do Império Romano. Paulo fez o seu trabalho com tanto êxito que, cinquenta anos mais tarde, no reinado de Trajano, os cristãos eram tão numerosas na Ásia Menor que os templos pagãos quase que ficaram abandonados. E nos anos seguintes, o império pagão caiu. Não literalmente, mas quase literalmente, este pequeno homem procedente de Tarso cristianizou o Império Romano. O maior homem mortal dos séculos.
- 3. A cidadania romana de Paulo foi conferida ao seu pai, talvez por algum serviço assinalado ao Estado. Não fosse essa cidadania, Paulo teria sido morto ainda bem não tinha começado

sua obra. Isto ilustra como Deus usa o talento humano. Nenhum dos outros apóstolos era capacitado por natureza a fazer o trabalho que Paulo fez.

4. Às vezes, Deus o ajudou com milagres. Em quase cada cidade foi perseguido. Muitas e muitas vezes foi acometido pelas turbas, que procuraram matá-lo. Foi surrado, açoitado, encarcerado, apedrejado, expulso de cidade em cidade. Além disto, havia seu "espinho na carne" (II Coríntios 12). Seus sofrimentos são quase incríveis. Deve ter tido uma disposição de ferro. Só por intervenção da parte de Deus é que Paulo podia sobreviver a tudo isto.

I. Roma: Cidade Eterna

1. Cidade rainha da terra. Centro de interesse histórico.
2. Durante dois milênios (2º Século a.C. ao 18º d.C.), foi a potência dominadora do mundo.
3. Capital de um império que estendia 4.800 km de leste a oeste, 3.200 km de norte a sul. População total do Império: 120 milhões.
4. A população de Roma, na época, era de 1.500.000 - metade de escravos.

IV. ÉPOCA DAS SOMBRAS

Do Martírio de Paulo - 68 d.C.

A Morte de João - 100 d.C.

A última geração do primeiro século, a que vai do ano 68 a 100, chamamos de "Época das Sombras", em razão de as trevas da perseguição estarem sobre a igreja, e também porque de todos os períodos da História é o que menos conhecemos. Para iluminar os acontecimentos desse período, já não temos a luz do livro de Atos dos Apóstolos. Infelizmente, nenhum historiador da época preencheu o vácuo existente. Gostaríamos de ler a descrição dos fatos posteriores relacionados com os auxiliares de Paulo, principalmente de Tito, Timóteo e Apolo. Entretanto, estes e outros amigos de Paulo, após a morte do apóstolo, permanecem ausentes dos comentários e registros.

Após o desaparecimento de Paulo, durante um período de cerca de cinquenta anos uma cortina pende sobre a igreja. Apesar do esforço que fazemos para olhar através da cortina, nada se observa. Finalmente, cerca do ano 120, nos registros feitos pelos "Pais da Igreja", deparamos com uma igreja em vários aspectos, muito diferente da igreja apostólica dos dias de Pedro e de Paulo.

A. A Queda de Jerusalém - 70 d.C.

1. A Judéia descontente e desleal sob o governo romano.
2. Os judeus interpretaram mal as escrituras e pensaram que eles iriam governar o mundo.
3. Judeus rompem em rebelião - 66 d.C.
4. Milhares levado à morte, outros escravizados.
5. A aniquilação do estado judaico; não restaurado até 1968.
6. Poucos crentes pereceram, devido ao aviso profético para fugir.
7. Até este momento, Cristianismo era considerado como um ramo do judaísmo.
8. Teve início a separação completa dos cristãos dos judeus.
9. Quase pôs fim à já decrescente influência das congregações da Palestina sobre os aspectos mais vastos da vida da Igreja.
 - a. Tal colapso, aliado ao rápido crescimento do número de conversos de origem pagão, logo fez com que a luta de Paulo em favor da liberdade, em relação à lei judaica, perdesse sua importância.
10. Antioquia, Roma, e, antes do fim do século, Éfeso tornaram-se então os centros principais

da expansão cristã.

B. A Segunda Perseguição Imperial (Domiciano) - 90 d.C.

1. *A Comunidade Cristã:*
 - a. Vieram, na sua maioria, dos pobres.
 - b. Houve alguns das classes mais elevadas tanto na política, como na sociedade.
 - c. A vida cristã de todos não era ideal, mas em contraste com os pagãos que os cercavam, manifestaram características como caridade, amor, e abnegação. Faziam-se esforço heróico para manter a honestidade e a castidade.
 - d. Em face da perseguição, alguns apostataram e entristeceram os fiéis, porém muito maior foi o número dos que serenamente sofreram prisão, multas, exílio, castigo corporal e até morte.
2. *Milhares morreram sob o Império Domiciano, especialmente em Roma e Itália.*
3. *João, o último dos apóstolos, foi aprisionado na Ilha de Patmos.* Recebeu a Revelação contida no último livro do Novo Testamento.

C. O Completamento do Novo Testamento

1. Os últimos livros escritos do Novo Testamento: Hebreus (?), II Pedro (?), as três Epístolas, e o Evangelho de João, Judas e Apocalipse.
2. Reconhecidos como inspirados, e canônicos mais tarde.

D. A Condição da Igreja

1. *Extensão e Membros:* Fundadas em toda a terra e em quase todas cidades desde o Tigre ao Eufrates, do Mar Negro à África do Norte, e talvez à Espanha e Grã-Bretanha. Vários milhões de membros, de todas as classes, pobres até escravos.
2. *Sistema Doutrinário*
 - a. Doutrinas narradas por Paulo na Epístola aos Romanos aceitadas como estandarte da fé. Ensinamentos de Pedro e João em suas epístolas em completo acordo com Paulo.
 - b. Opiniões heréticas surgiram, mas o desenvolvimento completo veio mais tarde. Veja Atos 20:29, 30; Colossenses 2:18-23; I João 2:18, 19.
3. *Instituições:*
 - a. Batismo geralmente por imersão, mas alguns começaram derramando água sobre a cabeça (aspergindo).
 - b. O Dia do Senhor: Geralmente observado. Veja I Coríntios 16:2; Atos 20:7; Apocalipse 1:10.
 - c. A Ceia do Senhor: Universalmente celebrada na igreja pelos lares dos judeus, mas geralmente celebrada na igreja pelos gentios. Veja Atos 2:46; I Coríntios 11:20-30.
 - d. Domingo de Páscoa: Reconhecimento do aniversário da Ressurreição do Senhor, sancionada e em crescimento, mas ainda não universal.
 - e. Oficiais da Igreja:
 - 1) João o último dos doze apóstolos.
 - 2) Anciões (presbíteros) e Bispos - Título permutáveis.
 - 3) No final do primeiro século a tendência era para elevar alguém, como Bispo, acima dos seus companheiros, os outros anciões. Conduziu ao sistema eclesiástico. (Veja Atos 20:17, 28; Filipenses 1:1; Tito 1:5, 7.)
 - a) *Note:* a tradição católica de ter sido Pedro o primeiro papa é pura e

simples ficção. Não há qualquer evidência histórica de ter sido ele bispo de Roma. Nem ele alguma vez reivindicou para si tal autoridade, como seus "sucessores" têm feito. Parece que Pedro teve uma intuição, dada por Deus, de que seus "sucessores" se preocupariam principalmente em serem dominadores, *"nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho."* (I Pedro 5:3) .

b) Os primeiros Bispos Romanos:

(1) Lino, 67-79 d.C. (?) Cleto, 79-91 (?)

(2) Clemente, 91-100, escreveu uma carta à Igreja de Corinto, em nome da Igreja de Roma, não em seu próprio nome, e não dá nenhuma idéia da autoridade papal que mais tarde certos papas assumiram.

4) Diáconos mencionados como oficiais na igreja. Febe (livro aos Romanos), mencionada como Diaconisa. Veja Filipenses 1:1; I Timóteo 3:8-13; Romanos 16:1; I Timóteo 3:10, 11.

4. *Adoração:*

- a. Esquemas dos cultos derivados daqueles das sinagogas judaicas.
- b. Liam-se as escrituras do Antigo Testamento, uma porção das cartas apostólicas, e os evangelhos.
- c. A canção de Salmos e hinos cristãos.
- d. Oração espontânea.
- e. Discursos dados livremente pelos membros, e irmãos visitantes.
- f. A ceia do Senhor freqüentemente compartilhada.

5. *Estado Espiritual:*

- a. Estandarte do alto caráter moral.
- b. Tonalidade da vida espiritual mais baixa do que a do início.
- c. A igreja forte e agressiva, em crescimento, projetando o seu domínio através do Império Romano.

E. Um Breve Esboço do Império Romano:

A Igreja teve seu berço no Império Romano.

- 1. Roma foi fundada em 754 a.C.
- 2. Submeteu a Itália em 343-272 a.C.
- 3. Submeteu Cartago em 264-146 a.C.
- 4. Submeteu a Grécia e a Ásia Menor em 215-146 a.C.
- 5. Submeteu a Espanha, a Gália, os bretões e os tetuões 133-31 a.C.
- 6. Os Doze Césares:
 - a. Júlio César, 46-44 a.C. - Dominador do mundo Romano.
 - b. Augusto, 31 a.C. - 14 d.C. - No seu reinado, Cristo nasceu.
 - c. Tibério, 14-37 d.C. - No seu reinado, Cristo foi crucificado.
 - d. Calígula 37-41 d.C.
 - e. Cláudio, 41-54 d.C.
 - f. Nero, 54-63 d.C. - Perseguiu os cristãos. Executou Paulo.
 - g. Galba, 68-69 d.C.
 - h. Oto, Vitélio, 69 d.C.
 - i. Vespasiano, 69-79 d.C. Destruiu Jerusalém
 - j. Tito, 79-81 d.C.

- k. Domiciano, 81-96 d.C. Perseguiu os cristãos. Exilou João.
- l. Trajano, 98-
- 7. Declínio e queda do Império Romano - 180-476 d.C.
 - 192-284 d.C. "Imperadores de Caserna", nomeado pelo exército. Período de guerra civil é desastre interno generalizado.
 - a. Sétimo Severo, 193-211 d.C. Perseguiu os cristãos.
 - b. Caracala, 211-217 Tolerou o cristianismo
 - c. Eliogábalo, 218-222
 - d. Alexandre Severo, 222-235. Favorável ao cristianismo.
 - e. Maximino, 235-238. Perseguiu os cristãos.
 - f. Filipe, 211-249. Muito favorável ao cristianismo.
 - g. Décio, 249-251. Perseguiu, furiosamente, os cristãos.
 - h. Valeriano, 253-260. Perseguiu os cristãos.
 - i. Galiano, 260-268. Favoreceu os cristãos.
 - j. Aureliano, 270-275. Perseguiu os cristãos.
 - k. Diocleciano, 284-305. Perseguiu, furiosamente, os cristãos.
 - l. Constantino, 306-337. Tornou-se "cristão". (Motivos políticos)
 - m. Juliano 361-363, o apóstata. Procurou restaurar o paganismo.
 - n. Joviano, 363-364. Restabeleceu a fé cristã.
 - o. Teodósio, 378-395. Fez do cristianismo a religião oficial.
- 8. Divisão do Império, 395 d.C.

Ocidente	Oriente
Honório 395-423	Anastácio 491-518
Valentiniano III 423-55	Arcádio 395-408
Queda do Império Ocidental, 476, sob o império dos bárbaros, quando começa a era do obscurantismo.	Teodósio II 408-450
	Justiniano 527-565

Das ruínas do Império Ocidental surgiu o Império Papal, e Roma desse modo, ainda governou o mundo por 1.000 anos.

2º A IGREJA PERSEGUIDA

Da morte de João - 100 d.C.
Ao Édito de Constantino - 313 d.C.

Grande período de acréscimo à fé uma vez dada aos santos.

1. Período de grande acréscimo. A Igreja se espalha por todo o Império Romano.
2. A Igreja deixou a sua primeira caridade. (Apocalipse 2:4)
3. Cumpriram-se as palavras de Jesus e os apóstolos sobre a entrada de lobos cruéis depois da partida dos apóstolos. (Atos 20:29, 30; I Pedro 2:1; Mateus 10:16-23)
4. Ritos e cerimônias da lei e costumes do paganismo introduzidos; especulações filosóficas e credos de homens aceitos no seio da igreja.
5. O ungir com óleo tomou o lugar do Batismo no Espírito Santo.
6. O batismo por aspersão tomou o lugar do batismo por imersão nas águas em nome de Jesus. Também foi adotado o batismo de crianças.
7. Período de grandes controvérsias sobre a Divindade.
8. O Concílio de Nicéia adotou a doutrina da Trindade. A Igreja mergulhou nas trevas (325 d.C.). Começou a união do estado e a igreja.

I. A IGREJA PERSEGUIDA

Da Morte de João - ano 100 d.C.
Ao Édito de Constantino - ano 313 d.C.

O fato mais proeminente na história da igreja no segundo e terceiro século, é a perseguição ao cristianismo pelos imperadores romanos. Embora não contínua, foi freqüentemente repetida através de vários anos. Terminou com o Édito de Constantino, 313 d.C. Constantino foi o primeiro imperador romano "Cristão".

A. Causas das Perseguições Imperiais:

1. *Adoração pagão hospitalar: O Cristianismo Exclusivo:*
Templos geralmente construídos para deidade de muitas nações para acomodar aqueles que viviam em países estrangeiros. Os cristãos desprezaram qualquer tentativa para incluí-los neste paganismo.
2. *A Adoração aos ídolos intercalado com a vida:*
Imagens em todas as casas, adoração a deuses constante, particular e publicamente. Os cristãos pareciam ser insociais, rabugentos, ateístas, sem deuses, odiados de seu próximo.
3. *Adoração ao Imperador:*
Mantido como uma prova de lealdade. Os cristãos adoravam seu Rei Jesus, e apareciam como desleais e conspiradores de uma revolução.
4. *O Judaísmo era Reconhecido*
A suposta ligação do cristianismo e judaísmo salvou-os da perseguição, porque aos judeus eram permitidos os seus costumes que proibiam a adoração a ídolos. Isto terminou com a destruição de Jerusalém.
5. *As Reuniões Secretas dos Cristãos:*
Levantou suspeita. Encontravam-se muito cedo ou a noite, freqüentemente em cavernas ou

catacumbas subterrâneas. O governo suspeitou de seus motivos. Estranhos eram excluídos da Ceia do Senhor.

6. *Igualdade na Igreja Cristã*
Todos homens eram considerados iguais. Um escravo podia tornar-se um Bispo. Isto era repugnante para os nobres, filósofos, e governadores. Os cristãos eram olhados como da ordem social.
7. *Interesses Comerciais:*
Os cristãos afetaram o interesse financeiro de certos tipos como: sacerdotes, trabalhadores nos templos idólatras, os fabricantes de imagens, escultores, artífices dos templos, e outros cujos trabalhos dependiam da adoração paga.
8. *A fome, os terremotos, os revezes militares, as conflagrações, os incêndios, causaram sempre as mais terríveis perseguições contra os cristãos, pois como inimigos dos deuses, só eles podiam ter provocado sua ira e por conseguinte, causando esses males.*
9. *Os Imperadores e os Cristãos:*
Entre os imperadores do segundo e terceiro séculos, encontramos homens bem intencionados, refletidos e moderados, dos quais se esperava o término das atroz perseguições de que, em geral, foram vítimas os indefesos cristãos. Verificou-se no entanto, o contrário, pois dos mais refletidos e honestos, procederam os mais nefandos decretos de perseguição e extermínio. Mesmo os imperadores seriamente interessados na reabilitação do Estado decaído, tornaram-se insistentes na perseguição e ódio aos cristãos. É que predominava a idéia de que para reabilitar o Estado, se fazia preciso, antes de mais nada, restaurar a religião nacional, e como os verdadeiros ideais do cristianismo fossem desconhecidos, foi ele sempre combatido como inimigo do Estado.

II. PERÍODOS DAS PERSEGUIÇÕES

A religião cristã foi proibida. De 250 a 313 d.C. a igreja estava sujeita a um sistema rígido, no Império inteiro. Uma série de atentados feitos pelo governo para esmagar aquela fé que estava sempre crescendo.

A. **Trajano a Antônio Pio** 98 - 161 d.C.

Não reconhecido, mas ainda não severamente perseguidos. Quando denúncias foram feitas, crentes que não queriam renegar-se eram postos a morte.

1. **Trajano** opôs-se às sublevações violentas contra os cristãos.
2. **Antônio Pio** foi um dos mais sábios e justos imperadores; no entanto, durante o seu governo os cristãos, a quem o povo fanático atribuía todos os males, como a fome, os terremotos, etc., sofreram constantes e cruéis perseguições. A despeito disso, porém, o Cristianismo crescia com admirável resistência, vencendo heroicamente as vicissitudes.
 - a. A perseguição nunca abateu o ânimo dos cristãos; ao contrário, encorajou-os mais, aumentando-lhes a fé e o amor à causa que defendiam.
3. *Mártires deste Período:*
 - a. Simão (Marcos 6:3), 107 d.C.
 - b. Inácio, 110 d.C., discípulo de João, bispo de Antioquia. Preso pelo imperador Trajano. Sentenciou que Inácio fosse lançado às feras em Roma. De viagem para esta cidade, escreveu uma carta aos cristãos romanos, pedindo-lhes que não tentassem conseguir o seu perdão. Escreveu: "*As feras atirem-se com avidez sobre mim. Se eles*

não se dispuseram lacerai-me, estraçalhai-me, quebrai-me os ossos, triturai-me os membros; vinde, cruéis torturas do demônio; deixai-me apenas que eu me una a Cristo."

B. Marco Aurélio, 161-180 d.C.

Um dos melhores imperadores romanos, homem bom e justo governador, mas um cruel perseguidor dos cristãos. Procurou restaurar antiga religião romana.

1. *As perseguições*, todavia, foram sobremodo favoráveis à propagação do cristianismo, pois levaram o povo a investigar a razão porque homens indefesos eram tão ferozmente perseguidos, calando otimamente no espírito popular o modo resignado e calmo como eles sofriam pela causa que defendiam.
2. *Mártires deste período:*
 - a. Policarpo, 155 d.C., discípulo do apóstolo João. Ofereceram-lhe a liberdade, se amaldiçoasse a Cristo, mas ele respondeu: "*Oitenta e seis anos faz que sirvo a Cristo e Ele só me tem feito bem; como podia eu, agora, amaldiçoá-lo, sendo Ele meu Senhor e Salvador?*" Foi queimado vivo.
 - b. Justino, 166 d.C. (Justino, o Mártir) Estudou filosofia mas converteu-se ao cristianismo. Um dos homens mais competentes do seu tempo.

C. Sétimo Severo, 193-211 d.C.

Período de confusão, imperadores fracos, prestaram pouca atenção ao cristianismo. Sétimo Severo começou severa perseguição em 202. O Egito e o norte da África foram as regiões que mais sofreram. Em Alexandria "muitos mártires eram diariamente queimados, crucificados ou degolados."

1. *Quarenta anos* de paz para os cristãos depois de Severo.
2. *Caracala*, 211-217 d.C. conferiu cidadania a todas as pessoas não escravas. Muitos cristãos beneficiados; agora somente escravos podiam ser crucificados ou atirados a feras selvagens.

D. Décio 249-251 d.C.

1. Decidiu-se, resolutamente, a exterminar o cristianismo, para assegurar a unidade e a estabilidade do império e reabilitar e impulsionar a religião do Estado.
2. Sua perseguição estendeu-se por todo o império, e foi muito violenta. Multidões pereceram sob as mais cruéis torturas.
3. Nos períodos em que a perseguição fora menos intensa, multidões se uniram às igrejas sem a menor noção dos deveres da vida cristã, e a maior parte nada sabia de regeneração. Vindo a perseguição, esses imediatamente se retrataram; porém os fiéis preferiam a morte à ignomínia.
4. Foi tão intenso, que Cipriano disse: "*O mundo inteiro está devastado*".

E. Valeriano, 257 d.C.

Mais severo do que Décio, visava destruir completamente o cristianismo. Muitos líderes foram executados, entre eles Cipriano, bispo de Cartago.

F. Galiano, 260-268 d.C.

Favoreceu os cristãos, fez voltar os desterrados, restaurou as propriedades da igreja e proibiu as perseguições. Os cristãos aproveitaram-se do período de relativa paz para recomporem as suas

forças, cresceram em número e riqueza. *Infelizmente ao lado do progresso, infiltrou-se na igreja o mundanismo* com o seu cortejo de calamidades e ruínas. Não menos prejudicial foi a entrada dos pagãos com as suas doutrinas e hábitos de vida que causaram fraqueza no seio das igrejas.

G. Diocleciano, 284-305 d.C.

Foi a última perseguição imperial e a mais severa; estendeu-se por todo o império. Durante dez anos, os cristãos foram caçados pelas cavernas e florestas; queimados, lançados às feras, mortos por todas as crueldades imagináveis. Consta que o imperador Diocleciano erigiu um monumento com esta inscrição: *"Em honra ao extermínio da superstição cristã"*

1. Ordenou que todas as Bíblias fossem queimadas.
2. Demoliu todas as igrejas.
3. Todos os que não renunciassem a Cristo perderiam sua cidadania e proteção da lei.
4. Congregações inteiras queimadas em suas igrejas.
5. Os Cristãos foram escravizados.

H. Contendas para o título de "César"

Caracterizam o período depois do reinado de Diocleciano. Os nomes principais incluindo: Constâncio Cloro, Galério, Severo, Maximiano Daia, Licínio, Maxêncio e Constantino.

1. Praticamente cessara a perseguição no Ocidente, embora continuasse no Oriente.
2. 311, Constantino e Licínio publicaram um *Edito de Tolerância*. Tratava-se, no máximo, de uma concessão relutante. O próprio edito exorta os cristãos a orarem pelos seus promulgadores.
3. **Galério**, que tomava o lugar de maior importância, morreu logo depois, no mesmo ano, 311, e deixou quatro concorrentes ao trono imperial.

I. Constantino, 306-337 d.C.

1. Chamado o "Primeiro Imperador Cristão".
 - a. Assumiu a autoridade depois da Batalha na Ponte Mulvina em 312, mas não foi um Imperador sólido até 323 d.C.
2. Reconheceu que seu império estava em decadência, e assim como Diocleciano procurou a força unificadora na religião pagã, este procurou-a no Cristianismo.
3. *A Batalha na Ponte Mulvina:*
 - a. Observando que Maxêncio empregara todos os recursos possíveis para ganhar as graças populares, convenceu-se de que somente o seu apoio ao Cristianismo poderia atrair-lhe a simpatia do povo.
 - b. Resolveu adorar o Deus dos cristãos, declarando ainda, certamente para encorajar as suas tropas, ter visto no firmamento uma bandeira em forma de cruz, na qual se lia: "In hoc signo vinces" (Com este sinal vencerás), e a cruz, emblema da paz, entre os homens, passou a ser emblema de guerra.
 - c. A vida subsequente de Constantino leva-nos a concluir ter sido falsa a sua visão. Político astuto e sem escrúpulos, nenhuma vida lhe era preciosa quando o seu interesse, estava em jogo. Assassinou traiçoeiramente a Lúcio e ordenou o extermínio de quase todos os seus parentes. Tal coração por certo não podia ser o de um homem regenerado.
 - d. Em todo o seu modo de agir para com a religião dos cristãos, Constantino deixou transparecer que a sua maior preocupação era conseguir a unidade. Apesar de se

considerar o "bispo dos bispos", não achou prudente batizar-se senão poucos dias antes de sua morte, ocorrida no ano 337.

J. O Editto de Tolerância, 313 d.C.

1. Por este editto Constantino concedeu "aos cristãos e a todos os outros plena liberdade de seguir a religião que a cada um convinha."
2. Favoreceu de todos os modos os cristãos.
 - a. Deu-lhes os principais cargos.
 - b. Isentou a ministros cristãos de impostos e do serviço militar.
 - c. Incentivou e ajudou a construção de igrejas.
 - d. Fez do cristianismo a religião de sua corte.
3. Em 325 expediu uma exortação geral, a todos os súditos para que abraçassem o cristianismo.

III. FORMAÇÃO DO CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

A. Escritos do Novo Testamento foram terminados no princípio do segundo século.

1. *As "Escrituras" do Antigo Testamento:* nos dias de Cristo havia na literatura da nação judaica um grupo de escritos chamados "As Escrituras", que hoje se chamam "Antigo Testamento", os quais eram comumente considerados pelo povo como tendo procedido de Deus.
 - a. Chamavam-os *A Palavra de Deus*. Jesus mesmo assim os reconheciam.
 - b. As igrejas cristãs, desde o princípio receberam estas Escrituras Judaicas como Palavra de Deus, e deram-lhes, em suas assembléias, o mesmo lugar que haviam ocupado nas sinagogas.
2. *A medida que apareciam os escritos dos Apóstolos*, iam sendo adicionados a essas Escrituras Judaicas, e gozavam da mesma consideração sagrada. Cada igreja queria, não só os que lhe havia sido endereçado, como também cópias dos escritos dirigidos às outras.
3. *Começo do Cânon do Novo Testamento:* Há indicações no Novo Testamento de que, ainda nos dias dos Apóstolos e sob a supervisão deles, começaram a serem feitas coleções dos seus escritos para as igrejas, os quais eram postos ao lado do Antigo Testamento como inspirada Palavra de Deus.
 - a. Paulo reivindicou para a sua doutrina a inspiração divina. I Coríntios 2:7-13; 14:37; I Tessalonicenses 2:13
 - b. O mesmo fez João, quanto ao Apocalipse, (Apocalipse 1:2).
 - c. Paulo citou um livro do Novo Testamento como "Escritura", I Timóteo 5:18: "*O trabalhador é digno do seu salário.*" Esta expressão só se encontra em Mateus 10:10 e Lucas 10:7, evidência de que o Evangelho de Mateus ou Lucas existia quando ele escreveu I Timóteo e era considerado como "Escritura."
4. *Livros "espúrios" do Novo Testamento:* Além dos livros "canônicos" do Novo Testamento, havia muitos outros, tanto bons como fraudulentos. Alguns bons eram tão valiosos que por um pouco, em algumas partes, foram tidos como Escrituras; outros que não passavam de contrafacções. O único critério no julgamento de um livro, se aceitável ou não, era verificar sua origem, se genuinamente apostólica.
5. *Por certo tempo, houve ligeira variação sobre que livros se consideravam canônicos.* Deve-se isto simplesmente ao fato de que, em virtude da morosidade dos meios de

comunicação na vasta expansão do império Romano, e devido a trezentos anos de incessante e implacável perseguição, não houve uma única oportunidade de as igrejas fazerem um esforço franco e razoável para chegar a um acordo geral a respeito de quais livros eram de genuína autoridade apostólica, até que Constantino, no começo do 4º Século, expediu o edito de tolerância religiosa.

B. Autoridade Divina Não foi estabelecida imediatamente

1. Nem todos livros foram aceitos, em todas as partes, como Escrituras.
2. Os livros de Hebreus, Tiago, II Pedro e Apocalipse foram aceitos no leste, mas foram rejeitados por muitos anos no oeste.

C. A Formação do Novo Testamento:

1. **Eusébio**, 264-340 d.C., bispo de Cesaréia, historiador da Igreja, foi preso durante a perseguição de Diocleciano.
2. Eusébio viveu até o reinado de Constantino, que aceitou o cristianismo e fez deste a religião de sua corte e do seu império. Veio a ser o principal conselheiro religioso desse imperador.
3. Um dos primeiros atos de Constantino, ao ascender ao trono, foi mandar preparar, sob a direção de Eusébio e a cargo de hábeis copistas, cinquenta Bíblias para as Igrejas de Constantinopla (Cidade construída por Constantino).
4. Os livros que constituíam o Novo Testamento de Eusébio são exatamente os mesmos que hoje conhecemos.
5. Numa investigação ampla, Eusébio procurou informar-se sobre quais livros haviam sido aceitos geralmente pelas igrejas. Na história da igreja, de sua autoria, fala de quatro classes de livros.
 - a. Os aceitos universalmente.
 - b. Os "discutidos": Tiago, II Pedro, Judas, II e III João.
 - c. Os livros "espúrios" entre os quais menciona: Os Atos de Paulo, o "Pastor de Hermas", o "Apocalipse de Pedro", a "Epístola de Barnabé e os "Ensinamentos dos Doze".
 - d. Os "inventados pelos hereges": "Evangelho de Pedro", "Evangelho de Tomé", "Evangelho de Matias", "Atos de André", "Atos de João".
6. **O concílio de Cartago**, 397 d.C. ratificou formalmente os 27 livros do Novo Testamento, que conhecemos.

IV. CRESCIMENTO DA ORGANIZAÇÃO ECLESIASTICA

A. Os Apóstolos Originais: Reverencia universal para eles como os companheiros, escolhidos por Cristo, fez-os líderes indiscutíveis.

B. O Concílio em Jerusalém, (50 d.C.) verificamos que todos os membros podiam se expressar a respeito da direção da igreja (Atos 15).

C. Período de Perseguição: (depois de 150 d.C.)

1. Até este tempo não havia distinção entre os títulos "presbíteros" e "bispos", sendo estes termos empregados como sinônimos.
2. Tornaram a ser usados para designar duas funções distintas. Esta alteração deu-se pelo

seguinte:

- a. As igrejas haviam crescido de modo que o seu governo tornou-se sobremaneira difícil.
 - b. Gradualmente os bispos se tornaram presidentes dos corpos de presbíteros, nos quais era confiada a direção das igrejas locais, ficando, porém, reservada ao bispo a administração da disciplina.
 - c. Assim o episcopado (conjunto de bispos) triunfava, conseguindo estabelecer, por algum tempo, tranquilidade e ordem, mas criando embaraços ao livre desenvolvimento espiritual e eclesiástico, fatalmente produzindo o sacerdotalismo dos tempos posteriores.
 - d. Os motivos que estabeleceram este novo regime parecem ter sido puros, mas quando ele foi empregado pelos sucessores menos dignos, redundou em grandes e lamentáveis abusos.
3. No fim do período encontram-se não somente distinção entre presbíteros e bispos, mas também uma porção de oficiais subalternos:
- a. Sub-diáconos
 - b. Leitores
 - c. Acólitos (4ª classe inferior da hierarquia eclesiástica)
 - d. Zeladores
 - e. Exorcistas
4. Pouco a pouco, as simples cerimônias foram tomando maior incremento e ênfase, ao mesmo tempo que a idéia de unidade orgânica ocupava o lugar da unidade espiritual.
- a. Resultou ficar o poder local nas mãos dos bispos, a fim de assegurar a unidade e ordem na comunidade - também se verificou a centralização do poder supremo num chefe da igreja universal.
 - 1) Foi assim que deram os primeiros passos para a doutrina da supremacia da Igreja de Roma como cátedra e centro de unidade de uma igreja universal.
 - 2) Acompanhando estas mudanças no ministério, crescia, como consequência da idéia dos méritos das obras exteriores e do sacramentalismo, o sacerdotalismo.
 - 3) Em virtude de sua consagração cerimonial, o pastor tornava-se o mediador entre Deus e os homens e o meio único pelo qual o leigo podia receber os benefícios espirituais.
 - 4) O sacerdotalismo, comum a todas as religiões pagãs, encontrou acolhimento nas igrejas cristãs.

D. Lembremos que também, a Igreja foi fundada nos dias do império romano, tomando gradualmente uma forma de governo semelhante ao do mundo político em que existia, e vindo a tornar-se vasta organização autocrática governada de cima.

V. DESENVOLVIMENTO DA DOUTRINA

A. A Fé:

Estava tornando de algum modo intelectual, crendo em um duro sistema de doutrina. Ênfase era depositada numa crença intelectual em vez de uma experiência interior

B. "Credo dos Apóstolos":

1. Uma tentativa de formar um credo conciso da fé.
2. Surgiu no meio das atividades missionárias como breve exposição de fé cristã, que devia ser aceita pelos candidatos antes do batismo.
3. É mais uma confissão de fé do que um credo. Está citado ainda hoje na maioria das igrejas denominacionais:

"Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra, em Jesus Cristo seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao inferno, ao terceiro dia ressuscitou dos mortos, subiu aos céus e está assentado à destra de Deus Pai, Todo-Poderoso, de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos; creio no Espírito Santo, na santa igreja católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição do corpo, e na vida eterna." Amém.

C. Escolas de Teologia Começaram a Surgir:

1. Escola de Alexandria, 180 d.C.; Panteno, (180 d.C.); Clemente, (150-215 d.C.) Orígenes, (185-254 d.C.)
2. Escola da Ásia Menor: Um grupo de professores, não um só lugar. Irineu, (morreu como mártir 200 d.C.)
3. Escola do Norte da África: Em Cartago, tinha mais influência nos pensamentos teológicos Europeus. Tertuliano, 160-220 d.C. (criou a palavra Trindade). Cipriano, morreu 253, d.C. como mártir.

D. Aparecimento de Seitas e Heresias:

Os líderes judeus eram mais estabelecidos na doutrina. Os gregos tenderam em ser mais filosóficos e injetaram muitas opiniões e teorias.

1. *Gnósticos*: (Em Grego, gnosis, "sabedoria" ou "conhecimento"). Amplamente variados em doutrinas e localidades. Surgiu na Ásia Menor. Um enxertamento de Cristianismo e paganismo. Criam em um número de deidades inferiores, emanados de Deus, alguns bons e alguns maus.
 - a. Procurou reduzir o cristianismo aos moldes pagãos.
 - b. Rejeitavam o Antigo Testamento e todo o Novo com exceção dos escritos de Paulo.
 - c. I João foi escrito, conforme supõem vários exegetas, para combater o gnosticismo.
 - 1) Pelo menos nessa epístola o apóstolo combate os dois aspectos do gnosticismo: a negação da divindade e humanidade de Cristo.
 - d. A base filosófica é o problema e a origem do pecado.
 - e. Sustentam que Deus é um espírito absoluto e causa todo o bem, enquanto a matéria é completamente maligna. Afirmam que o universo, uma mistura de espírito e matéria, é em parte divino, em parte maligno, obra, não de Deus verdadeiro, mas de Jeová, o Deus dos judeus que trabalha em oposição ao verdadeiro Deus.
 - f. Dividem a humanidade em três classes:
 - 1) Hílicos, que são absolutamente incapazes de Salvação.
 - 2) Psíquicos, que possuem uma alma e são capazes de salvação parcial.
 - 3) Pneumáticos (ou gnósticos), dotados de alma e capazes de salvação completa.
 - g. Ensinavam que a redenção é efetuada através do conhecimento revelado por Cristo -

- uma das "ações" mais elevadas que veio sobre Jesus, mero homem.
- h. Negavam a realidade do corpo, dos sofrimentos e da ressurreição do corpo.
 - i. Alguns dentre eles eram sinceros, outros libertinos.
 - j. Por toda a segunda parte do terceiro século, o gnosticismo tornou-se fortemente agressivo, tendo-se espalhado por todas as igrejas cristãs, em cujo seio conquistou muitos dos seus mais inteligentes membros. Pode-se dizer que o gnosticismo, gradualmente, realizou a mistura do Cristianismo com o paganismo, disto resultando a transformação da religião de Cristo e dos apóstolos no Cristianismo do segundo e terceiro séculos em diante, que assim se tornou a base para muitas seitas, modernamente proclamadas cada qual como religião verdadeira, e mui especialmente para a formação da Igreja Católica Romana. Notemos a semelhança também em "Ciência Cristã".
2. *Os Ebionitas* (Hebreu, "pobre")
 - a. Esta seita teve origem nos tempos apostólicos, continuando a existir por cerca de duzentos e cinquenta anos.
 - b. Durante o primeiro século permaneceram os ebionitas em comunhão com os cristãos.
 - c. No segundo século foram repudiados, passando então a formar uma organização distinta.
 - d. As suas doutrinas de maior relevo eram: Um Deus Verdadeiro, o criador do universo e autor da lei mosaica; Jesus, o Messias, porém, não divino.
 - e. Rejeitavam a Paulo como apóstolo e portanto, como autor inspirado.
 - f. Insistiam que a Lei e os costumes judaicos deviam ser guardados.
 3. *Maniques*
 - a. Afirmavam ser o mundo uma mistura de dois elementos: luz (divindade) e trevas (corrupções), e que o homem criado pelo príncipe das trevas para vencer o espírito do sol, príncipe da luz, é composto de alma da natureza do reino da luz e corpo da natureza do reino das trevas.
 - 1) Acrescentam ainda, que o objetivo do aparente (pois não apareceu realmente em corpo, ensinavam), advento de Cristo no mundo foi auxiliar o homem a vencer o mal dentro de si mesmo, e destarte libertar a lua.
 - b. Consistia no enxerto de elementos do Budismo e do Cristianismo na velha religião zoroastriana.
 - c. Fundada no começo do século terceiro, cerca do ano 238 d.C. por Mani, natural da Pérsia.
 - d. Foi preparada como sendo o único Cristianismo verdadeiro, e o seu fundador, graças à sua capacidade intelectual, gozava de grande simpatia e conceito, o que lhe valeu a fácil disseminação de suas doutrinas por toda a Pérsia, de onde pouco depois, elas se espalharam por todo o império.
 - e. Pode-se dizer que os maniques estimularam:
 - 1) O espírito ascético nas igrejas com o desprezo pelo casamento e exaltação da virgindade.
 - 2) A introdução das cerimônias pomposas nas igrejas.
 - 3) A sistematização da doutrina cristã para combater essa heresia.
 - 4) A introdução nas igrejas da doutrina das indulgências.
 4. *Os Montanistas*:
 - a. Um movimento claramente cristão.

- b. "Para o pensamento Cristão do começo do século II, havia uma diferenciação entre o Espírito Santo e Cristo, mas ambos eram considerados Deus. Isso é evidente na fórmula batismal trinitária, que a essa época, já estava substituindo as outras fórmulas mais antigas em nome de Cristo." ¹
- c. "O montanismo representava a nação da dispensação especial do Espírito Santo, combinada com uma nova manifestação do entusiasmo profético primitivo e com a convicção de que o fim dos tempos estava próximo."¹
- d. Representava também uma reação contra as tendências seculares que já se faziam sentir na Igreja.
- e. Por volta de 156 d.C., Montano proclamou-se instrumento passivo, mediante o qual falava o Espírito Santo. Nessa nova revelação Montano declarou cumprida a promessa de Cristo e inaugurada a dispensação do Espírito Santo.
- f. Afirmava que estava próximo o fim do mundo, e prestes a ser estabelecido, na Frigia, a nova Jerusalém.
- g. Ensinava que deviam ser praticados o ascetismo mais severo, o celibato, jejuns e abstinência de carne.
 - 1) Foi um protesto contra o crescente mundanismo que invadia a Igreja.
- h. Foi convertido Tertuliano, por volta de 200, que tornou-se o montanista mais eminente.

VI. DISCÓRDIA A RESPEITO DA DIVINDADE

Durante este período, cumpriu-se as palavras de Jesus e os apóstolos sobre a entrada de lobos cruéis depois da partida dos apóstolos. Entrou muitos ensinos falsos, como já estudamos, que representavam um enorme perigo para a Igreja. Começou a surgir muitas idéias falsas a respeito da Divindade. Quase todos os registros que temos para estudar deste período, são escritos por homens inclinados pelo lado da crença que conduziu até o trinitarianismo.

Vamos citar aqui algumas declarações de um grande historiador deste século, H. G. Wells. Inglês, homem não religioso, ele tentou apresentar na sua história do mundo "Esboço da História" (The outline of History), o Cristianismo, e os eventos concernentes do mesmo, numa maneira imparcial.

"A rápida expansão do ensino cristão deve mais a Paulo que a qualquer outro homem singular. Dentro de duas décadas da crucificação, esta nova religião foi já atraindo a atenção dos governadores romanos em diversas províncias. Contudo ela opõe-se a certas instituições fundamentais do mundo romano. Não toleraria a divindade de César, nem mesmo por um gesto mudo ao altar, os cristãos consentiriam em adorar o imperador, e assim suas vidas estavam em perigo.

As primeiras evidências de Cristianismo em literatura não cristã, nós encontramos quando oficiais romanos confusos começaram a escrever a outros e trocar opiniões sobre o estranho problema apresentado por esta rebelião contagiante de um povo de outro modo inofensivo.

Foi inevitável que toda fé religiosa viva naquele tempo, e todo pensamento religioso e filosófico que entrasse em contato com o cristianismo, viesse a um arrazoamento e trocasse frases e idéias. As esperanças dos Nazarenos primitivos identificaram Jesus com o Cristo.

Jesus tinha chamado homens e mulheres a uma tarefa gigantesca, para a renúncia de si, e novo nascimento no reino de amor. A linha de menor resistência para o convertido vacilante foi

¹do Livro "História da Igreja" por W. Walker.

intelectualizar-se fora deste plano de doutrina, desta proposição rígida, e entrar em complicadas teorias e cerimônias, que não perturbariam o "ser" dele. Quão mais fácil é aspergir-se com sangue que justificar-se, do que expulsar de si a malícia e rivalidade; comer pão e beber vinho e pretender alguma divindade absorvedora; dar velas em vez do coração; raspar a cabeça e reter dentro do cérebro um segredo ou trama. O mundo estava cheio de tais tolices filosóficas e teológicas evasivas, no começo dos séculos da era cristã.

Na declaração de que ele (Jesus) era mais que um homem e divino, Paulo e seus outros seguidores, abriram um vasto campo de argumentos. Jesus era Deus? Ou Deus o tinha criado? Ele era idêntico a Deus ou separado de Deus?

Pelo quarto século da Era Cristã nós encontramos todas as comunidades cristãs tão agitadas e exasperadas pelos argumentos tortuosos e alusivos sobre a natureza de Deus, quanto a ser largamente negligente dos mais simples ensinamentos de caridade, serviço e fraternidade que Jesus tinha incutido.

As principais vistas que o historiador observa são aquelas dos ARIANOS, SABELIANOS e os TRINITARIANOS. Os Arianos seguiram Ário, que ensinava ser Cristo menos que Deus; Os Sabelianos ensinavam que Ele era um modo ou aspecto de Deus - Deus era Criador, Salvador e Consolador, exatamente como um homem pode ser pai, curador e hóspede; os Trinitarianos, de quem Atanásio foi o grande líder, ensinavam que o Pai, o Filho, e o Espírito Santo eram três pessoas distintas, mas um Deus.

É difícil compreender a literatura sobrevivente do tempo sem um forte senso do dogmatismo, rancores, rivalidades e pedantismos dos homens que laceraram o Cristianismo pela causa destes requintes teológicos. A maioria dos discutidores Trinitarianos - são principalmente os documentos Trinitarianos que sobrevivem - acusam seus antagonistas, provavelmente com razão, de motivos medíocres e secundários, mas eles fazem de uma maneira tal que trai sua própria base espiritual claramente. Ário, por exemplo, é acusado de adotar opiniões heréticas, porque não foi apontado bispo de Alexandria. Estas diferenças sobre a constituição da Divindade misturaram-se com disputas políticas e internacionais. A maioria dos invasores bárbaros do império foram arianos; provavelmente porque suas mentes simples encontraram a posição Trinitariana incompreensível.

É fácil para o cético zombar destas disputas. Mas, mesmo que nós pensemos que estas tentativas de ver como Deus era aparentado a si próprio foram presunçosas e intelectualmente monstruosas — todavia nós somos obrigados a reconhecer que abaixo destes requintes absurdos de dogmas impossíveis, houve freqüentemente uma paixão real pela verdade — mesmo que fosse uma verdade mal concebida. Ambos os lados produziram genuínos mártires.

Além disso, porque a história da comunidade cristã no quarto e quinto séculos é largamente um registro destas disputas infelizes, que não devem confundir-nos ao fato que o Espírito de Jesus viveu e enobreceu muitas vidas entre os cristãos.

Nem estas infelizes disputas preveniram o cristianismo de manter uma frente unida contra mostras gladiatórias e contra a adoração degradante de ídolos e o deus César.

A. Arianismo: a controvérsia ariana que durou um século, teve grande influência sobre a humanidade do tempo.

1. *Ário*, presbítero da igreja de Alexandria, onde gozara de grande influência pela sua vida asceta [que se exercita (espiritualmente)], foi educado em Antioquia.
2. *Os arianos* sustentavam que o *Logos* foi a primeira criação de Deus e que existiu antes da encarnação, embora sem ser eterno, tendo criado tudo (inclusive o Espírito Santo), tornando-se, por isso, digno de adoração, ainda que não representasse a Deus, nem o revelasse em sua perfeição.

- a. As influências monarquianas recebidas em Antioquia levaram Ário a realçar a unidade e existência auto-suficiente de Deus. Na medida em que seguia os ensinamentos de Orígenes, representava a doutrina do grande Alexandrino que conceituava o Cristo como um ser criado. Como tal, Cristo não era da mesma substância de Deus, tendo sido feito do "nada" como as demais criaturas.
3. *A controvérsia ariana* continuou por diversos séculos, até cerca do ano 600.
 - a. Em geral os alemães e a maior parte dos gregos eram arianos, enquanto os latinos defendiam a ortodoxia" (trinitarianismo).
4. *A controvérsia ariana* teve começo em Alexandria no ano 318, espalhou-se rapidamente pelas regiões circunvizinhas. Depois de várias tentativas para dissuadir Ário do seu erro, excomungaram-no publicamente em Alexandria no ano 321.

B. Trinitarianismo:

1. *Montano*, fundador de "Montanismo", advogou a separação da Divindade em três pessoas (156 d.C.). Alguns autores dos tempos denunciaram este ensino como a obra dos demônios.
 - a. As doutrinas de Montano ganharam tanto terreno, que houve diversos concílios para suprimi-las, e por fim, foram oficialmente condenadas.
2. *Tertuliano*, aceitou o ensino de Montano a respeito da Divindade, e a doutrina espalhou-se rapidamente. Em 200 d.C. Tertuliano inventou a palavra Trindade.
 - a. Filho de um centurião pro-consular, ele nasceu em Cartago, e foi educado na lei e na literatura romana e grega, e bastante influenciado pela filosofia estoica.
 - b. Em meio de sua carreira religiosa, as suas idéias sofreram radical transformação, levando-o a se tornar montanista, pela revolta que lhe causaram o escandaloso liberalismo e a indisciplina da igreja de Roma.
 - 1) Os escritos de Tertuliano fornecem abundantes evidências da corrupção moral nas igrejas.
 - c. Ensina em seus escritos a doutrina da Trindade, embora se incline a negar a coeternidade e a co-igualdade do Filho e do Espírito Santo como o Pai.
 - d. Ele define a Divindade em termos que antecipam a conclusão a que chegaria o Concílio Niceno mais de um século depois.
 - e. Escreveu sobre a Divindade; "Todos são de um, por unidade de substância, embora ainda esteja oculto o mistério da dispensação que distribui a unidade numa Trindade, colocando em sua ordem os três, Pai, Filho e Espírito Santo; três contudo. . . não em substância, mas em forma, não em poder, mas em aparência, pois eles são um de uma só substância, graus e formas e aspectos são reconhecidos com o nome de Pai, Filho e Espírito Santo." Tertuliano descreve essas distinções da Divindade como "pessoas".
 - f. Referindo-se aos seus próprios dias (213-218), diz Tertuliano: "Os simples — não os chamaria de ignorantes ou incultos — os quais constituem a maioria dos fiéis, mostram-se perplexos diante da dispensação dos Três em Um, alegando que a sua própria regra de fé os afasta da pluralidade de deuses existentes no mundo e os leva ao único Deus verdadeiro."
 - 1) Era-lhes difícil perceber a distinção entre a idéia trinitária e as afirmações triteístas.

C. Monarquianos: Até certo ponto, a nova discussão cristológica parece ter sido resultado indireto do montanismo. A seus adversários dá-se em geral a designação de "monarquianos", termo

inventado por Tertuliano, pois afirmavam a unidade de Deus. Dividiam-se em dois grupos muito distintos: os que afirmavam que Jesus era Filho de Deus por adoção, chamados de "monarquianos dinâmicos", e os que diziam que Cristo não passava de uma forma temporária de manifestação do Deus único, conhecidos como "monarquianos modalistas."

1. *Monarquianos Dinâmicos:*
 - a. Mais forte e duradouro no Oriente.
 - b. Conceituava o *Logos*, que descrevia também como Filho de Deus, em termos de atributo impessoal do Pai.
 - c. Jesus era um homem, considerado único por causa do seu nascimento virginal, cheio do poder de Deus, isto é, o *Logos de Deus*.
 - d. Mediante essa inspiração interior, Jesus era unido a Deus, por amor, em vontade, mas não em substância.
 - e. Essa união é de natureza moral, mas indestrutível.
 - f. Em virtude dela, Cristo ressurgiu dentre os mortos e recebeu uma espécie de divindade delegada.
2. *Monarquianos Modalistas:*
 - a. Muito mais numerosos que os dinâmicos.
 - b. A muitos atraíam pelas razões aduzidas por Tertuliano, a saber; do que, diante do politeísmo pagão, a unidade de Deus devia ser considerada artigo primacial da fé cristã, e qualquer concepção do tipo da do *Logos* e a do monarquianismo dinâmico, parecia-lhes negar essa unidade.
 - c. Noeto, um homem oriental, era o líder deste partido.
 - d. Sabélio tornou a ser o líder mais notável da escola modalista.
 - e. Em essência, seu pensamento teológico era igual ao de Noeto. A única diferença estava no fato de ser muito mais bem estruturado, notadamente por dar a devida atenção ao Espírito Santo, tanto quanto ao Filho.
 - 1) Pai, Filho e Espírito Santo são um só e o mesmo. São os três nomes do Deus único que se manifesta de formas diferentes, segundo as circunstâncias.
 - 2) Enquanto Pai, é o legislador do Antigo Testamento; enquanto Filho, é encarnado; e enquanto Espírito Santo, é o inspirador dos apóstolos.
 - 3) Mas é o mesmo e único Deus que assim aparece nessas relações sucessivas e transitórias, exatamente como se pode, a um mesmo indivíduo, atribuir títulos diferentes segundo os diversos papéis que represente.
 - f. Embora tenha sido logo excomungado em Roma, Sabélio granjeou numerosos seguidores no oriente.
 - g. Não deixou de influenciar consideravelmente o desenvolvimento do que viria a ser a cristologia "ortodoxa".
 - 1) A identificação absoluta entre Pai, Filho e Espírito Santo, por ele (Sabélio) proposta, foi rejeitada, mas subentendia uma noção de igualdade que veio, por fim — como por exemplo, no caso de Agostinho — a suplantiar a idéia de subordinação do Filho e do Espírito que caracterizava a cristologia do *Logos* advogada por Tertuliano e Atanásio.

Em conclusão, devemos notar: Sessenta anos antes do Concílio Niceno, o Ocidente (representado por Roma) tinha chegado às conclusões facilmente equacionáveis com as de Nicéia. Não era, porém, o caso do Oriente, que não conseguira alcançar tal grau de uniformidade a respeito da natureza de Jesus Cristo.

VII. OS QUE ACREDITAM NA UNICIDADE E A HISTÓRIA DA IGREJA ²

Como temos vistos nos capítulos precedentes, a Bíblia ensina, de modo coerente, a unicidade de Deus. No entanto, a igreja, hoje, quer nos fazer crer que, através de toda a história, a igreja Cristã tem aceitado a doutrina da trindade. Será verdade? Os líderes da igreja, na era pós-apostólica, eram trinitarianistas? Há, na história da igreja, pessoas que têm acreditado na Unicidade?

Em nossos estudos sobre esse assunto, chegamos a três conclusões que passaremos a discutir neste capítulo. 1. Tanto quanto podemos afirmar, os primeiros líderes cristãos, nos dias que se seguiram imediatamente à era apostólica acreditavam na Unicidade. Não há dúvidas de que jamais ensinaram a doutrina da trindade, como ela se apresentou mais tarde e como existe nos dias de hoje. 2. Mesmos após o aparecimento da doutrina da trindade, na parte final do segundo século, ela não tomou o lugar da Unicidade, como doutrina dominante, até por volta de 300 d.C., e não se estabeleceu universalmente se não mais tarde, no quarto século. 3. Mesmo depois do trinitarianismo se tornar dominante, os crentes da Unicidade continuaram a existir através de toda a história da igreja.

A Era Pós-Apostólica

Os historiadores da Igreja concordam que a doutrina da trindade não existiu, como a conhecemos hoje, imediatamente depois da era pós-apostólica. ³ Os líderes cristãos que vieram logo após os apóstolos não se referiam a uma trindade, antes, afirmavam sua crença no monoteísmo do Antigo Testamento e aceitavam sem questionar a divindade e a humanidade de Jesus Cristo. ⁴ Uma vez que esses líderes deram ênfase a doutrinas associadas à Unicidade, podemos supor que a igreja pós-apostólica aceitava a unicidade de Deus.

Os mais preeminentes patriarcas pós-apostólicos foram Hermes, Clemente de Roma, Policarpo e Inácio, seu ministério abrangeu o período de mais ou menos 90 a 140 d.C.

Irineu, um preeminente líder Cristão, que morreu por volta de 200 d.C., tinha uma teologia essencialmente Cristocêntrica e a crença firme de que Jesus era Deus manifestado em carne. Ele acreditava que o Logos, que se encarnou em Jesus Cristo, estava na mente de Deus, e era o próprio Deus.⁵

Alguns estudantes classificam Irineu como um crente na "trindade econômica". Esse ponto de vista afirma que não há trindade eterna, mas, apenas, uma trindade temporária. É muito provável, portanto, que Irineu acreditasse numa triplicidade de papéis ou atividades de Deus mais do que uma trindade de pessoas, acreditando, assim, na Unicidade. O certo é que ele não acreditava na doutrina da trindade do modo como ela se estabeleceu mais tarde.

Não encontramos referências à trindade como tal nos primeiros escritos pós-apostólicos; eles se referem a apenas um Deus e a Jesus como Deus. Possíveis referências a uma emergente doutrina trinitarianista, entretanto, aparecem em alguns escritos do segundo século, principalmente em algumas referências que parecem apontar a uma fórmula batismal triúna.

Há várias explicações possíveis para essas poucas referências a um conceito trinitariano, existentes nesses escritos. 1. Os leitores e estudiosos trinitarianos podem ter entendido mal essas

² Livro Unicidade de Deus por David K. Bernard

³ Veja o IX capítulo no Livro Unicidade de Deus por David Bernard

⁴ Heick, I, 46-48

⁵ Kenneth Latourette, A History of Christianity (Nova Iorque: Harper e Row 1953), pág. 143.

passagens devido a sua própria tendência, assim como interpretaram mal passagens bíblicas tais como Mateus 28:19. 2. Há uma forte possibilidade de que os copistas trinitarianistas, mais tarde, intercalaram (adicionaram) passagens de sua própria autoria — uma prática muito comum na história da igreja. Isso é muito provável uma vez que as únicas cópias existentes desses primeiros escritos, foram feitas centenas de anos após os originais. Existe, por exemplo, um escrito primitivo chamado *Didakhe* que afirma que a comunhão deveria ser ministrada apenas àqueles que são batizados no nome do Senhor, mas menciona, também, o batismo em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.⁶ Entretanto, a cópia mais antiga existente do *Didakhe* está datada de 1056 d.C.⁷ Sem dúvida falsas doutrinas já tinham começado a surgir dentro da igreja, em alguns casos. De fato, falsas doutrinas existiam mesmo nos dias apostólicos (apocalipse 2 e 3), até mesmo falsas doutrinas a respeito de Cristo (II João 7; Judas 4). Levando tudo isso em consideração, no entanto, concluímos, a partir da evidência histórica, que os líderes da igreja, nos tempos que se seguiram imediatamente aos dias dos doze apóstolos de Cristo, acreditavam na Unicidade.

Unicidade A Crença Dominante No Segundo e Terceiro Séculos

Temos salientado que a Unicidade era a única crença significativa nos dois primeiros séculos, em relação a Divindade. Mesmo quando formas binitarianismo e trinitarianismo começaram a se desenvolver, não alcançaram projeção senão no final do terceiro século. Durante esse tempo, havia muitos notáveis líderes e mestres da Unicidade que se opunham a essa mudança na doutrina. (Para apoio à nossa afirmativa de que a Unicidade era a crença predominante durante o período que se seguiu aos apóstolos, veja o estudo intitulado "Monarquianismo Modalístico; Unicidade na História da Igreja Primitiva" no final deste capítulo. É um estudo a respeito dos maiores mestres da Unicidade e sua doutrina durante esse período da história da igreja.)

Monarquianismo Modalístico

Monarquianismo Modalístico é o termo usado, muitas vezes, pelos historiadores da igreja para se referir ao ponto de vista da Unicidade. A *Enciclopédia Britânica* o define do seguinte modo:

"O Monarquianismo Modalístico, aceitando que toda a plenitude da Divindade habita em Cristo, se opôs à "subordinação" de alguns escritores da igreja, e sustentou que os nomes Pai e Filho eram somente diferentes designações do mesmo sujeito, o único Deus, que "com referência às relações que tinha previamente mantido com o mundo é chamado o Pai, mas que com referências à sua aparição em humanidade, é chamado o Filho."⁸

Os mais preeminentes modalistas foram Noetus, de Esmirna, Práxeas, e Sabellius. Noetus foi mestre de Práxeas, na Ásia Menor; Práxeas pregou em Roma, por volta de 190, e Sabellius pregou em Roma por volta de 215.⁹ Por ser Sabellius o mais conhecido dos modalistas, os historiadores, muitas vezes, chamam a doutrina de Sabelionismo. Sabellius se baseou fortemente nas Escrituras, especialmente em algumas passagens, tais como: Êxodo 20:3, Deuteronômio 6:4, Isaías 44:6 e João

⁶ Baptism (Early Christian), Encyclopedia of Religion and Ethics (New York: Charles Scribner's Sons, 1951), pag. 385.

⁷ Klotzsche, E.H., *The History of Christian Doctrine* (Grand Rapids: Baker Book House, 1979), p. 18.

⁸ "Monarchianism," *Encyclopedia Britanica*, XIX, 686.

⁹ Heick, I, 150

10:38. ¹⁰ Ele disse que Deus revelou a Si mesmo, como Pai na criação, Filho na encarnação, e Espírito Santo na regeneração e santificação. Alguns interpretam essa afirmativa como querendo dizer que ele acreditava que essas três manifestações fossem estritamente consecutivas no tempo. Se for assim interpretada, Sabellius não refletiu as crenças do antigo modalismo ou da moderna Unicidade.

A *Enciclopédia Britânica* descreve da seguinte maneira, a crença Sabellius: "Sua proposição central era, com efeito, que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são a mesma pessoa, três nomes ligados a um mesmo ser. O que mais pesava para Sabellius era o interesse monoteístico."¹¹

Encontramos muito de nossa informação sobre os modalistas em Tertuliano (falecido em 225), que escreveu um trabalho contra Práxeas. Nesse tratado ele registrou que durante o seu ministério, "a maior parte dos crentes" aderiu à doutrina da Unidade.

"Os simples, na verdade (não os chamarei de ignorantes ou iletrado), que sempre constituem a maioria dos crentes, são iniciados na dispensação (de Três em Um), no próprio terreno em que sua Regra de Fé os traz da pluralidade de deuses do mundo para o único Deus verdadeiro; não entendendo que, embora Ele seja o único deus, tem que ser aceito em Sua própria economia. A ordem numérica e a distribuição da Trindade, eles presumem ser uma divisão da Unicidade."¹²

Os Crentes da Unicidade Desde o Quarto Século Até o Presente

Encontramos evidência da existência de muitos outros crentes da unicidade através de toda a história da igreja, além daqueles descritos no documento apresentado neste capítulo. Aachamos que os crentes que descobrimos representam apenas a ponta de um iceberg. Alguns escritores têm encontrado evidências da existência da doutrina da Unicidade entre os Priscilianistas (de 350 a 700), Euchetas (por volta de 550 a 900), e Bogomilos (por volta de 900 a 1400).¹³ Parece que a maior parte dos crentes da Unicidade não deixaram registro escrito. Outros tiveram suas obras escritas destruídas pelos seus oponentes vitoriosos. Muitos foram perseguidos e martirizados, e seus movimentos foram destruídos pelo Cristianismo oficial. Não sabemos quantos dos crentes da Unicidade e de seus movimentos a história deixou de registrar, ou quantos dos assim chamados hereges eram, na realidade, crentes da Unicidade. O que encontramos, no entanto, revela que a crença da Unicidade sobreviveu apesar da violenta oposição que enfrentou.

Na Idade Média, o preeminente estudioso e teólogo Abelardo (1070-1142) foi acusado de ensinar a doutrina de Sabellius (Unicidade). ¹⁴ Seus inimigos o impediram de continuar ensinando. Ele procurou refúgio num mosteiro em Cluny, França, e lá morreu.

Com a Reforma muitos se opuseram à doutrina da trindade, aceitaram a crença da Unicidade. um antitrinitarianista famoso do tempo da Reforma Miguel Serveto (1511-1553), físico espanhol. Ele teve apenas alguns seguidores, embora alguns historiadores o considerem como força motriz do desenvolvimento do Unitarianismo. Ele, entretanto, não era, absolutamente, unitarista, pois aceitava Jesus como Deus. O modo como é descrito indica, claramente que ele era um verdadeiro crente da Unicidade: "A negação, por parte de Serveto, da tri-personalidade da Divindade e da eternidade do

¹⁰ "Sabellius" *Encyclopedia Britanica*, XIX, 791

¹¹ Loc. cit.

¹² Tertullian, *Against Praxeas*, 3 rpt. in Alexander Roberts and James Donaldson, eds., *The Ante-Nicene Fathers* (rpt. Grand Rapids: Eerdmans, 1977), III, 598-599.

¹³ Thomas Weisser, *After the way Called Heresy* (n.p., 1981), p. 115.

¹⁴ Heick, I, 268

Filho, junto de seu anabaptismo, tornou seu sistema abominável tanto aos Católicos quanto aos Protestantes, apesar de seu intenso Biblicismo, sua apaixonada devoção à pessoa de Cristo, e seu esquema Cristocêntrico do universo." ¹⁵

Serveto escreveu, "Não há outra pessoa de Deus a não ser Cristo... a completa divindade do Pai está nele." ¹⁶ Serveto foi tão longe a ponto de chamar a doutrina da trindade de monstro de três cabeças. Ele acreditava que ela, necessariamente, levava ao politeísmo e era um engano proveniente do diabo. Ele acreditava, também, que porque a igreja aceitara o trinitarianismo, Deus permitira que ela viesse a ser governada pelos papas e assim, perdesse a Cristo. Ele não podia entender porque os protestantes mesmo se afastando do catolicismo ainda insistiam em manter a doutrina da trindade, não bíblica e criada pelos homens.

Serveto foi queimado numa fogueira, em 1553, por sua crença na Unicidade, com a aprovação de João Calvino (embora Calvino preferisse que fosse decapitado). ¹⁷

Emanuel Swedenborg (1688-1772) foi um escritor religioso e filósofo sueco que manifestou um bom entendimento da unicidade de Deus. Ele ensinou várias outras doutrinas que são muito diferentes daquilo que cremos, mas ele compreendeu o que Jesus é, realmente. ele usou o termo *trindade*, mas observando que significava apenas "três tipos de manifestação" e não uma trindade de pessoas eternas. Ele usou Colossenses 2:9 para provar que toda a "trindade" estava em Jesus Cristo, e se referiu a Isaías 9:6 e João 10:30 para provar que Jesus era o Pai. Ele negava que o Filho tivesse sido gerado desde a eternidade, afirmando que o Filho de Deus era a humanidade pela qual Deus enviara a Si mesmo ao mundo. ele acreditava, também, que Jesus era Jeová Deus, que assumira a humanidade para salvar o homem. Swedenborg escreveu:

"Aquele que não buscar o Deus verdadeiro do céu e da terra, não poderá entrar no céu, porque o céu é céu do único Deus, e esse é Jesus Cristo, que é Jeová, o Senhor, desde a eternidade o Criador, no tempo o Redentor, e para a eternidade o Regenerador: conseqüentemente, Aquele que é, ao mesmo tempo, Pai, Filho e Espírito Santo; e este é o Evangelho que deve ser pregado." ¹⁸

Para ele Deus (Jesus se compunha do Pai, do Filho, e do Espírito, assim como o homem se compõe da alma, do corpo de espírito — uma analogia inapropriada. No entanto, a explicação de Swedenborg para a Divindade é espantosamente semelhante à aceita pelos crentes da Unicidade, hoje.

O século XIX viu o aparecimento dos escritores da Unicidade. John Miller, ministro presbiteriano, foi um desses crentes da Unicidade, na América. Em seu livro: *É Deus uma Trindade?* escrito em 1876, ele usou uma terminologia ligeiramente diferente daquela dos modernos escritores da Unicidade, mas as crenças que ele expressava são basicamente idênticas às dos crentes da unicidade, hoje. É espantoso ler seu livro e ver quão perto ele se coloca do ensino da moderna Unicidade, inclusive em seu modo de entender Mateus 28:19. Miller acreditava que a doutrina da trindade não era bíblica e que ela impedia enormemente a igreja de alcançar os judeus e os muçulmanos. Ele declarou, enfaticamente, a perfeita divindade de Jesus Cristo.

Os crentes da Unicidade existiram, também, na Inglaterra do século XIX. David Campbell

¹⁵ "Servetus, Michael," *Encyclopedia Britannica*, XX, 371-372.

¹⁶ "Unitarianism", *Encyclopedia of religion and Ethics*, XII, 520.

¹⁷ Walter Nigg, *The Heretics* (New York: Alfred A. Knopf, 1962), pp. 324-328.

¹⁸ Emmanuel Swedenborg, *The Mystery of God?* (1771; rpt. Portland, Or.: Apostolic Book Publishers, n.d.), p. 29. See Emmanuel Swedenborg, *The True Christian Religion* (New York: Houghton, Mifflin, 1907), I, 42.

relatou ter encontrado um livro, escrito em 1828, que ensinava a Unicidade.¹⁹ O autor era John Clowes, pastor da igreja de São João, em Manchester.

No século XX a força mais significativa da Unicidade tem sido os Pentecostais Unicistas, embora alguns estudiosos classifiquem o famoso teólogo neo-ortodoxo, Karl Barth, como modalista (Unicidade).²⁰ Charles Parham, o primeiro líder do movimento Pentecostal do vigésimo século, começa a ministrar o batismo pela água, em nome de Jesus, embora, aparentemente, não ligasse essa prática a uma negação explícita do trinitarianismo.²¹ Depois de 1913, muitos Pentecostais rejeitaram o trinitarianismo e a fórmula batismal trinitarianistas, da do início do movimento da moderna Unicidade Pentecostal.

Hoje existem várias organizações da Unicidade Pentecostal. As maiores, com sede nos Estados Unidos da América, são: a igreja Internacional Pentecostal Unida (de longe a maior); as Assembléias Pentecostais do Mundo; as Igrejas Mundiais Caminho da Bíblia de Nosso Senhor Jesus Cristo; as Assembléias do Senhor Jesus Cristo; a Igreja do Senhor Jesus Cristo da Fé Apostólica e a Santa Igreja Vencedora Apostólica de Deus. Grupos da Unicidade Pentecostal, com sedes em outros países, incluem a Igreja Pentecostal Unida da Colômbia, igreja nacional e a maior igreja não católica do país; a Assembléia Apostólica da Fé em Cristo Jesus, com sede no México; o movimento da Unicidade Pentecostal na Rússia; a Verdadeira Igreja de Jesus, uma igreja nacional, fundada por crentes chineses no continente, mas cuja sede, agora, é em Taiwan. Há muitas organizações menores (aproximadamente 130, no mundo todo), igrejas independentes, e comunidades religiosas que professam a doutrina da Unicidade Pentecostal.

Para documentar algumas das afirmativas feitas nesse capítulo, reproduzimos, a seguir, em estudo preparado em 1978 para uma aula de religião na Rice University, em Houston, Texas. Note, particularmente, duas importantes conclusões nos primeiros parágrafos: 1. O trinitarianismo não estava solidamente estabelecido até o final do quarto século; 2. A grande maioria de todos os cristãos da primitiva igreja pós-apostólica abraçou a Unicidade, e foi a doutrina mais poderosa a se opor ao ponto de vista trinitarianista, e ganhou aceitação entre os líderes da igreja.

Essas conclusões e a informação apresentada no estudo não são apenas de nós mesmos, mas foram por nós recolhidas de conhecidos historiadores da igreja e de outras respeitáveis fontes apresentadas nas notas de rodapé e na biografia.

MONARQUIANISMO MODALÍSTICO A UNICIDADE NA HISTÓRIA DA IGREJA PRIMITIVA

por David Bernard

Qual é a natureza de Deus? Qual o relacionamento de Jesus Cristo com Deus? Essas duas questões são fundamentais para o Cristianismo. A resposta tradicional dos cristãos é dada por sua doutrina da trindade. Entretanto, nos primeiros séculos do Cristianismo, entretanto, essa formulação não era de modo algum definitiva. De fato, a *Nova Enciclopédia Católica* afirma que no segundo século d.C. "uma solução Trinitarianista estava ainda por vir" e que o dogma Trinitarianista "não estava

¹⁹ David Campbell, *All the Fulness* (Hazelwood, Mo.: Word Aflame Press, 1975), pp. 167-173.

²⁰ Buswell, I, 123.

²¹ Fred Foster, *Their Story: 20th Century Pentecostals* (Hazelwood, Mo.: Word Aflame Press, 1981), pp. 120-122, citing Parham, *A Voice Crying in the Wilderness*, pp. 23-24.

solidamente estabelecido... até o final do quarto século".²²

Havia muitas explicações a respeito da natureza de Deus e Cristo, muitas das quais com boa aceitação pelo mundo todo. Uma das mais importantes delas foi o *monarquianismo modalístico*, que afirmava tanto a absoluta unicidade da Divindade quanto a divindade de Jesus Cristo.

De acordo com a história da igreja Adolph Harnack, o monarchianismo modalístico era o mais perigoso rival do trinitarianismo, no período de 180 d.C. até 300 d.C. De escritos de Hipólito, Tertuliano e Orígenes, ele conclui que o modalismo era a teoria oficial, em Roma, por quase uma geração, e era "adotado pela grande maioria dos Cristãos."²³

Apesar de sua notória importância, é difícil chegar a uma completa descrição do que era, realmente o monarchianismo modalístico. Alguns dos mais preeminentes modalistas foram Noetus, Marcellus, bispo de Ancyra e Commodiano. Pelo menos dois bispos romanos (mais tarde classificados como papas), Callistus e Zephyrinus, foram acusados de serem modalistas, por seus oponentes. É difícil conseguir informação acurada a respeito desses homens suas crenças porque as fontes históricas existentes foram todas escritas por oponentes trinitarianistas cujo interesse era refutar a doutrina de seus antagonistas.

Sem dúvida, a doutrina dos modalistas foi mal interpretada, mal apresentada e distorcida, nesse processo. É impossível, portanto, encontrar uma descrição precisa das crenças de um modalista, em particular. Entretanto, colocando lado a lado as diferentes afirmativas a respeito desses diversos homens, é possível chegarmos a um razoável entendimento do modalismo. Por exemplo, havia, provavelmente, algumas diferenças nas teologias de Noetus, Praxeas, Sabellius e Marcellus, mas quais eram essas diferenças fica difícil determinar. É certo, no entanto, que cada um deles afirmava a perfeita divindade de Jesus Cristo não admitindo existência de distinção de pessoas na Divindade.

A doutrina modalista é comumente explicada como sendo, simplesmente, a crença de que Pai, Filho e Espírito Santo são apenas manifestações, ou *modos* de um Deus (*a monarchia*), e não três pessoas distintas (*hipótese*). Ela deve ser diferenciada do monarchianismo dinâmico que também sustenta a unicidade de Deus, mas afirmando ser Jesus um ser subordinado, inferior. Mais precisamente. O monarchianismo modalístico é a crença que considera "Jesus como a encarnação da Divindade" e o "Pai encarnado."²⁴

Esse ponto de vista teria óbvia vantagem de manter a forte tradição monoteísta judaica afirmando, ao mesmo tempo, a crença dos primeiros cristãos em Jesus, como Deus. Simultaneamente, ela evita os paradoxos e mistérios do dogma trinitariano. Entretanto, os trinitarianistas argumentam que ela não explica adequadamente o Logos, o Cristo pré-existente, ou a distinção bíblica entre o Pai e o Filho. Uma análise do modalismo revela suas respostas a essas objeções.

Os monarchianistas modalísticos não apenas tinham um conceito de Deus diferente daquele dos trinitarianistas, como tinham, também, definições diferentes de logos e do Filho. Sua posição básica era a de que o Logos (o Verbo, em João 1) não é um ser pessoal distinto, mas está unido a Deus do mesmo modo que um homem e sua palavra. Ele é um poder "indivisível e inseparável do Pai", como Justino, o Mártir, descreveu a crença.²⁵ Para Marcellus, o logos é o próprio Deus, particularmente sob o aspecto de Sua atividade.²⁶ Assim, o conceito trinitarianista de Logos como um ser separado (baseado na filosofia de Philo) era rejeitado. Os modalistas aceitavam a encarnação do Logos em Cristo, mas para eles isso significava simplesmente a extensão do Pai, em forma humana.

²² "Trinity, Holy," *The New Catholic Encyclopedia*, XIV, 295-305.

²³ Adolph Harnack, *History of Dogmas* (London: Williams & Norgate, 1897), III, 51-54.

²⁴ "Monarchianism", *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, VII, 454-458.

²⁵ H. A. Wolfson, *The Philosophy of the Church Fathers* (Cambridge Mass.: Harvard University Press, 1970), I< 581-584.

²⁶ J.A. Dörner, *Doctrine of the Person of Christ* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1870), II, 273.

Muito ligada a essa idéia está a definição modalística do Filho. Eles afirmavam que o Filho se refere ao Pai vindo em carne. Práxeas negava a preexistência do Filho, usando o termo Filho aplicado apenas à Encarnação.²⁷ A distinção entre o Pai e o Filho é que *Pai* se refere a Deus em Si mesmo, mas *Filho* se refere ao Pai enquanto manifestado na carne (em Jesus). O Espírito em Jesus era o Pai, mas *Filho* se refere especificamente à humanidade e divindade de Jesus. Claramente, então, os modalistas não queriam dizer que *Pai* e *Filho* fossem recíprocos, em terminologia. Queriam, antes, afirmar que as duas palavras não implicam hipóteses (pessoas) distintas de Deus, mas apenas diferentes modos de um único Deus.

Pondo lado a lado os dois conceitos de Logos e Filho, vemos como os modalistas pensavam a respeito de Jesus. Noetus disse que Jesus era o Filho por causa de Seu nascimento, mas que Ele era também o Pai.²⁸ A doutrina modalística de Logos identifica o Espírito de Cristo como o Pai. A encarnação era como uma teoria final na qual o Pai se revela completamente. No entanto, esse não era o Docetismo (a crença de que Jesus era apenas um ser espiritual), porque tanto Práxeas quanto Noetus enfatizaram a natureza humana de Jesus, especialmente seus sofrimentos e suas fraquezas humanas. Como no trinitarianismo, Jesus era "verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus". Para os modalistas, Jesus era a encarnação de toda a Divindade e não apenas a encarnação de uma pessoa separada chamada Filho ou logos.

A mais comum objeção feita no monarquianismo Modalístico foi o Patripassionismo, que significa, implicitamente, que o Pai sofreu e morreu. Tertuliano foi o primeiro a assim acusar os modalistas. Ele entendia que o modalismo significava que o Pai é o mesmo que o Filho. Mas isso significaria que o Pai morreu, uma clara impossibilidade. Desse modo, Tertuliano procurou ridicularizar e negar o modalismo.

Outros historiadores, tomando os argumentos de Tertuliano como verdadeiros rotularam a doutrina modalística de Patripassionismo. Não há, entretanto, nenhum registro de qualquer modalista afirmando, explicitamente, que o Pai sofreu ou que o Pai morreu. Sabellius, evidentemente, negava a acusação de Patripassionismo.²⁹

O assunto todo pode ser facilmente resolvido, dando-nos conta de que o modalismo não ensinava, como Tertuliano supôs, que o Pai é o Filho, sim, que o Pai está no Filho. Como afirmou Commodiano: "O Pai entrou no Filho em Deus onde quer que seja."³⁰ Do mesmo modo, Sabellius explicou que o Logos não era o Filho, mas era revestido pelo Filho.³¹ Outros modalistas, em resposta à acusação, explicavam que o Filho sofreu, enquanto o Pai simpatizava ou "sentia com".³² Com isso queriam dizer que o Filho, o homem Jesus, sofreu e morreu. O Pai, o Espírito de Deus, dentro de Jesus, não poderia ter morrido ou sofrido, em qualquer sentido físico, mas, ainda assim, Ele deve ter sido afetado pelo sofrimento da carne ou ter participado dele. Concordantemente, Zeferino diz: "Conheço apenas um Deus, Cristo Jesus, e além dele nenhum outro que nasceu ou possa ter sofrido... Não foi o Pai que morreu, mas o Filho".³³

A partir dessas afirmações, parece claro que os modalistas afirmavam que o Pai não era carne, mas que estava revestido ou manifestado em carne. A carne morreu, mas o espírito não. Portanto, o

²⁷Ibid, II, 20

²⁸Wolfson, I, 591

²⁹"Monarchianism", *Encyclopedia of Religion and Ethics*, VIII, 780

³⁰Wolfson, I, 583-584.

³¹Dorner, II, 164

³²Harnack. III, 68.

³³Jules Lebreton and Jacques Zeille, *Heresy and Orthodoxy*, Vol. IV *Of A History of the Early Church* (New York; Collier, 1962), p. 155.

Patripassionismo é um termo enganador e incorreto para ser usado, em relação ao monarquianismo Modalístico.

Basicamente, então, o monarquianismo Modalístico ensinava que Deus não tem distinção de número mas de nome ou modo apenas. O termo Filho se refere a encarnação. Isso significa que o Filho não é uma natureza eterna, mas um modo de Deus operar, criado especialmente com o propósito de salvar a humanidade. Não há um Filho preexistente, mas podemos falar de um Cristo preexistente, uma vez que o Espírito de Cristo é o próprio Deus. O Logos visto como se referindo à atividade de Deus. Jesus é, portanto, o Verbo ou a atividade do Pai revestido de carne. O Espírito Santo não é um ser distinto tanto quanto o Logo. O termo *Espírito Santo* descreve o que Deus é, se refere ao poder e ação de Deus no mundo. Assim, ambos os termos, *Logos* e *Espírito Santo* se referem ao próprio Deus, em maneiras específicas de atividade.

O efeito do monarquianismo Modalístico é a reafirmação do conceito do Antigo Testamento de um Deus indivisível que pode e realmente se manifesta, e a Seu poder de variadas maneiras. Além disso, Jesus Cristo é identificado como aquele único Deus que Se manifestou através da encarnação em um corpo humano. O modalismo, dessa maneira, reconhece, muito mais que o trinitarianismo, a completa divindade de Jesus, que é exatamente aquilo que os modalistas afirmaram.³⁴ A perfeição e plenitude de Deus é Jesus.

Em resumo, o monarquianismo Modalístico pode ser definido como crença de que Pai, Filho e Espírito Santo são manifestações do único Deus, sem distinção de pessoas. Mais ainda, o único Deus se expressa completamente na pessoa de Jesus Cristo.

VIII. O BATISMO NAS ÁGUAS

Nós, o povo Pentecostal, cremos que o batismo deve ser praticado por imersão; que o "falar em línguas" é o sinal inicial de evidência do batismo do Espírito Santo; que a ordenança da Ceia do Senhor deve ser celebrada. Mas faríamos bem em lembrar que há muito mais Escrituras sustentando o uso do Nome de Jesus no batismo nas águas, do que por qualquer das doutrinas que tenho mencionado. Também não devíamos nos esquecer de que não há uma única instância recordada na Bíblia ou em qualquer outro livro genuíno do primeiro século, onde qualquer outra fórmula foi usada nos primeiros 100 anos da era Cristã. As palavras de Jesus recordadas em Mateus 28:19, são hoje chamadas "a fórmula Triádica" mas a repetição desta, como fórmula, nunca foi tencionada por Nosso Senhor, e jamais foi usada por seus apóstolos.

A. O Registro Escritural, o Batismo Apostólico e Bíblicos:

Ao passo que um olhar de relance ao livro dos Atos dos Apóstolos mostra somente três casos de uso do Nome de Jesus no batismo, um exame mais cuidadoso revelará nove de tais casos:

1. *Atos 2:38*: Os Judeus no dia de Pentecostes foram mandados a se "batizarem cada um deles no Nome de Jesus Cristo."
2. *Atos 8:12, 16*: Os Samaritanos foram "batizados em Nome do Senhor Jesus."
3. *Atos 10:48*: Os gentios na casa de Cornélio, depois de Pedro lhe pregar o evangelho, "ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo." (Edição Revista e Atualizada)
4. *Atos 9:5, 14; 22:16*: Saulo de Tarso estava tratando de "prender a todos os que invocavam o Nome de Jesus." (vs. 14), mas qual foi sua grande surpresa, quando o próprio Jesus lhe apareceu, para dizer-lhe que o Seu Nome é o Nome do Senhor (vs. 5). De acordo com isto,

³⁴Harnack, III, 63.

Saulo foi batizado "invocando o Nome do Senhor" (22:16), isto é, ele foi batizado no Nome do Senhor. Em Romanos 6:3, encontra-se ainda maior evidência de que Paulo (Saulo) foi batizado em Nome do Senhor Jesus Cristo, onde ele disse: "*Todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo*", incluindo a si mesmo, junto com os crentes de Roma.

5. Os crentes na igreja de Roma, "*Foram batizados em Jesus Cristo*", "*Batizados na sua morte*", — "*sepultados com ele na morte pelo batismo*", "*unidos com ele na semelhança da sua morte*"... etc. (Romanos 6:3-5). Em toda esta elaborada explicação do significado do batismo nas águas, onde se encontra a mais leve sugestão, que o batismo fosse instituído para ser uma confissão pública da doutrina da Trindade? O Pai não morreu! Não foi sepultado! Não foi ressuscitado dos mortos! Ninguém pode ler esta passagem pensativamente sem formar a mesma opinião do famoso expositor Bíblico, o Dr. A. C. Gaebelien, um trinitariano que disse: "Antes prefiro pensar, visto que o batismo é na morte de Cristo, que a fórmula "em Nome do Senhor Jesus Cristo" é correta.
6. *I Coríntios 1:12, 13*, lemos: "*Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo. Acaso Cristo está dividido? foi Paulo crucificado em favor de vós, ou fostes porventura batizados em nome de Paulo?*"
Quem foi crucificado pelos Coríntios? Jesus Cristo! Em nome de quem foram eles batizados? Jesus Cristo! O contexto não permite outra resposta, porque a menos que eles tivessem sido batizados no nome do Senhor Jesus, o argumento de Paulo não teria sentido algum. Assim se vê que os Coríntios também foram batizados em Nome do Senhor Jesus.
7. *Gálatas 3:27*: Da mesma forma, os Gálatas foram batizados no Nome de Jesus. "*Porque todos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes.*"
8. *Atos 19:5*: Os crentes Efésios foram batizados por Paulo "*em Nome do Senhor Jesus.*"
9. *Colossenses 2:12*: Os Colossenses foram "*sepultados com Cristo no batismo*". Esta mesma expressão é usada em Romanos 6:3, 4, onde é definitivamente declarada que os crentes foram batizados em Jesus Cristo.

Citamos todas estas referências como provas indiscutível de que o único modo de batizar pessoas na Igreja apostólica foi por imersão nas águas **Em Nome do Senhor Jesus Cristo**.

Não há registro do primeiro batismo feito usando os títulos "Pai, Filho, e Espírito santo", nem da primeira vez uma pessoa foi batizada por aspersão. Mas vamos citar alguns comentários Bíblicos a respeito do assunto, provando que este modo de batizar entrou na igreja durante o segundo século depois de Cristo, provavelmente como um modo de reforçar doutrinas errôneas a respeito da Divindade.

B. "O Cristianismo Através dos Séculos"³⁵

1. (Volume I, pag. 117) "Que das primeiras conseqüências dessa nova doutrina (do Justino Mártir) foi o chamado batismo clínico" (de Klinê, palavra grega que significa leito), isto é, o batismo daqueles que pensam estar enfermos de morte. O primeiro caso registrado, embora outros possam ter ocorrido antes, é o de Novaciano. Supondo-se próximo da morte e desejando "purgar-se dos pecados pelo batismo", derramaram em redor dela, estando ele no leito, grande quantidade de água, representando tanto quanto possível uma imersão. Restabelecendo-se Novaciano, entrou no ministério e a questão da validade do seu batismo, foi submetida a Cipriano, que inventou o argumento tão comumente usado desde então, de

³⁵ O Cristianismo Através dos Séculos" por H. H. Muirhead (4ª Edição) Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro

que, "pouca água é o mesmo que muita." Sua conclusão baseou-se na noção sacramental). Argumentava que a aspersão equivalia à lavagem da salvação; e, que quando esta fosse praticada mediante a fé, tanto do recipiendário como do administrador, era válida. Muito tempo passou-se porém, antes que a opinião de Cipriano prevalecesse, sendo a prática da aspersão oficial no sínodo de Ravena em 1311, que decidiu que o "batismo há de ser administrado por trina aspersão ou imersão."

a. Outra consequência da idéia da regeneração batismal foi o batismo de crianças. Deduzia-se logicamente que se aqueles que não são batizados não se salvam, todos os que morrem na infância estão perdidos. Logo, devem ser batizados as crianças o mais breve possível depois de nascidas.

1) Não se sabe quando começou a prática do batismo infantil.

2) Certo é, que pelo tempo de Tertuliano (150-250) a prática era conhecida ainda não generalizada.

C. "Documentos da Igreja Cristã", por Bettenson, Aste, São Paulo

1. (Pagina 100-101) "Uma Disciplina Eclesiástica do segundo Século." (Documento descoberto em Constantinopla em 1875. Data incerta e autor desconhecido):

"Quanto ao batismo, batizareis na forma seguinte: tendo como antecipadamente disposto todas as coisas, batizai em o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, em água viva; se não tiverdes água viva, batizai em outra água; se não puderdes em água fria, fazei em água quente. Se não tiverdes nem uma nem outra, derramai água na cabeça três vezes em o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo."

D. "História da Igreja Cristã" por Walker, Aste, São Paulo (Capítulo 13, "O Batismo")

1. "Para Hermes (100-140), o batismo é o próprio fundamento da Igreja, a qual está edificada "sobre as águas". Mesmo para Justino (o mártir) (153), com todo o seu pendor filosófico, o batismo efetua "a regeneração" e a "iluminação". Na opinião de Tertuliano, ele transmite a própria vida eterna.

Já no tempo de Hermes e de Justino era generalizada a opinião de que o batismo purificava todos os pecados anteriores... *Entre os primeiros discípulos o batismo era, em geral, feito "em o nome de Jesus Cristo."* Não há menção ao batismo em o nome da Trindade no Novo Testamento, exceto no mandato atribuído a Cristo em Mateus 28:19. Esse texto é, no entanto, muito antigo. Nele fundamentam-se o credo dos apóstolos e o costume registrado no Didague e em Justino. Os líderes cristãos do século III continuaram a reconhecer a forma mais antiga e o batismo em nome de Cristo era considerado válido, embora irregular, ao menos em Roma, a partir da época do Bispo Estêvão (254-257), com toda a certeza.

É fortemente provável que, até depois da metade do século II, só fossem batizados pessoas que tivessem chegado à idade da discipulação. A primeira menção — aliás, obscura — ao batismo de crianças data de 185, de autoria de Irineu. Tertuliano faz referência clara a essa prática. Recusa-se, porém, a sancioná-la, já que o batismo é um passo de tal seriedade, que convém adiá-lo até à época em que estivesse formada a personalidade. Chegava mesmo a duvidar da conveniência de administrar o batismo aos que ainda não se tivessem casado. Homens menos zelosos que Tertuliano iam ao extremo de afirmar que não era prudente lançar mão de tão grande instrumento de perdão, antes de que se tivesse praticamente completado a lista de pecados individuais. Exemplo notável e nada excepcional foi o

Imperador Constantino, que adiou o seu próprio batismo até à hora da morte. Segundo Orígenes, o batismo de crianças era um costume apostólico. Cipriano era favorável a que fosse administrado tão cedo quanto possível. Não dispomos de indicações a respeito da razão pela qual surgiu o costume do batismo infantil. Na mesma carta citada acima, Cipriano argumenta em seu favor tomando como ponto de partida a doutrina do pecado original... foi só no século VI, entretanto, que o batismo de crianças se tornou universal. Até então prevalecera a idéia, já manifesta por Tertuliano, de que um sacramento dotado de tais poderes purificadores não devia ser usado levianamente.

No que diz respeito ao modo de batizar, é provável que a forma original fosse por imersão total ou parcial... A imersão continuou a ser o método predominante até o fim da Idade Média no Ocidente, como ainda o é no oriente... Ao tempo de Tertuliano já se havia desenvolvido um ritual elaborado. A cerimônia começava com a renúncia formal do diabo e de suas obras, feita pelo candidato. Seguia-se a tríplice imersão. Ao sair da pia batismal, o recém batizado tomava uma mistura de leite e mel, símbolo de sua condição de recém nascido em Cristo. Vinham então a unção com óleo e a imposição das mãos do ministro, sinal da recepção do Espírito Santo. Eram assim combinados o batismo e o que veio a ser chamado mais tarde de confirmação. Tertuliano fornece a mais antiga referência à existência, agora conhecida, de fiadores cristãos, isto é, os padrinhos. Os mesmos costumes do jejum e dos fiadores caracterizavam o culto de Ísis.

3º PERÍODO - A IGREJA IMPERIAL

Do Édito de Constantino - 313 d.C.

A Caída de Roma - 476 d.C.

I. A VITÓRIA DO CRISTIANISMO

A. **Constantino, o Primeiro Imperador Cristão (312-337 d.C.)**

Antes de Constantino, o Cristianismo vivia em conflito com o mundo; com ele o Cristianismo passou a dominá-lo. Sem dúvida Constantino sentiu que o Cristianismo não podia ser destruído, pois se fortificava cada vez mais. Isso talvez o convenceu de que o Deus dos cristãos era bastante forte e o fez desejar as orações dos cristãos (Edito de Tolerância, 311), a fim de alcançar bênçãos para o seu governo. Sem dúvida, percebeu também que se o Cristianismo fosse ajudado e se tornasse bastante forte, seria um poderoso elemento para a unificação de todos os povos do império. Sem dúvida teve simpatia pessoal pelo Cristianismo, mas nunca demonstrou em sua conduta qualquer influência da moral cristã.

Constantino revolucionou a posição do Cristianismo em todos os aspectos. Primeiramente, como já foi dito, ele e Licínio em 313, estabeleceram completa liberdade religiosa que proporcionou igualdade de direitos a todas as religiões. Depois mostrou-se favorável ao Cristianismo, fazendo ofertas valiosas para a construção de igrejas, manutenção do clero e isentando-o dos impostos. Afinal, entrou ativamente nos assuntos da Igreja, tentando dirigir disputas doutrinárias. Por todo esse tempo não foi cristão professo, pois não recebeu batismo até pouco tempo antes de morrer. Ele não tornou o Cristianismo a religião oficial do império. A antiga religião do estado foi mantida e Constantino continuou como seu "pontifex maximus" ou sumo-sacerdote. Mas seu interesse e auxílio deram ao Cristianismo uma posição de indiscutível prestígio.

B. **Resultados da Vitória Cristã**

1. *Bons Resultado Para a Igreja*

- a. Fim das perseguições. Cessou de uma vez para sempre.
- b. Igrejas restauradas.
- c. Cessado o sacrifício oficial: adoração pagã ainda tolerada mas continuada como uma mera formalidade.
- d. Templos consagrados como igrejas.
- e. Domingo proclamado como dia de descanso,

2. *Alguns Bons Resultados Para o Estado*

- a. Crucificação abolida.
- b. Reprimido o infanticídio; tinha sido um costume comum.
- c. Escravidão modificada: tratamento menos cruel, tinham mais direitos, gradualmente estava sendo abolida.
- d. Abolido o jogo dos gladiadores.

3. *Alguns Mal Resultados da "Vitória Cristã"*

- a. **Todos na Igreja:** A associação era procurada para ganho social e influência política. A tonalidade moral começou a decair.
- b. **Usos pagãos introduzidos na igreja:** Os cultos mais esplêndidos e menos espirituais. Velhas festas pagãs tornaram-se festivais na igreja. Imagens começaram aparecer

(405 d.C.) e foram adoradas. Adoração de Maria substituído pela adoração de Vênus e Diana. A Ceia do Senhor tornou-se um sacrifício em lugar de um memorial. Os anciões passaram-se de pregador a sacerdote.

- c. **A Igreja tornou-se Mundana:** Em vez do cristianismo transformar o mundo, o mundo começou a dominar a Igreja. Ainda havia muitos cristãos de Espírito puro, mas o mundanismo invadiu incontrolavelmente muitos professos discípulos.
- d. **Problemas da União da Igreja Com o Estado:** Eventualmente não havia mais cristianismo, mas uma relativamente corrupta hierarquia controlando as nações da Europa, usando a Igreja principalmente como uma máquina política.

C. O Concílio de Nicéia

1. A controvérsia ariana teve começo em Alexandria no ano 318, espalhando-se rapidamente pelas regiões circunvizinhas. Depois de várias tentativas para dissuadir Ário do seu erro, excomungaram-no publicamente em Alexandria no ano 321.
2. Conhecendo que havia dissensões fortes a respeito da Divindade, e querendo fazer maior unidade da Igreja (por razões puramente política), Constantino chamou um concílio dos bispos da Igreja.
3. Constantino era agora senhor de todo o império. Todos os bispos do império foram convocados (1800 homens). Mas apenas 318 assistiram, entre os quais se contavam somente sete ocidentais. A reunião de Nicéia foi o primeiro concílio geral da Igreja Imperial.
 - a. Acorreram os bispos, a expensas do governo, acompanhados por clérigos das ordens inferiores.
4. Havia três partidos:
 - a. O menor, radicalmente Ariano, liderado por Eusébio de Nicomédia.
 - b. Um outro, também pequeno, apoiava Atanásio, jovem diácono de Alexandria.
 - c. A grande maioria, cujo líder era Eusébio de Cesaréia, homens pouco versados nos problemas sob discussão.

Note: "Na verdade à maioria, como um todo, pode ser descrito por um escritor pouco benevolente como 'simplórios'".³⁶
5. Destacava-se na assembléia a presença do próprio imperador, o qual, apesar de não ser batizado — razão por que não podia, do ponto de vista técnico, ser considerado membro da Igreja — era alguém cuja importância não podia deixar de ser acolhida entusiasticamente:
 - a. Constantino, sentou-se sobre um trono dourado, no meio do recinto, e, não compreendendo grego, teve que tirar as suas conclusões das feições e gestos dos oradores e explicações do seu intérprete.
6. O concílio, quase no começo, rejeitou um credo proposto pelos arianos. Eusébio de Cesaréia apresentou então o credo usado em sua própria igreja. Era uma confissão em termos moderados, originária de antes da controvérsia, e, por conseguinte, indefinida quanto aos problemas específicos que agitavam a reunião.
 - a. Introduziu-se nesse credo de Cesaréia; a seguir, uma emenda importantíssima, aditando-lhe as expressões: "gerado, não feito, consubstancial (homoosion) com o Pai." Rejeitaram-se especificamente, também fórmulas arianas, tais como "houve

³⁶ História da Igreja Cristã por W. Walker

tempo em que Ele não era" e "feito do que não era."

7. Constantino, sendo essencialmente um político, pensou que uma fórmula que não encontrasse oposição na parte ocidental do império e contasse com o apoio de uma porção do Oriente, seria mais aceitável do que qualquer outra que pudesse ser rejeitada pelo Ocidente inteiro, e receber a anuência de não mais do que uma porção do Oriente. Deveu-se à influência de Constantino a adoção da definição de Nicéia.
 - a. A afirmação de que ele algum dia chegou a entender todas as nuances de sentido implícitas nessa fórmula é mais que duvidosa. O imperador, no entanto, desejava que se chegasse a uma expressão unificada da fé da Igreja em face do problema em foco, e estava convicto de a haver obtido.
8. Sob a supervisão de Constantino, todos os bispos a subscreveram, com exceção de dois, os quais, juntamente com Ário, foram banidos por Constantino.
9. Continuou porém a contenda, com muitos opostos ao pronunciamento de Nicéia, e por isso é fácil entender porque a batalha decisiva não se travou tanto no concílio mesmo, mas nos cinquenta e tantos anos seguintes.

Note: Queremos citar aqui o historiador religioso Williston Walker, a respeito de Atanásio, líder da partida vencedora no concílio. "Embora não o possamos chamar de grande teólogo especulativo, era dotado de grande caráter. Numa época em que o favor da corte adquiria grande importância, manteve-se firme em suas convicções. A ele principalmente se deve a vitória final da teologia de Nicéia, já que o Ocidente Niceno não contava com nenhum teólogo realmente capaz... Grande coisa foi para o partido Niceno contar com um líder tão moderado e, ao mesmo tempo, tão decidido, já que os outros dois defensores da fé nicena — os bispos Marcelo de Ancira e Estádio de Antioquia — dificilmente poderiam ser considerados teologicamente impecáveis e eram acusados, um tanto injustamente, de esposarem opiniões decididamente Sabelianas."

D. O Concílio de Nicéia, e a Igreja Imperial, como Vistos Por Um Historiador Secular

Citamos aqui de novo o grande historiador secular deste século, H. G. Wells, e as suas conclusões a respeito dos assuntos acima.

"Até onde desafiou a divindade de César e as instituições características do império, Cristianismo foi considerado como um movimento rebelioso e desintegrante, e assim foi pela maioria dos imperadores antes de Constantino, o grande.

Em poucos anos Constantino, o Grande, foi reinando, primeiramente como imperador associado (312), e então como o governador único (324), e os mais severos julgamentos do Cristianismo foram terminados. Se o Cristianismo foi uma força rebeliosa e destrutiva para uma Roma pagã, foi uma força unificante e organizante dentro de sua própria comunhão. Este fato o gênio de Constantino compreendeu.

A fé se estendendo entre os bárbaros além da fronteira, tinha se estendido na Pérsia e Ásia Central. Isto proveu a única esperança de solidariedade moral que se poderia discernir na grande confusão de opiniões limitadas e egoísmo sobre o que se tinha de dominar. Isto é, apenas teve as facilidades para organizar a vontade do povo, por cuja necessidade o império foi caindo aos pedaços como um pedaço de pano podre. Em 312, Constantino teve de pelejar por Roma e sua posição contra Maxenício. Ele colocou o monograma cristão sobre os escudos e bandeiras de suas tropas, e assegurou que o Deus dos cristãos tinha combatido por ele em sua completa vitória na batalha da Ponte Mulvina, do lado de fora de Roma. Por este ato ele renunciou todas aquelas

pretensões da divindade que a vaidade de Alexandre, o Grande, tinha primeiramente trazido do mundo ocidental, e com o aplauso entusiástico dos cristãos, ele estabeleceu-se como um monarca mais absoluto até mesmo que Diocleciano.

Em pouco tempo o Cristianismo tinha se tornado a religião oficial do império, e em 337 d.C., Constantino foi batizado como um cristão sobre seu leito de morte. Foi apenas depois de ter-se tornado ao Cristianismo que ele parece ter realizado as veementes discussões dos teólogos. Ele fez um grande esforço para reconciliar estas diferenças, para ter um ensino uniforme e harmonioso na comunidade, e em sua iniciativa, um concílio geral da igreja foi realizado em Nicéia, em 325. Eusébio dá um curioso relato desta estranha reunião, sobre a qual o imperador, ainda que não fosse um cristão batizado, presidiu. Ele assentou-se no meio do concílio de Nicéia sobre um trono de ouro, e como ele tivesse só um pouco de grego, nós devemos supor que ele foi forçado a observar os semblantes e gestos dos discutidores, e ouvir as suas entoações. O concílio foi agitado. Quando o experimentado Ário levantou-se para falar, um tal, Nicolau de Mirra, bateu-lhe na face, e posteriormente muitos saíram correndo, em horror fingido às heresias do experimentado homem. Alguém é tentado a imaginar o grande imperador, profundamente ansioso pela alma de seu império, firmemente resolvido a terminar com estas divisões, inclinando-se a seus intérpretes para perguntar-lhes o significado do tumulto.

As vistas que prevaleceram em Nicéia estão incluídas no credo Nicéia, um relatório estritamente trinitariano, e o imperador sustentou a posição Trinitariana.

Esta data, 325 d.C., é uma data muito conveniente em, nossa história. É a data do primeiro concílio geral completo de todo o mundo cristão. Marca a entrada definitiva sobre o palco dos interesses humanos da igreja cristã e do cristianismo como é geralmente entendido no mundo hoje. Marca a definição exata do ensino cristão pelo credo de Nicéia.

É necessário que chamamos a atenção dos leitores para as profundas diferenças entre este cristianismo plenamente desenvolvido de Nicéia e o ensino de Jesus de Nazaré. O que é claramente aparente é que o ensino de Jesus de Nazaré foi um ensino profético do novo tipo que começou com os profetas hebreus. Não foi sacerdotal, não tinha templo consagrado e nem altar. Não tinha ritos e cerimônias. Seu sacrifício foi "um coração contrito e quebrantado." Sua única organização foi uma organização de pregadores e sua principal função foi o sermão.

Porém todo o cristianismo emplumado do quarto século preservou como seu núcleo os ensinamentos de Jesus nos Evangelhos, foi principalmente uma relação sacerdotal, de um tipo já familiar ao mundo por milhares de anos. O centro de seu ritual elaborado foi um altar, e o ato essencial de adoração o sacrifício, por um sacerdote consagrado, da missa. E teve um desenvolvimento rápido a organização de diáconos, sacerdotes e bispos.

II. A FUNDAÇÃO DE CONSTANTINOPLA

Logo depois que o Cristianismo foi conhecido como a religião do Império Romano, Constantino transferiu a capital do Império a antiga cidade de Bizâncio, estabeleceu uma nova capital foi escolhida, construída e estabelecida. (Constantinopla, 330 d.C.)

- A. A Necessidade de Uma Nova Capital:** Roma foi intimamente associada com a adoração pagã, cheia de templos e estátuas. A localização geográfica também deixou-a aberta para ataque.
- B. Sua Localização:** No ponto de encontro da Europa e Ásia. Era naturalmente fortificada. raramente tinha sido tomado pelo inimigo em toda a sua história. Constantinopla é agora

chamada Istambul, a capital da Turquia.

- C. **A Capital e a Igreja:** A igreja era honrada, mas era dominada pela autoridade do trono. A igreja no leste tornou-se principalmente uma serva do estado.
- D. **A Igreja de Santa Sofia:** Construída por Constantino, destruída pelo fogo. Reconstruída em 537 d.C., em magnificência excedida a qualquer outra igreja destes dias. Feita uma mesquita em 1453 d.C., até depois da Primeira Guerra Mundial.

III. A DIVISÃO DO IMPÉRIO

Divisão logo a seguir a construção da capital, com limites muito amplos para somente um imperador. Constantino apontou imperadores associados. O Império Oriental conhecido como Grego, e o Ocidental como Latim.

IV. A SUPRESSÃO DO PAGANISMO

- A. **A Tolerância de Constantino:** Reconheceu o cristianismo, e não sancionou os sacrifícios e as imagens e ofertas para a estátua do imperador. Mas favoreceu a tolerância de todas as formas de religião. Procurou a conversão dos seus súditos ao cristianismo através da evangelização e não pela compulsão. Reteu alguns títulos pagãos para o imperador, tais como "*pontifex maximus*" (sumo-sacerdote) desde então um título mantido por todos os papas.
- B. **Seus Sucessores Intolerantes:**
 - 1. Confiscados os dotes dos templos.
 - 2. Ritos pagãos interditados (proibidos)
 - 3. Muitos templos demolidos.
 - a. **Exceção:** Juliano "o Apóstata", 361-363. Procurou restaurar o paganismo.
 - 4. Destruiu os escritos não favoráveis ao cristianismo.
 - 5. Proibida a adoração dos ídolos: punição de morte.
- C. **Crescimento da Igreja em Virtude do Favor Imperial:**
 - 1. O poder oficial contribuiu para o número de cristãos se aumentar
 - a. Benefício duvidoso.
 - b. Tornou-se uma religião cheia de heresias e de inovações.
 - 2. Sucessores de Constantino interferiam e exerciam muita autoridade nos negócios da igreja.
 - a. Desse modo o Cristianismo, embora não fosse em nome, veio a ser praticamente a religião oficial do império.
 - b. Esta posição do Cristianismo sofreu um colapso no governo de Juliano (361-363) que tentou num esforço inútil restaurar o paganismo.
 - 1) Diz a história que ao aproximar-se da morte e vendo sua luta perdida, disse: "Vencestes, Galileu!"
 - 3. Teodósio, imperador cristão do oriente, em 380 baixou um decreto pelo qual todos os súditos do império deveriam aceitar a fé cristã como estabelecida pelo Concílio de Nicéia.
 - a. Continuou com essa política até que tornou governador do mundo romano em 392. Assim o Cristianismo veio a ser uma parte da lei imperial.

- b. Esse ato deu, naturalmente, o golpe de morte no paganismo dentro do império.
 - c. Pelo ano 400 o culto pagão havia desaparecido.
4. Parecia uma vitória extraordinária. Na realidade, tal situação não constituía uma vitória, pois o novo estado de coisas veio provar que nas igrejas havia multidões que nada conheciam do Cristianismo, nem o possuíam.

V. AS CONTROVÉRSIAS E OS CONCÍLIOS

Não constavam-se somente a respeito da Divindade, mas também a respeito do homem próprio, e a sua relação para com Deus, natureza do pecado etc. Nas interpretações das Escrituras, os dois extremos foram representados por Pelágio, monge britânico e Agostinho, bispo de Hipona, entre os quais a diversidade de temperamentos e experiências deu lugar à contradição que se separava a respeito da doutrina da natureza e da graça.

Os dois sistemas, mais ou menos completos e lógicos, eram, porém, fundamentalmente opostos um ao outro. Pelágio advogou ardentemente a bondade e a capacidade do homem; Agostinho pelo contrário insistiu na sua ruína, e na contínua atividade e soberania de Deus.

Eis alguns dos contrastes mais importantes entre as duas opiniões:

PELÁGIO

AGOSTINHO

O HOMEM PRIMITIVO

O homem era inocente, dotado de livre arbítrio absoluto, porém, mortal.

O homem era dotado de livre arbítrio, inocente e inclinado ao bem, capaz de tornar-se livre do pecado pela contínua obediência, enfim um homem imortal.

A QUEDA

A queda trouxe a morte espiritual de Adão, porém, atingiu a sua posteridade somente como exemplo.

A queda trouxe a morte espiritual e física de Adão, e, por intermédio dele, a toda a humanidade, escravizando-lhe a vontade.

O HOMEM DEPOIS DA QUEDA

Todos os homens entram no mundo como Adão antes da queda e caem no pecado por vontade e ato próprios.

Todos os homens entram no mundo possuídos de uma natureza corrupta, e duma vontade escravizada ao mal e incapazes de proceder com retidão.

LIVRE ARBÍTRIO

O homem é sempre livre e igualmente capaz de escolher o bem e o mal.

O homem era livre antes da queda e propenso ao bem e à justiça, porém com a queda

perdeu a sua liberdade e justiça e escravizou-se ao mal.

O PECADO

O pecado é um ato vindo exclusivamente da vontade, não é da natureza, e, portanto, os homens não são necessariamente pecadores e alguns podem até viver sem pecar.

O pecado é inato à natureza humana (pecado original) e manifesta-se em ações pecaminosas. Portanto, todo o homem, com exceção de Cristo, é necessariamente pecador desde o seu nascimento.

A GRAÇA

A "graça divina" consiste nos privilégios que Deus outorga ao homem. A salvação é pessoal, sem lei nem evangelho. A vantagem do evangelho é que por ele se torna mais fácil ser crente.

A graça é a operação da vontade do Espírito Santo no homem, pela qual a vida espiritual começa e se aperfeiçoa. Sem ela o homem não pode arrepender-se nem tão pouco crer. A graça redentora é inquebrantável em sua operação sobre os eleitos: nada lhe pode resistir.

A ELEIÇÃO

Não há tal coisa como a eleição incondicional

A eleição é eterna e absoluta e é incondicional.

BATISMO INFANTIL

O batismo infantil é coisa boa, mas não essencial à salvação das crianças.

É necessário o batismo para a salvação das crianças, pois o batismo é o único meio pelo qual uma igreja se torna regenerada. Alguns dentre os regenerados pelo batismo podem cair, e de fato assim acontece, porém, os eleitos jamais cairão.

Os pelagianos foram condenados no ano 412 pelo Concílio de Cartago e em 416 pelo papa Inocêncio, mas sustentados em suas teorias e doutrinas pelos sínodos de Decápoles e Jerusalém, reunidos em 415, e pelo papa Josino, não obstante depois de condenados por um concílio geral das igrejas Africanas, reunidos no ano 418. Ainda o segundo concílio de Cartago reunido no ano 431, novamente os condenou, pena que no entanto, não atingiu as suas doutrinas. Nenhum dos dois sistemas logrou geral aceitação. Antes da morte de Agostinho foram iniciadas as tentativas para a aproximação dos dois sistemas e, possivelmente, fundi-los em um só. Este movimento, chefiado por uma escola semi-pelagiana situada no sul da França, alcançou resultados satisfatórios, após um século de discussões, dando lugar no sínodo de Orange à vitória de um Agostinho moderno. A Igreja Católica, porém, ainda continua dividida em relação a este assunto.

A. Outras Controvérsias:

1. *Heresia Apolinário: A Natureza de Cristo:*
Os apolinários aceitavam a natureza divina tomando o lugar da natureza humana em Cristo; que Jesus na terra não era homem, mas somente Deus em forma humana. A maioria afirmava que Jesus Cristo era a união de Deus e homem. A Deidade e a humanidade em uma natureza. Condenada pelo Concílio de Constantinopla, 381 d.C.
2. *Os Donatistas:*
Não concordavam com o governo dos bispos e insistiam na disciplina rigorosa. Foram-lhes tiradas as igrejas e perseguidos de toda maneira. Mas se declararam positivamente contra a intervenção por parte do governo civil nas questões religiosas. Agostinho acusou-os:
 - a. Que eram separatistas; negaram unir-se às igrejas oficiais;
 - b. Insistiram no rebatismo dos que passaram da igreja oficial para a deles;
 - c. Eram intolerantes - provavelmente uma reação contra a intolerância dos da igreja oficial.Compareceram ao Concílio de Cartago em 411, 286 bispos da igreja "oficial" e 279 bispos donatistas. Eram condenados, e rompeu outra perseguição feroz. Os vândalos, porém, favorecendo o arianismo, perseguiram ambos os partidos de 429 em diante. Mantiveram a sua separação até os últimos anos do sexto século e no seguinte foram extintos com o resto do cristianismo do Norte da África por ocasião da invasão maometana.
3. *Nestorianismo*
Apareceu em Constantinopla no ano 428. Organizado pelo monge sacerdote de Antioquia e patriarca de Constantinopla. Opôs-se à aplicação do termo "Mãe de Deus" a Maria; afirmou que as duas naturezas de Cristo agiam em harmonia e tão distintas como constituindo uma personalidade e não Deus-homem. Condenados pelos sínodos de Roma e Alexandria. Em 433 Nestor foi banido e as suas obras queimadas.
4. *Eutiquianismo ou Monofisismo:*
Um movimento de reação contra o Nestorianismo. Negou que Jesus tivesse duas naturezas. "A Natureza humana é tão assimilada pelo "Logos" que incontestavelmente o seu corpo não pode ser como o nosso, isto é, da mesma natureza do nosso. Por isso, Deus sofreu e morreu."

VI. O SURGIMENTO DO MONASTICISMO

A. Sua Origem:

A mundanidade na igreja induziu a muitos a retirar-se só ou em grupos, buscando cultivar a vida espiritual e uma comunhão mais pessoal com Deus. Isto prevaleceu principalmente no Egito no início.

B. Fundador:

Antonio de Tebas (320 d.C.) quem atraiu milhares de seguidores. Ao redor do ano 270 começou uma vida de monge em sua terra natal. Depois de 15 anos foi viver sozinho em uma caverna no deserto, e assim chegou a ser o que é conhecido como "ermitão", (Pessoa que se aparta da sociedade e vive em solidão).

C. Os Santos dos Pilares:

Fundado por Simão da Síria, em 423 d.C. Do Egito, o monasticismo se estendeu rapidamente por todo o leste. Na Síria, um homem chamado Simão viveu 30 anos, até o dia de sua morte, sobre

uma coluna de "punção" (instrumento pontiagudo para puncionar). Construiu várias colunas, cada uma mais alta que a anterior. Teve milhares de seguidores. (Somente na Ásia Menor).

D. O Monasticismo no Oriente e no Ocidente:

1. Desde o segundo século havia no oriente, especialmente no Egito, milhares de monges ermitões, morando em lugares desertos e vivendo em extrema pobreza.
 - a. Eram considerados, pela maioria, como homens peculiarmente santos.
2. No quarto século a idéia monástica chegou ao ocidente. Ganhou logo popularidade e muitos homens tornaram-se monges e freiras.
 - a. Tomou uma forma diferente da do oriente.
 - b. O monge típico do oriente era um solitário; no ocidente ele era membro de uma comunidade.
 - c. Homens e mulheres abandonavam a vida da sociedade e entravam em comunidades favoráveis à vida cristã, governados por uma rígida disciplina.
3. A Regra Beneditina
 - a. Organizada por Bento de Nursia, na Itália, no sexto século (529 d.C.).
 - b. Em pouco tempo, em todo o ocidente, tornou-se praticamente a lei geral da vida monástica.
 - c. Tentou alcançar a direção e pureza por meio da sua regra ou sistema monástico.
 - d. O voto feito pelo monge era por toda a vida de modo que a pessoa morria para o mundo.
 - e. Requeria-se o abandono de todas as propriedades.
 - f. As virtudes que deveria cultivar:
 - 1) Abstinência
 - 2) Obediência aos superiores
 - 3) Silêncio
 - 4) Humildade, etc.
 - g. Os deveres também prescritos detalhadamente, dividindo-se o tempo entre o culto, os trabalhos manuais em casa, trabalhos nos campos e estudos.
 - h. A forma produzida pelas regras disciplinares deu grande popularidade à vida monástica. O monasticismo estava pronto para realizar a sua grande obra no início da Idade Média.

VII. O CRESCIMENTO DO PODER NA IGREJA ROMANA

Constantinopla tinha suplantado Roma como capital do mundo. Roma começou a reivindicar o seu direito para ser a sede da Igreja. O bispo de Roma, agora intitulado Papa, estava clamando a autoridade do trono de todo o mundo cristão. Foi reconhecido como cabeça da Igreja em toda a Europa até no oeste do Mar Adriático. Ainda não estava no controle do Estado, mas tendia nesta direção.

A. Causas:

1. *Analogia do Governo Imperial:* A semelhança da organização da igreja como a do Império Romano, reforçou o conceito de uma só cabeça. O povo estava acostumado ao conceito de uma cabeça, o Imperador, com absoluto poder. Em todos lugares os Bispos controlavam as igrejas. Quem controlaria os Bispos? Bispos Presidentes em certas cidades tornaram-se

"Metropolitanos". Logo com o transcurso do tempo as igrejas de cinco cidades, Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Constantinopla, e Roma, chegaram a terem grande importância. Os bispos das igrejas nestas cidades foram chamados "patriarcas". O Bispo Romano tomou o título de Papai, "Pai", mais tarde chamado Papa. Houve muita rivalidade entre os Patriarcas. Finalmente estreitada entre o Patriarca de Constantinopla e o papa de Roma.

2. *Reivindicação da Sansão Apostólica:* Roma a única igreja que podia nomear dois apóstolos (Pedro e Paulo) como seus fundadores, pela tradição. Surgiu a tradição que Pedro foi o primeiro bispo de Roma, e que ele possuía autoridade sobre toda a igreja como principal dos Apóstolos. As Escrituras usadas como prova: Mateus 16:17 e João 21:16, 17. Os seus sucessores usando isto como argumento, disseram que os Papas de Roma devem continuar sua autoridade.
3. *O Caráter da Igreja Romana:*
 - a. Os bispos de Roma: Na maioria, mais forte, mais sábio, homens mais enérgicos do que aqueles em Constantinopla. Influente através da Igreja.
 - b. A Igreja em Roma: Mais conservativa na doutrina, menos influenciada pelas seitas e heresias. mais ortodoxa.
 - c. O Cristianismo prático da Igreja Romana: Sobressaia-se em cuidados pelos pobres, mesmo fora da Igreja. Dava ajuda liberal às outras províncias.
4. *A Transferência da Capital:* A igreja em Constantinopla estava dominada pelo Imperador. E, Roma não tinha Imperador. O papa era a maior potência na região. Europa tinha sempre olhado para Roma com reverência. Com a capital bem distante, o sentimento de lealdade acerca do Pontífice Romano começou substituir-se concernente ao Imperador Romano.

VIII. A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO OCIDENTAL

Através deste período da Igreja Imperial, a queda do Império Romano do Ocidente estava em progresso. Estava com a baixa moral e a política decaída. Invasores de todos os lados, ansiosos por cair sobre ele. Bárbaros em grandes números entraram dentro de 25 anos depois da morte de Constantino em 337 d.C. Eles estavam capturando territórios e estabelecendo reinos. Dentro de cento e quarenta anos, já com mil anos de idade, o Império Romano Ocidental foi varrido de sua existência.

A. Causas da Sua Derrota:

1. A cobiça das riquezas do Império
2. Os romanos não estavam mais acostumados a guerra. A disciplina romana relaxada. Os bárbaros fisicamente mais fortes e corajosos. Seu exército consistia de muitos soldados profissionais que eram de tribos bárbaras, eventualmente mesmo alguns Imperadores eram de raças bárbaras.
3. O Império enfraquecido pelas guerras civis: Os pretendentes ao trono Imperial conduziam às guerras civis através das gerações. Os imperadores não mais foram escolhidos pelo senado, mas pela força. O Império inteiro estava esgotado pelas ambições de homens ao poder. E as guerras e dissensões deixaram as fronteiras abertas aos invasores bárbaros.
4. Movimentos das tribos Asiáticas: Os Hunos abandonaram seus lares na Ásia, forçando os bárbaros a sair, que por sua vez, invadiram as províncias romanas.

B. As Tribos Invasoras:

1. Os Visigodos, 376 d.C.

2. Os Vândalos, 406 d.C.
3. Os Bórgonos, 414 d.C.
4. Os Francos, 420 d.C.: Clóvis, mais tarde um rei, tornou-se cristão, ajudando na conversão da Europa do Norte.
5. Os saxônios (anglos), 440 d.C.
6. Os Hunos, 450 d.C.: Um povo asiático. Os romanos uniram com os Godos, Vândalos, e Francos para derrotá-los. Com a morte de Átila, seu líder, o poder terminou.

- C. **A Queda de Roma** - 476 d.C.: Pelo ano 476 o Império era um pequeno território em volta da capital. Este foi capturado por uma pequena tribo, os Herulos. Seu rei tomou o título de "Rei da Itália". Da fundação da cidade e o estado, à queda do Império, haviam passado mil e quinhentos anos (1500 anos). O Império Oriental (capital Constantinopla) durou até 1453 d.C.
1. **Simplicio**, 468-483, era o papa quando o Império Ocidental se extinguiu, em 476. Este fato deixou os papas livres da autoridade civil. Os vários e novos reinos dos bárbaros em que o Ocidente ficou dividido, deram aos papas oportunidade de fazer alianças vantajosas, e, gradualmente, o pontífice veio a ser a figura dominante no Ocidente.
 - a. O Ocidente, antes da queda completa, com imperadores fracos, cedia terreno aos invasores bárbaros. O papa era o único homem forte naqueles dias. Leão, 452, persuadiu o huno Átila a poupar a cidade de Roma. Mais adiante, 455, induziu o vândalo Genserico a compadecer-se da cidade. Isto contribuiu muito para o renome do papa.
- D. **A Igreja e os Bárbaros**: Com a exceção dos Godos, que eram crentes arianos, e tinham a Bíblia em sua língua, as tribos invasoras eram pagãs. Quase todas tornaram-se cristãos, através dos Godos, e mais, através do povo entre os quais eles moravam. Cristianismo naquela época era ainda agressivo e vital. O declínio e a queda do poder imperial aumentou a influência da Igreja Romana e dos papas.

IX. LÍDERES NESTE PERÍODO

- A. **Atanásio**, 293-373 d.C.: O grande "Defensor da fé". foi ordenado diácono aos 20 anos de idade. Assistiu ao grande Concílio de Nicéia, no ano 325 d.C. e ali manteve o dogma da divindade de Cristo contra os arianos, que a negavam. Por sua atuação mereceu o título de "Padre da Ortodoxia," com o que se conhece. Era um homem de grande inteligência e de caráter firme. No ano 326 d.C. foi nomeado bispo de Alexandria. Sofreu perseguições e processos instigados pelos arianos. Pregou em Roma a prática do ascetismo dos monges do Egito. Morreu no ano 373 d.C.
- B. **Ambrósio de Milão** - 340-397 d.C.: Nasceu na Alemanha. Seu pai tinha um alto cargo no governo Romano. Foi educado em Roma e demonstrou numa idade precoce grandes talentos. Sendo ainda muito jovem foi nomeado governador do norte da Itália. Sua residência estava em Milão. Quando o bispo da igreja em Milão morreu, o jovem governador entrou na igreja para aplicar a multidão, por causa de uma disputa entre as duas facções da igreja. Levantou-se um grito: "Ambrósio bispo." Apesar de nem mesmo batizado, viu-se eleito bispo de Milão. Para ele isso equivalia a um chamado de Deus. Deu seus haveres aos pobres e à Igreja. Foi um forte partidário do credo de Nicéia. Escreveu muitos livros e fez muito para promover a coleção de hinos cristãos. Está considerado entre os Doutores o grande mestre da igreja. Foi um hábil

administrador e sem temor manteve altas normas da vida cristã. Isto é mostrado na forma que disciplinou o imperador. O Imperador Teodocio, havia feito massacre a milhares de habitantes por haver matado a seu governador. Ambrósio não permitiu o imperador que comungasse até que reconhecesse sua culpa publicamente e declarasse seu arrependimento. O imperador se submeteu a disciplina da igreja. O feliz resultado deste assunto foi um grande crédito para ambos, o bispo e o imperador. Ambrósio morreu no ano 397 d.C.

- C. **João Crisóstomo, 345-407 d.C.:** Seu verdadeiro nome era João. Crisóstomo significa no grego "A Boca Dourada". O maior pregador do período. Desde muito jovem se entregou aos estudos das Escrituras e a exercícios piedosos. No ano 398 d.C. foi nomeado Patriarca de Constantinopla. Sua fidelidade, independência e zelo reformador desagradou a corte. A severa disciplina imposta, desgostou o negligente clero da cidade. Conquistou a hostilidade da Imperatriz Eudóxia, por haver ele denunciado os excessos femininos no vestir, denunciando essas que a imperatriz julgou dirigidas à sua pessoa. Foi deposto do cargo no ano 407 d.C., mas vindicado depois da sua morte. E banido a Pitio, na costa do Mar Negro, onde morreu. Seu trabalho literário foi muito abundante, deixou discursos, comentários, epístolas, tratados e liturgias escritas em grego. A sorte deste muito ilustre pregador exemplifica bem o lado mais desagradável da interferência imperial em assuntos eclesiásticos.
- D. **Jerônimo, 340-420 d.C.:** O mais sábio dos padres latinos da igreja. Nasceu em Dalmácia, senão ou igual que Ambrósio, recebeu sua educação em Roma. Viajou à várias partes do Império romano. Passou os últimos anos de sua vida em Belém. Ali viveu em uma caverna como um monge (um homem que se aparta do mundo para dedicar-se inteiramente a meditação e ao exercício religioso). Ali permaneceu desde o ano 386 até sua morte no ano 420 d.C. Jerônimo falava latim, grego e hebreu e tinha profundos conhecimentos de filosofia e história. Suas principais obras são os comentários acerca das Escrituras, e a célebre versão latina da Bíblia, chamada "A Vulgata" (A Bíblia na linguagem comum), que ainda é a Bíblia autorizada da Igreja Católica Romana.
- E. **Agostinho, 354-430 d.C.:** O homem mais eminente deste período. Foi um estudante brilhante, mundano e amante do prazer em sua juventude. Depois de várias eventualidades, se tornou cristão com a idade de 35 anos, graças a influência de sua mãe, que era cristã, e os ensinamentos de Ambrósio e o estudo das Epístolas de Paulo. Sua fama e influência descansam sobre seus escritos em teologia cristã. Suas obras mais famosas são, "Confissões" (relato de sua juventude) e "A Cidade de Deus", extensa obra contra as religiões pagãs e ao mesmo tempo uma expansão sistemática do cristianismo.

4º PERÍODO - A IGREJA MEDIEVAL

Da caída de Roma - 476 d.C.
A Caída de Constantinopla - 1453 d.C.

A ÉPOCA DE GRANDE ESCURIDÃO

476 - 1453 d.C.

1. A Igreja Católica começa a reinar sobre o Estado. A Igreja Católica um composto de paganismo, judaísmo e cristianismo.
2. A esperança da segunda vinda pessoal de Jesus Cristo perdida.
3. Veneração dos santos mortos e imagens estabelecidas (Êxodo 20:4, 5; Levítico 26:1; Deuteronômio 4:16-25; 5:8; 27:15).
4. Cria-se que a Ceia do Senhor (Missa) importava a vida de Cristo por meio de transubstanciação - (a transformação da substância do pão e do vinho no corpo e sangue de Cristo) — em vez da comunhão como memorial. (I Coríntios 11:24, 25)
5. A confissão auricular (confissão ao padre) substituíra-se o arrependimento e a confissão diretamente a Deus. (I João 1:9; 2:1; Tiago 5:16)
6. O celibatarismo e simonia. (Hebreus 13:4; I Timóteo 3:2).
7. A doutrina do purgatório foi instituída por Gregório, o Grande, 590-604 d.C. (Lucas 16:19-31; II Coríntios 12:2-4)
8. A Inquisição instituída (1200 d.C.) para prender e castigar os hereges, ou, aqueles que discordavam com a Igreja Católica. Era chamada "O Santo Ofício". O inquisidor pronunciava a sentença, e a vítima era entregue às autoridades civis para ser encarcerada pelo resto da vida, ou queimada. (Êxodo 20:13).
9. A venda de indulgências. Uma indulgência era um abrandamento das penas de purgatório, isto é, remissão do castigo do pecado. (I Pedro 1:18).
10. O Maometismo surgiu aproximadamente 600 d.C.

I. PROGRESSO DO PODER PAPAL

- A. O Período de Crescimento, 590-1073 d.C.:** O desenvolvimento do poder papal foi feita mais sobressalente nos dez séculos da Idade Média. O papa de Roma já havia reclamado ser o cabeça da igreja; agora começou a reclamar o governo sobre as nações, sobre reis e imperadores.
1. *Leão I, 440-461:* chamado primeiro papa por alguns historiadores. Afirmou que, por disposição divina, era o primaz de todos os bispos, e obteve do imperador Valentiniano III, 445, o reconhecimento imperial dessa pretensão. Proclamou-se senhor de toda a igreja. Advogou para si só o papado universal. Disse que resistir à sua autoridade era ir direto para o inferno. Defendeu a pena de morte para os hereges.
 2. *O Concílio de Calcedônia, 451,* quarto concílio ecumênico, em que tiveram assento os bispos de todo o mundo, a despeito do ato do imperador concedeu ao patriarca de Constantinopla as mesmas prerrogativas do patriarca de Roma.
 3. *Gregório I,* O verdadeiro poder papal se iniciou com Gregório I, "o Grande" e alcançou seu apogeu com Gregório VII (Hildebrando). Gregório o Grande foi o primeiro monge que chegou a ser papa, e governou do ano 590 a 604 d.C. Surgiu num tempo de anarquia política e de grandes perturbações públicas por toda a Europa. A influência de Gregório

sobre os vários reis invasores teve um efeito estabilizador. Decidiu por si mesmo exercer completo domínio sobre as igrejas da Itália, Espanha, Gália e Inglaterra (cuja conversão ao cristianismo foi o grande acontecimento de sua época.) Se chamou a si mesmo "o servo dos servos de Deus," um título usado pelos papas até o presente dia. Trabalhou incansavelmente, pela purificação da igreja. Depôs bispos negligentes ou indignos. Opôs-se zelosamente à prática da simonia (venda de cargos). Exerceu muita influência no Oriente, se bem que não reivindicasse jurisdição sobre a Igreja Oriental. O patriarca de Constantinopla chamava-se a si mesmo "bispo universal". isto irritou muito a Gregório, que repeliu o título como "vicioso e arrogante", recusando-se a permitir que lho aplicassem; e, todavia, na prática, exerceu toda a autoridade representada por esse título. Pessoalmente, era bom homem, um dos papas mais puros e melhores; incansável nos seus esforços por justiça em favor dos oprimidos e de caridade ilimitada para os pobres. Gregório ensinou que Ceia do Senhor é uma repetição do sacrifício de Cristo; que os santos podem interceder pelos outros, e que havia um purgatório. Os santos mencionados aqui eram homens e mulheres que foram considerados como pessoas de extraordinária piedade durante sua vida na terra, e que depois de sua morte foram declarados **santos** oficialmente pela igreja. Gregório foi um dos administradores mais hábil na história da Igreja Católica Romana.

B. Causa do Poder Papal

1. *O Poder da Justiça:* A Igreja situada entre príncipes e súditos, freou a tirania e a injustiça, protegeu os fracos, exigiu direitos do povo. Em geral, os primeiros papas eram a favor de um bom governo.
2. *A Inconstância do Governo Secular.*
3. *A Constância do Governo da Igreja:* A Igreja permaneceu firme, era a única instituição estabelecida e fixa. A Igreja tinha fortes aliados em todas partes.
4. *"Fraudes Piedosas" Medievais:* Ajudaram a apoiar a autoridade de Roma. Estes documentos não foram investigados e invalidados.
 - a. *A Forjada "Doação de Constantino":* Com o propósito de mostrar que Constantino tinha dado ao bispo de Roma Silvestre (314-335 d.C.), suprema autoridade sobre todas as províncias Européias, e o proclamou chefe a cima dos imperadores.
 - b. *Os Falsos Decretos de Isidoro:* Publicados mais ou menos em 850 d.C. Professaram ser decisões dadas pelos primeiros Bispos Romanos, começando com os apóstolos, reivindicando absoluta supremacia do papa de Roma sobre a Igreja Universal; independência da igreja do Estado; inviolabilidade do clero - a corte secular não podia julgar questões pertencentes ao clero ou a Igreja.
 - c. *Evidências da Forja:* Sua linguagem não era o latim primitivo do primeiro e segundo século. Títulos e condições históricas não eram consistentes com o tempo do império. As citações eram da Bíblia Vulgata (latim), que não foi traduzida até 400 d.C.

O crescimento do poder papal não foi consistente. Fortes príncipes o resistiram. Alguns papas eram fracos. Alguns eram muito maus, especialmente entre 850 e 1050 d.C.

C. O Auge do Poder Papal, 1073-1216: O papado permaneceu virtualmente em absoluto poder sobre as igrejas e as nações da Europa.

1. *O Governo de Hildebrando (Gregório VII):*
 - a. Homem de pequena estatura, desajeitado de aparência, de voz débil, todavia, pujante de intelecto, animoso, decidido, homem "de sangue de ferro", **zeloso defensor do**

absolutismo papal.

- b. Grande objetivo reformar o clero. Os dois pecados predominantes do clero eram a imoralidade e a prática de simonia. Para combater a imoralidade, Gregório implantou o celibato entre os sacerdotes (não podiam casar-se). Para combater a simonia (a compra de postos eclesiásticos com dinheiro), aboliu o direito do imperador de nomear dignitários para a igreja.
 - c. A Igreja foi separada do Estado: Terminou a nomeação de papas e bispos pelos reis e imperadores. Requereu que toda acusação contra padres ou casos envolvendo a igreja, sejam provadas na corte eclesiástica. Foi proibido aos bispos prometer fidelidade aos soberanos.
 - d. A Igreja Suprema: Gregório III (Hildebrando) não intencionava a abolir o governo do Estado, mas subordiná-lo ao governo da Igreja.
2. *O Governo de Inocêncio III, 1198-1216*
- a. *Sua alegações:* "O sucessor de Pedro é situado ao meio do caminho, entre Deus e os homens; abaixo de Deus, acima dos homens; juiz de todos, não é julgado por ninguém." "Ao papa tem sido entregue não somente toda a igreja mas o mundo inteiro." O papa teve o direito de escolher os soberanos.
 - b. *Escolha do Imperador:* Interveio na proclamação de Otto Brunswick, como imperador da Alemanha, quem mais tarde foi deposto por uma junta de nobres celebrada em Nuremberg.
 - c. *O Governo de Roma:* Era o supremo Senhor de Roma. Um estado sobre o governo direto papal.
 - d. *A Submissão do Rei Francês:* Obrigou Filipe Augusto, rei da França, a receber a sua esposa de volta.
 - e. *Submissão do Rei Inglês:* O rei João se opôs as ordens do papa, pelo que foi excomungado e despojado de seu trono. Finalmente o rei entregou sua coroa, para recebê-la como um súdito do papa.
3. *A Época do Declínio no Poder Papal*
- a. *Bonifácio VIII, 1303 d.C.:* Bonifácio foi um homem de grande cultura e extrema arrogância. Nenhum papa havia pronunciado as reclamações papais do poder na forma tão extravagante como Bonifácio o havia feito em suas bulas. Nenhum papa sofreu uma derrota tão decisiva e humilhante como a dele. Porém não foi só a derrota de Bonifácio, mas que também marcou o começo da decadência do poder da igreja. Um forte espírito de lealdade nacionalista começou a despertar nos corações do povo francês para competir com o poder clerical. Quando o papa Bonifácio excomungou o rei Filipe o Formoso da França, o povo não o abandonou, pelo contrário, eles o apoiaram fielmente, de modo que o rei Filipe estava em posição de desafiar o papa. Algumas das reivindicações e exigências do pontífice foram ignoradas. O rei da França aprisionou-o. Ele foi tratado indignamente pelos soldados do rei, que os golpearam e esbofetearam. Morreu em Roma, no ano 1303 d.C. De 1305, por mais de setecentos anos, todos os papas foram escolhidos sobre as ordens do Rei da França.
 - b. *O "cativeiro Babilônico" do Papado, 1305-1377 d.C.:* O trono do papado foi transferido pelo Rei da França, de Roma para Avinhão (na fronteira da França). este período se chama cativeiro, porque durante este tempo os papas estiveram embaixo do completo domínio dos reis da França. Desde 1305, por mais de 70 anos, todos os

papas foram elegidos por ordens dos reis da França. Se chama "Cativeiro Babilônico", porque durou 70 anos, tal como o cativeiro dos israelitas na Babilônia nos dias do Antigo Testamento. Durante este período todos os papas foram franceses. A avaria dos papas de Avinhão não conhecia limites. Impuseram onerosos impostos, todo ofício eclesiástico se vendia por dinheiro, e se criavam muitos postos novos, para ser vendidos e assim encher as arcas dos papas e manterem a sua luxuosa e imoral corte. Petrarca, famoso poeta italiano, acusou a residência papal de violação, adultério e de toda maneira de fornicação. Muita gente empenhou a dizer que o papa era o Anticristo. O "cativeiro" foi um duro golpe para o prestígio papado. Os papas tornaram-se figuras decorativas. As ordens do papa eram desobedecidas livremente. Excomunicação era ignorada.

- c. *O Concílio de Constância*: Os italianos não estavam conformados com a residência papal em Avinhão. Eles queriam que Roma fosse outra vez o centro do poder papal. Isto resultou em um conflito entre os partidos italianos e franceses. Cada um elegeu um papa. Agora havia dois papas: um em Roma e outro em Avinhão. Isto é conhecido como a "Grande Divisão", que durou desde 1378 a 1417 d.C. Cada um dos papas reclamava ser o "Vigário de Cristo" e denunciava, excomungava e anatemizava o outro. Em 1409 foi convocado um concílio em Pisa para remediar a Divisão. Este concílio declarou vago o posto papal e elegeu Alexandre V. Nenhum dos papas depostos reconheceu a autoridade do Concílio e agora havia três papas. Debaixo destas circunstâncias confusas nenhum foi reconhecido realmente como papa. Por fim, em 1417, o Concílio de Constância elegeu a um novo papa, Martinho V, que recebeu o apoio dos outros três papas depostos. A Divisão terminou, mas o prestígio do papado romano havia sofrido uma irreparável perda. Desde 1378 os papas tem morado em Roma.

D. Resumo:

1. *O papado é uma instituição italiana* Surgiu das ruínas do Império Romano, ocupando o trono dos Césares em nome de Cristo — uma reivindicação da imagem do império Romano.
2. *Os métodos do papado*: Chegou ao poder pelo prestígio de Roma e em nome de Cristo, e por astutas alianças políticas, pela fraude, e pela força armada (seus próprios exércitos e os de reis subservientes); e pelo derramamento de sangue (como na Inquisição).
3. *As rendas pontífice*. Durante grande período de sua história, a venda de cargos eclesiásticos, o vergonhoso tráfico das indulgências (venda, por dinheiro, da remissão dos pecados), têm canalizado para o vaticano rendas vultuosas.
4. *O caráter pessoal dos papas*. Alguns deles têm sido bons homens; outros têm sido, indizivelmente vis; a maioria se tem absorvido em procurar conseguir poder secular.
5. *Pretensões dos papas*: Não obstante o caráter da generalidade dos papas, dos seus métodos e da sua história mundana e sanguinolenta, estes "santos padres" afirmam que são os "Vigários de Cristo", "infalíveis", "ocupantes, na terra, do lugar do Deus Onipotente", e que é necessário obedecer-lhes para se obter a salvação.
6. *O papado e a Bíblia*: Justino, o Mártir, Jerônimo e Crisóstomo insistiram na leitura da Bíblia. Gregório I recomendou a leitura da Bíblia. Todavia, papas posteriores tomaram uma atitude diferente. Nas escolas onde entra a influência do papa, a Bíblia não penetra. Nos países católicos, a Bíblia tem sido o livro desconhecido.

7. *O papado e o Estado:* Hildebrando denominou-se "soberano de reis e príncipes". Inocêncio III chamou-se "Supremo Soberano do mundo", e avocou a si o direito de fazer deposição de reis. Leão XIII afirmou que era o cabeça de todas as autoridades". Na coroação de um papa, colocam-lhe na cabeça, a coroa papal e lhe dizem "Tu és Pai dos príncipes e dos reis, governador do mundo e vigário de Cristo."
8. *O papado e a igreja:* O papado não é a igreja, mas uma máquina política que a dirige, a qual, arrogando-se certas prerrogativas, interpôs-se entre Deus e o seu povo; seu objetivo foi, e continua sendo, conservar o povo a ele sujeito.
9. *O papado e a tolerância:* O Papa Clemente VIII declarou que o edito de tolerância de Nantes, pelo qual se concedeu a todos "liberdade de consciência", era o que de mais condenável podia haver no mundo. Inocêncio X e seus sucessores têm condenado, rejeitado, anulado e protestado contra os artigos de tolerância do tratado de Vestefália, de 1648. Leão condenou a liberdade religiosa. Pio IV expressamente condenou a tolerância e liberdade religiosas.

Em breve resumo do papado foi aqui incluída para servir de pano de fundo à Reforma, na persuasão de que devemos familiarizar-nos com os motivos do movimento protestante e com os fundamentos históricos de nossa fé reformada. Alguns fatos aí mencionados parecem inacreditáveis, mas todas as declarações feitas podem ser verificadas consultando-se qualquer história Eclesiástica completa.

II. O SURGIMENTO DO PODER MAOMETANO

O Império foi fundado por Maomé na abertura do sétimo século. Arrancou muito território dos imperadores Gregos de Constantinopla até a sua extinção. Humilhou a Igreja Oriental até quase a sujeição e escravidão. Ameaçou a conquista da Europa. Ainda domina cerca de 600 milhões de pessoas.

- A. **Seu Fundador: Maomé, 570-632 d.C.:** Nasceu em Meca, cidade santa dos árabes, no ano 570 d.C. Seus pais eram de condição humilde; a morte deles foi reconhecida por seu avô. Na sua juventude se dedicou ao pastoreio. Mais tarde, visitou a Síria, donde entrou em contato com cristãos e judeus e aprendeu algo de sua religião. Aos 40 anos de idade se declarou profeta e reformador. Foi repellido em Meca e fugiu para Medina, no ano 622 d.C. Esta saída se chamou "Hégira" (fuga) e sua data marca o início da Era dos Árabes. Desde então adotou Medina seu atual nome que significa "cidade do Profeta". Sua causa cresceu grandemente mas custou zombarias e perseguições. No ano 630 d.C. ele entrou em Meca com um exército considerável, destruiu os 360 ídolos na Kaaba, e assegurou reconhecimento como líder dos Árabes. Morreu no ano 632 d.C., como o profeta e governador aceito por toda Arábia. Seus sucessores foram chamados Califas.
- B. **Sua Religião:** "Islã" ou "Submissão". Obediência completa à vontade divina. Sua fórmula de fé: "Não há mais Deus que Alá e Maomé é o seu profeta." Alá é o nome Árabe de Deus. Seus seguidores são chamados muçulmanos.
- C. **Doutrinas de Maomé:**

1. *Unicidade de Deus*: Um só Deus, Alá, onipotente, justiceiro e supremo.
2. *Predestinação*: Todos os eventos foram predestinados por Deus, conseqüentemente em todos os atos (bons ou maus) estão conduzindo à vontade de Deus.
3. *Anjos*: Multidões, bons e maus, tratando com os homens.
4. *O Alcorão*: Livro que contém as revelações que supostamente Maomé recebeu de Deus através do anjo Gabriel e que se fundamenta a religião maometana.
5. *Os profetas*: Os quatro maiores, Adão, Moisés, Jesus, e acima de todos os outros, Maomé. Todos os outros profetas Bíblicos, e apóstolos cristãos, são aceitos.
6. *O Estado Futuro*: A ressurreição final, julgamento, e o céu ou inferno para todos.

D. Progresso do Islamismo (Maometismo): A influência moral logo mudou-se em táticas guerreiras. A eleição oferecida a humanidade se conhecia a estas três proposições: o Alcorão, o tributo ou a espada; era decidir que todos deveriam abraçar a nova fé, embaixo da pena de pagar tributo para conservar sua religião, ou morrer irremissivelmente. Cada terra pagou tributo ou morreu. Conquistou toda a terra do cristianismo primitivo. A Batalha de Tours, na França, 732 d.C. foi uma das batalhas decisivas do mundo. Carlos Martel derrotou o exército muçulmano e salvou a Europa do maometismo que vinha arrasando o mundo cristão. Carlos, o chefe militar francês, foi chamado Martel que significa "martelo" pelos amassados golpes que descarregou sobre os muçulmanos no combate.

E. Elementos do Poder:

1. A Fé Árabe: Sincera e intensas em suas crenças.
2. Submissão do povo Grego asiáticos
3. Caráter da religião Islâmica: Superior ao paganismo na Arábia. Os cristãos do oriente eram fracos, sem zelo missionário.

F. Aspectos Favoráveis do maometismo:

1. Simplicidade da Doutrina.
2. Oposição à adoração de imagens.
3. Rejeição da mediação sacerdotal ou dos santos.
4. Abstinência da bebida forte.
5. Promoção da literatura e ciência.

G. Aspectos Desfavoráveis do Maometismo:

1. Conversão pela força e conquista.
2. A religião foi secularizada.
3. Concepção de Deus: Feroz, implacável, não tinha amor para a humanidade além dos seguidores do profeta.
4. Concepção de Cristo: um profeta judeu, inferior a Maomé.
5. Concepção do céu: um paraíso sensual, não espiritual.
6. Degradação da feminilidade.
7. Falta de habilidade política: não tinham poder para governar os seus impérios com sabedoria e justiça.

III. O SANTO IMPÉRIO ROMANO

Papa Leão III (795-816 d.C.), em Paga, por haver o rei Carlos Magno reconhecido, 774, o poder temporal dos papas sobre os Estados Pontifícios, conferiu-lhe, 800, o título de "Imperador Romano", unindo, assim, os domínios romanos e francos no "Santo Império Romano" e transferindo a capital, de Constantinopla para Aix-la-Chapelle, na Alemanha Ocidental. Carlos Magno, rei dos francos, neto de Carlos Martelo (que salvara dos maometanos a Europa na Batalha de Tours), foi um dos maiores governantes de todos os tempos. Reinou 46 anos, fez muitas guerras e conquistas de enorme envergadura. Seu reino abrangia o que hoje é a Alemanha, a França, a Suíça, a Áustria, a Hungria, a Bélgica, e partes da Espanha e da Itália. Ajudou ao papa, e o papa o ajudou. Foi ele uma das maiores influências em levar o papado à posição de poder mundial. Pouco depois de sua morte, pelo Tratado de Verdum, 843, seu império foi dividido no que veio a ser os fundamentos da moderna Alemanha, França e Itália. E daí por diante, durante séculos, houve luta incessante pela supremacia, entre os papas e os reis da Alemanha e da França.

- A. Seu Fundador: Carlos Magno o Carlos, o Grande:** 742-814 d.C.: Filho de Pepino o Breve, rei dos Francês. Foi coroado no natal do ano 800 d.C. na Basílica de São Pedro em Roma pelo papa Leão III, com o título de Carlos Augusto, Santo Imperador Romano, combinando-se assim com os domínios romanos e francos no Santo Império Romano, cuja capital foi transferida de Constantinopla para Aix-la-Chapelle na Alemanha Ocidental. Carlos Magno defendeu as mesmas três coisas que o Império Romano havia sustentado. Estes foram: Lei e ordem, civilização a cultura, e o cristianismo. Lei e Ordem, significava paz, a segurança de uma pessoa e prosperidade, a certeza de que a vida e propriedades de uma pessoa não seriam tiradas. Civilização, significava conhecimento, o refinamento de espírito, o enriquecimento e adorno de uma vida agradável. Cristianismo, significava a verdadeira religião. Esta tríplice bênção foi assegurada para o povo da Europa Ocidental por Carlos o grande. Por esta razão, mereceu o nome de Carlos Magno. Foi o fundador da dinastia de Carolíngio e a figura maior da Idade Média. Reinou com sabedoria, um reformador, legislador, padroeiro da educação e da Igreja.
- B. O Império:** Estabelecido assim por Carlos Magno e Leão III, declarando-o, Roma, independente de Constantinopla e restabelecendo o Império Ocidental com soberanos germânicos no trono, que usavam o título de "César", conferido pelos papas, acreditou-se que isso era a continuação do antigo Império Romano.
1. Este Império deveria estar sob a direção conjunta dos papas e dos imperadores germânicos, estes gerindo os negócios temporais, e aqueles os espirituais.
 - a. Mas, considerando que a Igreja era uma instituição do Estado, nem sempre foi fácil delimitar a respectiva jurisdição, daí resultando muitas lutas amargas entre os imperadores e os papas.
 2. O Santo império Romano, mais um nome do que um fato consumado, durou mil anos, e foi liquidado por Napoleão em 1806.
 - a. Serviu ao fim a que se propusera, combinando as civilizações romana e germânica. Neste Império entrou tudo quanto fora do mundo antigo; dele emergiu o mundo moderno.
- C. Os grandes Imperadores Alemães:**
Os descendentes de Carlos Magno faltaram autoridade, e o poder do Império diminui

grandemente.

1. *Os Grandes Imperadores do império:*
 - a. Henrique "O Caçador de Aves Selvagens" (919-936 d.C.)
 - b. Otto o grande (951-973)
 - c. Frederico Barbosa (1152-1190)
 - d. Frederico II (1196-1250)
 - e. Rodolfo de Hapsburgo (1273-1291)

D. Os Papas e os Imperadores:

Muita rivalidade através dos séculos. As lutas continuaram com menos vigor e cessaram depois da Reforma.

E. O Declínio e Queda do Império:

Enquanto que Áustria cresceu em maior importância, os imperadores tiveram mais interesse em seus domínios hereditários. Os muitos estados do império assim tornaram praticamente independentes. As sucessões de imperadores terminou em 1806 quando Napoleão estava no auge do seu poder.

IV. A SEPARAÇÃO DAS IGREJAS LATINAS E GREGAS

A separação formal foi feita em 1054 d.C. quando o mensageiro do Papa Leão IX deixou sobre o altar de Santa Sofia em Constantinopla o decreto de excomunicação; pelo que o Patriarca por sua vez publicou seu decreto excomungando Roma e as igrejas submetidas ao Papa. Contendas haviam sido a relação normal entre eles por centenas de anos antes. Desde 1054, as igrejas latinas e gregas haviam estado separadas, não reconhecendo a existência como Igreja de Cristo, uma da outra.

A. Causas Doutriniais: _ Principalmente a doutrina conhecida como a “Emanação do Espírito Santo.”

1. Igreja Latim: O Espírito Santo emanado do Pai e o Filho.
2. Igreja Grega: O Espírito Santo emanado do Pai.

B. Causas Com Relação ao Governo e ao Uso Cerimonial:

1. Casamento Sacerdotal: Proibida no Oeste, sancionado no leste.
2. Adoração de imagens: Estátuas adoradas no oeste, mas no leste, somente retratos permitidos.
3. A hóstia e o pão: No oeste usam pão asmo (a hóstia), mas no leste usam pão comum.
4. Dia de Jejum: A Igreja Ocidental (Romana) manteve o dia de jejum no sábado, mais tarde mudou para sexta-feira.

C. Causas Políticas: Um dos fatores mais importantes. Quando o império foi estabelecido por Carlos Magno, isto se deu no Império Antigo, separado e independente dos imperadores de Constantinopla. Um estado independente necessitava de uma igreja independente.

D. Alegações de Roma: A mais poderosa força conduzindo à separação. Roma dominou o estado, e o Papa alegou ser o "Bispo Universal". Em Constantinopla o Estado dominou a Igreja.

V. AS CRUZADAS

1095-1270

A. Suas origens: Do quarto século em diante, as peregrinações para a Terra Santa tornou-se popular. Milhares de peregrinos iam visitar os lugares santos, pois estes lugares estavam em mãos dos turcos que ofendiam e maltratavam aos peregrinos e cristãos. Os governos muçulmanos começaram a perseguir os peregrinos. O fraco império oriental foi também ameaçado pelos maometanos. O imperador Alexandre suplicou ao papa Urbano II para que trouxesse os guerreiros da Europa. O espírito libertador despertou nas nações da Europa ocidental para recuperar a Terra Santa (Palestina) do controle maometano. Para conseguir este objetivo organizaram as expedições que receberam o nome de CRUZADAS. A palavra "cruzada" significa "guerra da cruz," pelo emblema que adotaram os soldados expedicionários, uma cruz vermelha sobre o peito.

B. As Sete Cruzadas: Houve muitas cruzadas, mas sete foram principais:

1. *A Primeira Cruzada*, 1005-1099 - Godofredo de Bouillon
Jerusalém e quase toda a Palestina foi tomada em 1099. Godofredo recusou o título de rei, e nomeou-se "Barão e Defensor do Santo Sepulcro." Na sua morte, seu irmão Balduino tomou o título. O reino de Jerusalém durou até 1187.
2. *Segunda Cruzada*, 1147-1149 - Luís VII, Conrado III da Alemanha.
Foi por causa da conquista das províncias ao redor do reino de Jerusalém, pelos sarracenos (muçulmanos). Eles não conseguiram recuperar as províncias perdidas, mas conseguiram adiar por uma geração, a queda final do Reino.
3. *Terceira Cruzada*: 1188-1192 - Frederico I Barbaroxa, da Alemanha, Filipe Augusto da França e Ricardo I, Coração de Leão, da Inglaterra
Jerusalém foi capturada de novo pelos sarracenos em 1187. A queda da cidade incitou a Europa organizar a terceira cruzada. Três soberanos proeminentes chefiaram-na. Frederico morreu afogado. Filipe brigou com Ricardo e voltou para casa. Ricardo foi incapaz de conduzir seu exército até Jerusalém. Contudo, fez um acordo com Saladino a fim de que os peregrinos cristãos tivessem direito a visitar o Santo sepulcro sem serem molestados.
4. *Quarta Cruzada*: 1201-1204 (Constantinopla)
Os cruzados desviaram-se da conquista à Terra Santa, e conquistaram Constantinopla. Eles governaram o Império Grego por 50 anos. Deixaram o Império desamparado, um insignificante baluarte para enfrentar o crescente poder dos Turcos "seljuks", raça de guerreiros não civilizados, que sucederam aos sarracenos e maometanos no poder dominante depois do término do período das Cruzadas.
5. *Quinta Cruzada*: 1228-1229 - Frederico II
Frederico II, embora excomungado pelo Papa, conduziu um exército até à Palestina e conseguiu um tratado no qual as cidades de Jerusalém, Jafá, Belém, Nazaré fossem cedidas aos cristãos. Sabendo que nenhum sacerdote o coroa (pois estava sob a excomunhão papal), Frederico coroou-se a si mesmo "Rei de Jerusalém". Por esse motivo o título "rei de Jerusalém" foi usado por todos os imperadores germânicos e depois da Áustria, até ao ano 1835. Por causa da contenda do papa com Frederico II, os resultados da Cruzada não foram aproveitados. A cidade de Jerusalém foi novamente recapturada pelos turcos em 1244, e permaneceu em seu poder até 1917, em que foi tomada pelos ingleses, que a governaram até 1948. Neste ano a Palestina se constituiu em Estado independente com o nome de

Israel.

6. *Sexta Cruzada*: 1248-1254 - Luiz IX da França

Depois de conquistar Damietta, Luiz IX foi derrotado e aprisionado. Depois foi resgatado por elevada soma, com a entrega de Damietta. Foi para a Palestina e permaneceu lá até 1252, quando a morte de sua mãe, que ficara em seu lugar como regente, o obrigou a voltar à França.

7. *Sétima Cruzada*: 1270-1272 - Luiz IX da França, juntamente com o príncipe Eduardo Plantagenet, da Inglaterra.

A rota escolhida para a Cruzada foi novamente a África, porém Luiz IX morreu em Tunísia. Seu filho propôs a paz e Eduardo voltou à Inglaterra a fim de ocupar o trono. Esta é, geralmente, considerada a última Cruzada, cujo fracasso foi total. Palestina, Antioquia e muitas outras cidades caíram de novo em poder dos turcos. A queda de Tolemaida em 1291 assinalou o fim das cruzadas.

C. Causas do Fracasso das Cruzadas:

1. *Brigas dos líderes*.
2. *Visão limitada*: Os cruzados não tinham visão de longo alcance, ou planos além da conquista. Os cristãos tinham posto um jugo mais pesado sobre os residentes locais do que os muçulmanos. Acolheram com satisfação o regresso de seus primitivos governantes muçulmanos, pois mesmo que o jugo deles fosse pesado, ainda assim era mais leve do que o dos reis cristãos de Jerusalém.

D. Bons Resultados das Cruzadas

1. *Os peregrinos foram protegidos*: Pelo governo turco, e cessou a perseguição. A influência dos peregrinos contribuiu para o crescimento e a prosperidade da terra.
2. *Refreadas as agressões Muçulmanas*: Europa foi despertada ao perigo do Islamismo. Os mouros foram expulsos da Espanha (1492) e em 1683, os invasores Turcos foram expelidos da entrada em Viena. O declínio do Império Turco começou aqui.
3. *Conhecimento entre as nações*: Um respeito mútuo levantou-se por uns aos outros entre as nações. Contribuiu ao desenvolvimento da Europa moderna.
4. *Impulsos ao comércio*: As comodidades orientais estavam em demanda, a classe comerciante difundiu-se separada da nobreza. Enquanto as cidades cresciam, o poder dos nobres decaía.
5. *Efeitos no poder da Igreja*: No princípio, seu poder aumentou grandemente, mas no fim, o uso inescrupuloso do poder, e da riqueza pelo clérigo, ajudou a preparar o caminho para a Reforma.

VI. O DESENVOLVIMENTO DO MONASTICISMO

Durante a Idade Média o movimento monástico desempenhou uma função importante. Se pensava universalmente que a vida perfeita só podia encontrar no monasticismo. Os mosteiros vieram a ser asilos dos desamparados, consolo dos oprimidos, mestre dos ignorantes. O principal serviço que prestaram foi o da conservação da cultura. Em seus arquivos e bibliotecas estavam a salvo os volumes e ali podiam consultá-los os estudiosos. Sem estas bibliotecas e ânsia de colecionar dos monges não haveria chegado até nossos dias nenhum manuscrito antigo.

A. As Ordens Monásticas:

1. *Os Beneditinos*, 529 d.C. - Fundador: Bento de Nursia, em Monte Cassino, entre Roma e Nápoles. Ativo trabalhador industrial, derrubador de floresta, lavrador, etc. A regra desta ordem compreendia a instrução da juventude na leitura, escritura, enumeração e cálculos e da doutrina cristã e as artes mecânicas.
2. *Os Cistercienses*, 1098 d.C. - Fundadores: Roberto e Bernardo. Os Beneditinos tinham tornado-se relaxados, o que levou outros a formarem uma nova ordem. Seu nome deve-se à cidade francesa de Citeux, onde a ordem foi fundada por S. Roberto. Em 1112, a ordem foi reorganizada e fortalecida por S. bernardo de Clairvaux. Deram grande atenção a arte, arquitetura, e especialmente à literatura, copiando livros antigos e escrevendo outros novos.
3. *Os Franciscanos*, 1209 d.C. - Fundador: Francisco de Assis, um dos homens mais santos, mais devotos e mais amado. Da Itália a ordem dos Franciscanos espalhou-se rapidamente por toda a Europa, tornando-se a mais numerosa de todas as ordens. A regra desta ordem era uma vida de pobreza consagrada e a pregação e a medicina para subsistir. Muitos pereceram durante a grande praga, dando ajuda a outros. Diz a história que a peste negra, praga que se espalhou por toda a Europa no século catorze, matou mais de 124.000 monges Franciscanos, enquanto prestavam auxílio aos moribundos e enfermos. Por causa da cor do hábito que usavam, tornaram-se conhecidos como os "frades cinzentos."
4. *Os Dominicanos*, 1215 - Fundador: Domingos de Gúzman, ordem Espanhola, que também se estendeu por toda a Europa, África, Ásia e América. A regra desta ordem espanhola foi o estudo, a oração e a pregação da doutrina católica. Foram dirigentes da Inquisição, uma corte estabelecida para desterrar a "heresia". Os Dominicanos e os Franciscanos diferenciavam-se dos membros de outras ordens, pois eram pregadores, iam por toda a parte a fortalecer a fé dos crentes e opunham-se às tendências "hereges", sendo eles, mais tarde, os maiores perseguidores dos mesmos "hereges". Eram conhecidos como os "frades negros", por se vestirem de preto. Os Dominicanos, juntamente com os Franciscanos, eram também chamados os "frades mendicantes", porque dependiam para o próprio sustento das esmolas que recolhiam de porta em porta.
5. *As Ordens para Mulheres*: Foram similar àquelas para os homens.

B. Os Benefícios do Monasticismo:

Começaram com nobres propósitos, e primeiramente, foram um benefício para a sociedade.

1. *Centros de Paz* Durante os séculos de paz e quietude nos mosteiros, nos quais aqueles que estivessem em dificuldade ou perigo encontravam abrigo.
2. *Hospitalidade*: Para os viajantes, doentes e pobres, a base o modelo dos hotéis e hospitais modernos.
3. *Refúgio para os Desamparados*: Especialmente para as mulheres e crianças.
4. *Agricultura*: Os mosteiros primitivos desenvolveram a agricultura. Os monges dedicavam-se ao saneamento, a secar pântanos, a canalizar águas, a construir estradas e a cultivar a terra. Exemplo na maneira própria do uso da terra.
5. *Literatura*: Nas bibliotecas dos mosteiros guardavam-se muitas das mais antigas obras da literatura clássica e cristã. Os monges copiavam os grandes livros, escreveram as biografias de personalidades importantes, crônicas do seu tempo e histórias do passado, e também muitos pensamentos originais. Algumas das obras mais importantes, como os cânticos de S. Bernardo e Imitação de Cristo, de Kempis, foram fruto dos mosteiros. Sem as obras escritas nos mosteiros, a Idade Média teria passado em branco.

6. *Educação:* Quase todas as universidades e escolas da Idade Média levantaram-se nos conventos. Os monges eram os principais professores da juventude, isto é, praticamente os únicos.
7. *As Missões:* Na expansão do evangelho os monges serviram como missionários. Entravam em contato com os bárbaros e os convertiam à religião cristã. Entre eles conta-se Agostinho (597), e também Patrício, que iniciou a evangelização da Irlanda, no ano 431; esses são alguns, entre muitos missionários monásticos.

C. Alguns Efeitos Maus do Monasticismo:

Apesar dos bons resultados que emanaram do sistema monástico, também houve péssimos resultados. Alguns desses manifestaram-se mesmo quando as instituições estavam em progresso. Contudo, acentuaram-se no último período, quando o monacato degenerou, perdendo o fervor primitivo, seus ideais elevados e a disciplina. Entre esses males contam-se os seguintes:

1. *Exaltação do Celibato:* O monacato apresentava o celibato como a vida mais elevada, o que é inatural e contrário às Escrituras. Impôs a adoção da vida monástica a milhares de homens e mulheres das classes nobres da época. Milhares dos mais nobres escolheram esta vida.
2. *Efeitos na Vida Social e Nacional:* Muitos dos mais capazes não fizeram parte da vida cívica e nacional. Os lares e as famílias foram, assim, constituídos não pelos melhores homens e mulheres, mas por aqueles de ideais inferiores, já que o monacato enclausurava os melhores elementos, que não participavam da família, nem da vida social, nem da vida cívica nacional.

Tanto em tempos de guerra como em tempos de paz os homens mais capazes e necessários ao Estado estavam inativos, nos mosteiros. Afirmam alguns que Constantinopla e o Império Oriental poderiam haver-se defendido contra os Turcos, se os monges que viviam nos conventos tivessem pegado em armas para defenderem o seu país.

3. *Luxo e Imoralidade:* O crescimento da riqueza dos mosteiros levou à indisciplina, ao luxo, à ociosidade e a imoralidade. Muitos conventos transformaram-se em antros de iniquidade.
4. *As contribuições extorquidas:* Cada nova ordem que surgia procurava fazer reformas, porém seus membros degeneravam para os mais baixos níveis de conduta. Inicialmente os mosteiros eram mantidos pelo trabalho de seus ocupantes. Mais tarde, porém, o trabalho cessou quase que por completo, e monges e freiras mantinham-se com a renda das propriedades, que aumentavam constantemente, mediante as contribuições que se impunham à força às famílias, ricas e pobres. Todas as propriedades e bens de raiz das casas monásticas estavam isentos de impostos. Desse modo encargos cada vez mais pesados, que finalmente se tornaram insuportáveis, eram colocados sobre a sociedade que vivia fora dos conventos. A ganância dos mosteiros provocou sua extinção.

VII. A ARTE E A LITERATURA MEDIEVAL

A Idade Média deu ao mundo algumas das maiores realizações nas coisas mais finas da vida, tudo elaborado sobre a influência direta da Igreja.

A. As Universidades:

Durante a Idade Média fundaram-se quase todas as grandes universidades, iniciadas principalmente por eclesiásticos e com origem nas escolas ligadas às catedrais e aos mosteiros.

Entre essas universidades podem-se mencionar a de Paris, que no século onze sob a orientação de Abelardo, tinha milhares de alunos; as universidades de Oxford e de Cambridge, e bem assim a de Bolonha, nas quais estudavam alunos de todos os países da Europa. Praga e Leipzig na Alemanha. Salamanca na Espanha. Em todas elas ensinaram eminentes figuras das Ciências e das Letras, e de suas aulas saíram doutores que alcançaram celebridades por seu conhecimento e ensinamento.

B. As Catedrais:

O mundo moderno não tem esperança de igualar-se a elas em beleza e tamanho. A principal ostentação da Idade Média se encontra na arquitetura, cujos grandiosos monumentos ainda são contemplados com admiração pelas gerações contemporâneas. França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Alemanha, Itália e Espanha possuem numerosas catedrais e abadias que sobressaem por sua beleza e sublimidade de estilos.

C. Despertamento da Literatura:

O despertar da literatura teve início na Itália com a famosa obra "A Divina Comédia", de Dante Alighieri, iniciada no ano de 1303, logo seguida pelos escritores de Petrarca (1340) e de Bocácio (1360). Dante é considerado como o fundador do idioma italiano. Na Alemanha apareceu o poema épico "Canção dos Nibelungos". Na Inglaterra sobressaiu o primeiro grande poeta Godofredo Chaucer, chamado o Padre da Poesia Moderna Inglesa. Na Espanha se escreveu o famoso "Poema del Cid" que canta a vida e andanças de Rui Dias de Vivar (Cid Campeador), e que é considerado um dos textos mais antigos do nascente idioma castelhano. Este poema pertence a literatura provençal.

D. O Despertamento da Arte:

Na Itália teve início na mesma época o despertar da arte, com Giotto, em 1298, seguido por muitos grandes pintores, escultores, arquitetos. Devemos lembrar que, sem exceção, os pintores primitivos usavam a sua arte para servir à igreja. Seus quadros, apesar de se encontrarem atualmente em galerias e em exposições, a princípio estavam nas igrejas e nos mosteiros.

VIII. INÍCIO DA REFORMA RELIGIOSA

Levantaram-se cinco grandes movimentos de Reforma na Igreja, contudo, o mundo não estava preparado para recebê-los, de modo, que foram reprimidos com sangrentas perseguições.

A. Os Albigenses - 1170:

Também chamados de cátaros (cathari), "puritanos", do sul da França. Pregaram contra as imoralidades do clero, as peregrinações e a adoração de santos e imagens, e as pretensões sacerdotais, opuseram-se à doutrina do purgatório, repudiaram o clero e sua autoridade da tradição, e as pretensões da igreja de Roma; divulgaram o Novo Testamento, mas rejeitaram o Antigo Testamento. Viviam uma vida abnegada e tinham grande zelo pela pureza moral. Em 1208, o papa Inocêncio III os declarou hereges e proclamou uma cruzada contra eles. Quase toda a população da área, incluindo aos católicos, foram mortos. Em 1229 se estabeleceu a Inquisição, e em menos de cem anos os Albigenses franceses foram exterminados.

B. Os Valdenses - 1170:

Fundados por Pedro Valdo, um comerciante de Lyon, França, e que deu os seus bens aos pobres e andou pregando, lia a Bíblia e distribuía as Escrituras, as quais contrariavam os costumes e as doutrinas católicas. Negou o direito exclusivo do clero de ensinar o Evangelho; repeliu as missas, as orações pelos mortos e o purgatório; ensinou que a Bíblia é a única regra de fé e da vida. Sua mensagem criou grande interesse em ler a Bíblia. Os Valdenses estabeleceram uma ordem de evangelistas, "os pobres de Lyon", que viajavam pelo centro e sul da França, ganhando adeptos. Foram sufocados gradualmente pela Inquisição, e cruelmente perseguidos e expulsos da França; mas muitos deles encontraram refúgio nos vales alpinos do norte da Itália. Apesar do século de perseguições, eles permaneceram firmes, e atualmente constituem uma parte do pequeno grupo de protestantes na Itália.

C. João Wyclif - 1324-1384

O movimento iniciou na Inglaterra a favor da libertação do domínio do poder romano e da reforma da igreja. Wyclif nasceu em 1324, educou-se na Universidade de Oxford, onde alcançou o lugar de doutor em teologia e chefe dos conselhos que dirigiam aquela instituição. Atacava os frades mendicantes e o sistema do monacato. Recusava-se a reconhecer a autoridade do papa e opunha-se a ela na Inglaterra. Escreveu contra a doutrina da transubstanciação, considerando o pão e o vinho meros símbolos. Solicitou que o culto na Igreja fosse de acordo com o modelo do Novo Testamento. Defendeu o direito do povo ler a Bíblia, e a traduziu para o Inglês o Novo Testamento. O Antigo Testamento, com ajuda de alguns amigos, foi traduzido e publicado no ano em que morreu. Declarou que a Bíblia, e não a igreja, deviam ser a única regra de fé. Foi condenado pelo papa, mas muita gente, entre eles nobres poderosos o protegeram até a sua morte em 1384. Ele permaneceu sereno como um sacerdote. Seus seguidores, chamados "lollardos", levaram seus ensinamentos e a recém traduzida Bíblia a muitas partes da Inglaterra. O número dos "lollardos" aumentou dia a dia, mas quando Henrique IV e V subiram ao trono, muitos dos lollardos foram mortos queimados e na estaca. Finalmente os que ficaram tiveram que esconder-se e permaneceram em segredo até o tempo da Reforma. Os ensinamentos e a Bíblia traduzida por Wyclif prepararam o caminho para o movimento Reformista que veio um século depois.

D. João Huss, 1369-1415:

João Huss, da Boêmia (nascido em 1369 e martirizado em 1445). Reitor da Universidade de Praga, Boêmia. Foi discípulo de Wyclif, cujos escritos haviam chegado até Boêmia. Foi um pregador intrépido; atacou os vícios do clero, as usurpações estrangeiras e o estado corrompido da igreja. Condenou a venda de indulgências como uma prática abominável contrária aos ensinamentos da Bíblia. Repeliu o purgatório e a adoração de santos. Elevou as Escrituras acima dos dogmas e ordenanças da igreja. O Papa João XXIII excomungou João Huss, e determinou que a cidade de Praga ficasse sujeita à censura eclesiástica enquanto ele morasse ali. Huss, então retirou-se para lugar ignorado. Porém, de seu esconderijo enviava cartas confirmando suas idéias. Ao fim de dois anos consentiu em comparecer ao concílio da igreja católica-romana de Constança, que se realizou em Badem, na fronteira da Suíça, havendo para isso recebido um salvo-conduto do imperador Segismundo. Foi chamado ao Concílio de Constança em 1415 para discutir seus conceitos. Entretanto, o acordo foi violado, não respeitaram o salvo-conduto sob a alegação de que "Não se deve ser fiel a hereges." Assim foi Huss condenado e queimado em 1415. O papa ordenou uma cruzada para exterminar aos seguidores de Huss, que formavam uma grande parte do povo boêmio. Mas o espírito reformista permaneceu, e quando a Reforma começou na Alemanha, a oposição à igreja romana ainda era forte na terra de Huss.

E. Jerônimo Savonarola: 1452-1498:

Nascido em 1452, foi um monge da Ordem dos Dominicanos, em Florença, Itália, e chegou a ser o prior do Mosteiro de S. Marcos. Pregava, tal qual um dos profetas antigos, contra os vícios sociais, eclesiásticos e políticos de seus dias. A grande catedral enchia-se até transbordar de multidões ansiosas, não só de ouvi-lo, mas também para obedecer aos seus ensinamentos. Durante muito tempo foi praticamente o ditador de Florença onde efetuou evidente reforma. Finalmente foi excomungado pelo papa Alexandre VI. Foi preso, condenado enforcado e seu corpo queimado na maior praça de Florença. Seu martírio deu-se em 1498, apenas dezenove anos antes que Lutero pregasse as teses na porta da catedral de Wittenberg.

IX. A QUEDA DE CONSTANTINOPLA 1453

A queda de Constantinopla, em 1453, foi considerada pelos historiadores como o ponto divisor entre a Idade Média e a Idade Moderna. O Império Grego estava enfraquecido pela conquista dos cruzados em 1204. Entretanto, as fortes defesas naturais e artificiais protegeram durante muito tempo a cidade de Constantinopla contra os turcos que sucederam aos árabes como poder maometano dominante. Província após província do grande império foi tomada, até ficar somente a cidade de Constantinopla, que finalmente, em 1453, foi tomada pelos turcos sob as ordens de Maomé II, marcando o fim do Império Romano do Oriente. A igreja de Santa Sofia foi transformada em um dia em uma mesquita (condição que durou até 1920). Constantinopla permaneceu até 1920, como a cidade dos sultões e a capital do Império Turco. Depois da primeira guerra mundial, Ancara foi declarada a capital Turca. Os Turcos sucederam aos árabes como os líderes no poder maometano, desde 1058 até recentemente. O patriarca da igreja grega continuou em Constantinopla (Istambul) porém só como autoridade eclesiástica. Com a queda de Constantinopla, em 1453, terminou o período da igreja Medieval.

X. O ESCOLASTICISMO

A filosofia escolástica, cujos estudos adquiriram prosseguimento a partir da segunda metade da Idade Média, consistia no intento de acomodar as doutrinas eclesiásticas a um sistema científico. Os mestres nestes estudos foram conhecidos com o nome de "escolásticos" e tiveram que fazer grandes esforços e recorrer a toda classe de sutilezas dialéticas para concordar os dogmas da verdade revelada e outros extremos teológicos e metafísicos, com as conclusões científicas e os ditados da razão. Ainda que as diversas escolas do pensamento diferissem em seu ponto de vista relativo ao lugar da razão e a revelação, o resultado total era edificar com filosofia o sistema católico romano.

A. Os Líderes do Escolasticismo:

Muitos grandes homens surgiram durante os mil anos da Igreja Medieval. Alguns dos líderes intelectuais mais importantes são:

1. *Anselmo*, 1033-1109: Nasceu em 1033, no Piemonte, Itália; era um erudito, como tantos outros homens de seu tempo, que vagava por vários países. Anselmo fez-se monge do Mosteiro de Bec, na Normandia, e alcançou o cargo de abade, em 1078. Foi nomeado arcebispo de Canterbury e primaz da igreja na Inglaterra por Guilherme Rufus, em 1093. Contudo lutou contra Guilherme e contra seu sucessor Henrique I, por causa da liberdade e

autoridade da igreja, e por isso foi exilado, por algum tempo. Escreveu várias obras teológicas e filosóficas, sendo por isso chamado "o segundo Agostinho". Morreu no ano 1109.

2. *Pedro Abelardo*, 1079-1142: Nasceu no ano 1079, e morreu em 1142, como filósofo, foi o pensador mais ousado da Idade Média. Pode ser considerado como o fundador da Universidade de Paris, que foi a mãe das Universidades européias. A fama de Abelardo, como professor, atraiu milhares de estudantes de todas as partes da Europa. Muitos dos grandes homens da geração que lhe sucedeu foram influenciados por seus pensamentos. Suas intrépidas especulações e opiniões independentes o colocaram mais de uma vez sob a expulsão da igreja. Mais famosa do que seus ensinamentos e escritos foi a história romântica que manteve com a formosa Heloísa, por quem deixou a vida monástica. Casaram-se, porém logo depois foram obrigados a separar-se e a entrar para conventos. Abelardo morreu no posto de abade, e Heloísa quando era abadessa.
3. *Bernardo de Clairvaux*, 1090-1153: Foi um nobre pertencente a uma família francesa. Educou-se para servir na corte, porém renunciou, a fim de entrar para um convento. Em 1115 fundou em Clairvaux um mosteiro da ordem dos cistercienses e foi ele o primeiro abade do convento. Essa ordem espalhou-se por muitos países e seus membros eram geralmente conhecidos como bernardinianos. Bernardo era uma admirável união de pensador místico e prático. Organizou a Segunda Cruzada em 1147. Foi um homem de mente esclarecida e coração bondoso. Opunha-se à perseguição aos judeus e escrevia contra ela. Alguns de seus hinos, como "Jesus, só o pensar em ti", e ainda "Ó fronte ensangüentada", cantam-se em todas as igrejas. Somente vinte anos depois da morte foi ele canonizado como São Bernardo. Lutero declarou o seguinte: "Se houve no mundo um monge santo e temente a Deus, esse foi S. Bernardo de Clairvaux".
4. *Tomás de Aquino*, 1225-1274 - A mentalidade maior da Idade Média foi, sem dúvida Tomás de Aquino, que viveu nos anos de 1225 a 1274, e foi chamado o "Doutor Universal, Doutor Angélico e Príncipe da Escolástica". Nasceu na localidade de Aquino, no reino de Nápoles. Contra a vontade da família, os condes de Aquino, entrou para a ordem dos monges dominicanos. Quando ainda estudante, Tomás era tão calado que lhe deram o apelido de "boi mudo". Mas o seu mestre Alberto Magno sempre dizia: "Um dia esse boi encherá o mundo com seus mugidos." E, de fato, ele foi a autoridade mais célebre e mais elevada de todo o período medieval, na filosofia e na teologia. Seus escritos ainda hoje são citados, principalmente pelos eruditos católicos romanos. Tomás de Aquino morreu em 1274.

XI. A INQUISIÇÃO

A inquisição, denominada "Santo Ofício", foi instituída por Inocêncio III e aperfeiçoada sob o segundo papa que se seguiu, Gregório IX (1231). Era o tribunal eclesiástico, ao qual incumbia prender e castigar os hereges. Exigia-se que todos prestassem informação sobre pessoas heréticas. Todos os suspeitos de heresia estavam sujeitos a torturas, sem saber quem os havia acusado. O processo corria secretamente. O inquisidor pronunciava a sentença e a vítima era entregue às autoridades civis para ser encarcerada pelo resto da vida, ou ser queimada. Seus bens eram confiscados e divididos entre a Igreja e o Estado.

No período que se seguiu imediatamente a Inocêncio III, a Inquisição executou sua obra mais fatal no sul da França, mas a ela coube a responsabilidade de vastas multidões de vítimas na Espanha,

Itália, Alemanha e Países Baixos.

Mais tarde, foi ela a principal agência do esforço papal por esmagar a reforma. Afirma-se que nos 30 anos, entre 1540 e 1570, nada menos de 900.000 protestantes foram mortos, na guerra movida pelo papa com o fim de exterminar os Valdenses.

Imagine-se o que eram frades e padres, insensivelmente cruéis e desumanamente brutais, dirigindo a obra de torturar e queimar vivos homens e mulheres inocentes; e faziam isto em nome de Cristo, por ordem direta do seu "vigário".

A Inquisição é o fato mais infame da história. Foi inventada pelos papas e usada por eles, durante 500 anos, na manutenção do seu poder. Nenhum, da subsequente linhagem desses "santos" e "infalíveis", jamais se penitenciou disso.

- A. A Inquisição** foi uma parte do mecanismo legal da igreja, e meio de controle sobre a vida humana — uma organização eclesiástica destinada a indagar, descobrir e punir o que a Igreja considerava heresia ou discordância dos seus ensinios.
- B. No século XII houve dois grupos muito fortes de dissidentes, os Albigenses e os Valdenses.**
 - 1. O pensamento da Igreja Romana é que não devia haver outro método de combater a heresia exceto o da repressão.
 - a. A heresia era rebelião e como tal devia ser esmagada.
 - 2. Muitos governos civis criaram leis severas contra a heresia.
 - 3. A inquisição era uma combinação de uma força policial e de um sistema judicial.
 - a. Operava em toda a parte, secreta, vigilante e desumanamente.
 - b. O acusado não tinha meios de defesa.
- C. Tinha o apoio da opinião pública.**
 - 1. Para o homem medieval a heresia era o pior dos crimes pois ela quebrava a unidade da Igreja. Na mente do povo a fé cristã e a organização que a representava, eram uma e a mesma coisa.
 - 2. O cristianismo era considerado o fundamento da sociedade civilizada, considerava-se o herege um desobediente à igreja.

5º PERÍODO - A IGREJA REFORMADA

Da queda de Constantinopla - 1453 d.C.
Ao término da 1ª Guerra dos Trinta Anos - 1648

I. FATORES QUE CONDUZIRAM À REFORMA

A. O Renascimento:

O despertar do saber, foi resultado em parte das Cruzadas, da pressão dos turcos e da queda de Constantinopla. Contribuiu ao movimento reformista. O despertar da Europa para um novo interesse na literatura, arte e ciência, nas antigas obras clássicas. Se gastaram vastas somas de dinheiro em recolher manuscritos e fundar bibliotecas. A mudança de propósito do Medieval para os pensamentos e métodos modernos. Na Itália e no sul, os grandes pensadores estavam frequentemente interessados na literatura clássica, arte grega e italiana, a parte da religião. O interesse era primordialmente cultural e patriótico. Os líderes eram agora leigos em vez de sacerdotes e monges. Ainda os papas daquela época foram qualificados mais por sua cultura do que pela fé.

No norte, o movimento era mais religioso. O estudo do hebraico e grego procurava a melhor interpretação das Escrituras, a recuperação do melhor texto das Escrituras além o exame crítico dos manuscritos antigos; uma busca da verdadeira base da fé, a parte da autoridade papal (Roma).

B. A Invenção da Tipografia:

Por John Gutenberg em 1456. Pela primeira vez na história humana, livros, dicionários e materiais impressos podiam ser impressos mais rapidamente, em vez de manualmente. O primeiro livro impresso foi a Bíblia. O uso das Escrituras estava agora ao alcance de muitos. Elas foram traduzidas em muitas línguas.

C. O Espírito de Nacionalidade:

Havia grande descontentamento pela corrupção da igreja e do clero. O povo estava inquieto por causa das crueldades da Inquisição, os governantes civis se cansaram da interferência papal nos assuntos do Estado. O patriotismo do povo fez com que eles não estivessem dispostos a submeter-se ao governo estrangeiro de sua igreja, e recusaram a dar seu dinheiro para sustentar o papa e a construção de igrejas imponentes em Roma. Eles queriam ver o clero sob as mesmas leis e a corte como a laicidade (que não é clérigo; que pertence ao povo cristão como tal e não à hierarquia eclesiástica).

II. A REFORMA NA ALEMANHA

O fogo da reforma estava na Alemanha, sob a liderança de Martin Lutero, o "Fundador da Civilização Protestante."

A. MARTIM LUTERO, 1483-1546

Nasceu em Eisleben, na Saxônia, descendente de uma família de camponeses. O preparo religioso de Lutero teve como base aquela piedade simples da família alemã na Idade Média, de mistura com a superstição característica da era medieval. Aos dezoito anos ingressou na mais famosa

universidade alemã, a Universidade de Erfurt, em 1501, com o propósito, como era o desejo do pai, de estudar Direito, de onde se graduou em um tempo muito breve. Era muito estudioso, orador fluente; gostava da música e era muito sociável. Já estava para iniciar a sua vida profissional, quando, repentinamente, para grande desapontamento do pai e dos amigos, em 1505, decidiu tornar-se monge, ingressando para o Convento dos Agostinhos em Erfurt.

1. *Sua Luta no Mosteiro*

Ficou ansioso de sua salvação; como ele próprio dizia, duvidava de si mesmo. Para um homem medieval o caminho mais acertado para a salvação da sua alma era o da vida monástica. Este caminho, Lutero seguiu, sacrificando, por causa da salvação da sua alma, tudo o que o mundo lhe podia oferecer.

No mosteiro, sustentou consigo mesmo uma tremenda batalha espiritual. Excedeu-se em jejuns, vigílias, flagelações e procurava do seu confessor a absolvição para os mais leves pecados. Não obstante, a sua alma ardia com o sentimento do pecado e com o pensamento constante de estar debaixo da ira divina.

Livrou-se dessa indescritível angústia, desse terror espiritual, pelo que lhe foi revelado a respeito da verdade central do Evangelho de Cristo. O vigário geral da sua Ordem, Staupitz, ensinou-lhe que Deus era misericordioso. Para Lutero Deus só fazia castigar o pecador por meio da Sua Justiça. Lutero também encontrou a verdade a respeito da graça divina para com os pecadores, na obra de Bernardo de Claraval. Ao lado de tudo isto era ardente leitor da Bíblia,

2. *A Revelação de Lutero*

Ao fim de 1512 e início de 1513, enquanto lia a Epístola aos Romanos, em sua cela, encontrou estas palavras: "*Mas o justo viverá da fé.*" Romanos 1:17. Aquilo então como que lhe incendiou a mente: que a salvação lhe pertencia simplesmente pela confiança, pela fé em Deus através de Jesus Cristo e não por qualquer obra que ele próprio realizasse. Ainda, então, não tinha entendido plenamente esta verdade. Avançou mais através dos estudos dos Salmos e das Epístolas de Paulo. Pelo estudo destes livros da Bíblia, e nas suas preleções ele afirmou, com clareza sempre crescente e profunda certeza, a sua mensagem: que Deus salva os pecadores mediante a fé no seu amor revelado em Cristo.

Contra esta verdade e acima dela, pairava o ensino da igreja medieval que o homem pode alcançar a salvação pelas obras, pelos sacramentos que a igreja, que se dizia divinamente autorizada, prescrevia.

3. *Sua vida em Wittenberg como Professor*

Por mais de quatro anos Lutero trabalhou em Wittenberg sem romper com a igreja. Tornou-se um líder da sua ordem, muito ocupado com a administração dela. Suas lições e preleções na Universidade tinham uma nova orientação, consistindo de explicações das Escrituras em vez de repetições dos padres e doutores. Ele interpretava a Palavra de Deus ao povo, trazendo luz, ensinando a Palavra de Deus.

Estas pregações atraíram estudantes à Universidade e pessoas da cidade ao salão das suas preleções. Pregava muito, com notável simplicidade e com o poder da nova verdade descoberta que não era verdade nova. Afinal, alguma coisa o forçou a falar publicamente a respeito desta grande verdade.

B. As Indulgências de Tetzel

Uma indulgência era uma diminuição das dores do purgatório; era assegurar uma remissão do castigo do pecado. As indulgências papais resultaram sumamente lucrativas e pronto estavam em

uso geral. Supostos certificados de libertação dos pecados, purgatório ou inferno, sendo vendido para levantamento de fundos para a construção de São Pedro em Roma. Assinado pelo papa, e que "Tão logo sua moeda tinsse na caixa a alma de seu amigo levantaria do purgatório para o céu." Se ofereciam como incentivo as Cruzadas, e nas guerras contra os hereges, aos inquisidores, a troca de dinheiro ou para promover alguma empresa pública ou privada do papa. Numa localidade próxima a Wittenberg apareceu, em 1517, um homem chamado João Tetzel, enviado pelo arcebispo de Mogúncia para vender as indulgências emitidas pelo papa. Muita gente veio comprar essas indulgências. Elas ofereciam diminuição das penas do purgatório. Essa gente, porém, pensava, em virtude da forte propaganda de Tetzel na venda da sua mercadoria, que, com a compra das indulgências, conseguiria o perdão dos pecados. O que chegou ao conhecimento de Lutero através do confessoriano convenceu-o de que o tráfico das indulgências estava desviando o povo do ensino a respeito de Deus e do pecado, e enfraquecendo seriamente a vida moral de todo o povo. Decidiu, então, enfrentar tão grande erro e abuso.

C. As Noventa e Cinco Teses de Lutero

Em 31 de outubro de 1517, véspera do dia de Todos os Santos, quando enorme multidão comparecia à Igreja de Wittenberg, Lutero colocou às portas da igreja as 95 Teses que tratavam do caso das indulgências. Nelas declarava que a Igreja podia remitir somente o que ela exigia, isto é, sentenças quanto a disciplina, e que as indulgências eram nulas para o efeito de remover a culpa ou afetar a situação das almas no purgatório, e que o cristão arrependido tinha o seu perdão vindo diretamente de Deus, sem a intervenção de indulgências. Não obstante Lutero não perceber plenamente, as teses foram um golpe no coração do poder do papa que era o cabeça da igreja. Pois as teses negavam o pretensão de poder da igreja de ser mediadora entre o homem e Deus e de conferir perdão aos pecadores.

O papa Leão X começou a agir contra esse monge rebelde. Primeiro, intimou Lutero a ir a Roma, o que significaria morte certa. Mas o Eleitor da Saxônia, interessado pelo famoso professor da sua universidade, protegeu-o, ordenando que seu caso fosse discutido e ouvido na Alemanha. Em um debate em Leipzig, para o que fora desafiado por um defensor da igreja, ele declarou, como resultado dos estudos que fizera, que o papa não tinha autoridade divina e que os concílios eclesiásticos não eram infalíveis. Essas afirmações significaram seu rompimento definitivo e irrevogável com a igreja papal.

1. *Lutero apela Para A Alemanha.*

Aberta, assim, a sua luta, prosseguiu sem temor, agindo com muita rapidez. Uma das suas publicações dessa época e talvez a maior das suas obras foi o apelo "A Nobreza Cristã da Alemanha". Era uma convocação a toda Alemanha para unir-se contra Roma. Lutero negou que o papa e o clero tivessem sobrenaturais poderes sacerdotais, dando assim um golpe nas raízes mesmas da autoridade que dominou a Europa tão duramente, muitos e muitos séculos. Ele provou que todos os cristãos são sacerdotes, tendo acesso à presença de Deus mediante a fé em Cristo.

Finalmente traçou um plano para a organização de uma igreja nacional alemã, independente e reformada. Lutero neste tempo já se tornara conhecido e respeitado como um homem devoto e de caráter austero (dignidade).

2. *Ameaça de Excomunhão*

Enquanto esse livro era impresso (agosto, 1520) publicava-se na Alemanha a bula papal da excomunhão que Lutero já esperava. A bula o obrigava e aos seus simpatizantes e seguidores, a retratarem suas "heresias" dentro de sessenta dias, e ainda determinava que se

eles não o fizessem seriam tratados como hereges — isto é, seriam presos e condenados à morte. Lutero queimou a Bula em dezembro, diante de um grande grupo de pessoas. Ele também queimou as cópias das leis das autoridades Romanas, renunciando a Igreja Católica Romana.

D. Lutero É Excomungado e Trazido Perante A Dieta

No mês seguinte, o papa publicou a terrível sentença final, excomungando Lutero e o condenando a todas as penalidades conseqüentes da heresia. Esta bula (um documento que excomungava o padre), para ter efeito, dependia do poder civil para levar Lutero à morte. Desse modo, o caso tinha de ir à Dieta Imperial (Assembléia de políticos para resolver os problemas civis) que ia se reunir nesse mesmo ano (1521) em Worms. Citado a comparecer perante a Dieta, Lutero, certo de que marchava à morte, foi destemidamente. Quando se apresentou na Dieta era o campeão de um grande partido nacional que exigia uma igreja alemã livre dos grilhões de Roma, uma igreja reformada.

E. A Dieta de Worms, 1521:

Lutero foi chamado perante o imperador da Alemanha. Foi lhe perguntado se ele queria retratar, ou revogar, as declarações que ele havia escrito em seus livros. Ele disse que não podia retratar nada, a não ser que eles lhe provasse pelas Escrituras. Ao fim da sua defesa, o imperador, por intermédio de um oficial, perguntou-lhe se estava disposto a se retratar das afirmações que fizera. A sua resposta foi:

"É impossível retratar-me, a não ser que me provem que estou laborando em erro, pelo testemunho das Escrituras ou por uma razão evidente; não posso confiar nas decisões de concílios e de papas, pois é evidente que eles não somente tem errado, mas se têm contraditado uns aos outros. Minha consciência está alicerçada na Palavra de Deus, e não é seguro nem honesto agir-se contra a consciência de alguém. Assim Deus me ajude. Amém."

A dieta dissolveu-se em meio de grande confusão.

Ele era, de fato, o vencedor. A Dieta, sob pressão do imperador, proclamou o Édito de Worms que punha Lutero fora da Lei e decretava a destruição dos seus simpatizantes. Mas a Alemanha zombou do Édito e nenhuma tentativa séria jamais foi realizada para levar a efeito a sentença contra Lutero. Ele era agora o líder do movimento religioso nacional a que dera origem, por seu bravo testemunho a favor da verdade evangélica, como Deus lhe tinha revelado.

F. O Castelo de Wartburgo:

Depois de terminar o Concílio de Worms, as forças papais conseguiram um édito que proclamasse a Lutero proscrito pelo império e se planejava dar-lhe morte em qualquer momento. Os amigos de Lutero o seqüestraram, talvez por ordem do Eleitor Frederico, e o levaram ao Castelo de Wartburgo para sua própria segurança, dando permanência quase um ano. Ali trabalhou na tradução da Bíblia no idioma alemão. Depois daquele tempo ele saiu e reassumiu a liderança para reformar a igreja.

G. O Nome Protestante:

Na Dieta de Spiros, 1529, o encontro de vários príncipes alemães, para tratar o problema da

situação religiosa. Presidia Fernando, irmão do imperador e tenaz oponente do movimento reformista. Sob sua direção a Dieta aprovou um édito que permitia aos católicos ensinar sua religião nos estados reformistas (Norte), mas proibia o ensino luterano nos estados romanistas (sul). Os alemães do norte eram os principais seguidores de Lutero, mas os do sul eram Católicos. Um regulamento foi feito que proibia qualquer ensinamento luterano em estados onde não eram ainda dominantes. Por outro lado, nos estados luteranos, os católicos estavam tendo livre exercício de sua religião. Os príncipes Luteranos protestaram e tornaram-se conhecidos como Protestantes. Este nome chegou e aplicou-se, no uso popular, a todos os que protestam contra a usurpação papal, inclusive a toda entidade cristã evangélica.

III. A REFORMA EM OUTRAS TERRAS

Um Espírito de Reforma estava surgindo em todas partes da Europa. No sul, especialmente Itália e Espanha, a reforma foi lançada abaixo. Entre todas as nações do norte, a nova religião era vitoriosa.

A. Na Suíça

A reforma foi independente, mas simultânea com a reforma na Alemanha. Foi iniciada por Ulrico Zuínglio, quem se convenceu ao redor de 1516, de que a Bíblia era o meio de purificar a igreja. Em 1517, atacou as indulgências a "remissão de pecados" por meio das peregrinações. Em 1522 rompeu relações com Roma. Se aboliram as imagens, as indulgências, as missas e o celibato, guiando-se unicamente pela Bíblia. Zuínglio morreu em outubro de 1531, numa guerra civil entre os protestantes e os católicos de seu país, mas a reforma não terminou ali senão que foi levada adiante por João Calvino, considerado como o maior teólogo da igreja depois de Agostinho.

B. No Reino Escandinavo

O reino escandinavo, que nessa época se compunha da Dinamarca, Suécia e Noruega, sob um mesmo governo. Estes países receberam prontamente os ensinamentos de Lutero, os quais tiveram a simpatia do rei Cristiano II. Na Dinamarca, o luteranismo foi feita a religião do estado em 1536; na Suécia, em 1539; e na Noruega em 1540. Cem anos depois, Gustavo Adolfo, rei da Suécia, prestou notáveis serviços ao derrotar o esforço de Roma que queria esmagar a Alemanha protestante.

C. Na França:

Na França, a igreja Católica Romana possuía mais liberdade do que no resto da Europa. Por essa razão era menos sentida a necessidade de independência eclesiástica de Roma. Contudo, ali iniciou-se um movimento religioso, antes da Reforma na Alemanha. No ano de 1512, Jacques Lefevre escreveu e pregou a doutrina da "justificação pela fé", e negou que as boas obras podem salvar o homem. Queria que a gente conhecesse a Bíblia, por isso traduziu a maior parte do Novo Testamento em francês. Os reis sucessivos favoreceram de tempo em tempo seu ponto de vista, os da Igreja Católica Romana. Em 24 de outubro de 1572, o protestantismo sofreu um golpe quase mortal, no terrível massacre da noite de São Bartolomeu, quando quase todos os chefes protestantes e milhares de seus adeptos foram covardemente assassinados. A fé reformada enfrentou terrível perseguição, mas uma parte do povo francês continuou protestante. Apesar de pequeno em número, o protestantismo francês exerceu grande influência.

D. Os Países Baixos:

Os países baixo, que se compunham dos atuais países da Bélgica e Holanda, estavam, no início da reforma, sob o domínio da Espanha, e os reformistas foram perseguidos severamente. Depois de anos de resistência sob crueldade inauditas, os protestantes dos Países Baixos se uniram sob a direção de Guilherme de Orange, o taciturno, finalmente conquistaram a independência desligando-se do governo da Espanha, apesar de somente haverem alcançado o reconhecimento no ano de 1648, sessenta anos depois da morte de Guilherme. Holanda, ao norte, se tornou protestante; Bélgica, ao sul, permaneceu em sua maioria Católica Romana.

E. Na Inglaterra:

O movimento da reforma na Inglaterra passou por vários períodos de progresso e retrocesso, em razão das relações políticas, das diferentes atitudes dos soberanos e do espírito conservador natural aos ingleses.

1. *Sob Henrique VIII, 1509-1547:*

A reforma iniciou-se no reinado de Henrique VII, com um grupo de estudantes de literatura clássica e da Bíblia, alguns dos quais, como Tomás More, recuaram e continuaram católicos, enquanto outros avançaram corajosamente para a fé protestante.

Um dos dirigentes da Reforma na Inglaterra foi João Tyndale, que traduziu o Novo Testamento na língua "mater", a primeira versão em inglês depois da invenção da imprensa; essa tradução, mais do que outra qualquer, modelou todas as traduções, a partir daí. Tyndale foi martirizado em Antuérpia, no ano de 1536. Outro dirigente da Reforma foi Tomás Cranmer, arcebispo de Cantuária; Cranmer, após ajudar de modo notável a Inglaterra a tornar-se protestante, retratou-se no reinado da rainha católica Maria, na esperança de salvar a vida. Entretanto, ao ser condenado a morrer queimado revogou a retratação. A Reforma na Inglaterra foi favorecida e também prejudicada por Henrique VIII, o qual se separou de Roma porque o papa não quis sancionar seu divórcio da rainha Catarina, irmã do imperador Carlos V. Henrique VIII fundou uma igreja católica inglesa, sendo ele mesmo o chefe. Aqueles que não concordavam com suas idéias, quer católicos, quer protestantes, eram por ele condenados à morte.

2. *Sob Eduardo VI, 1547-1553:*

Sob o governo de Eduardo VI, que era muito jovem, e cujo reinado foi curto, a causa da Reforma progrediu muito. Dirigida por Cranmer e outros, a igreja da Inglaterra foi fundada e o Livro de Oração foi compilado, com sua rica e rítmica forma de linguagem. Não houve maiores mudanças na forma de governo da igreja, mas sim se fizeram mudanças em sua doutrina e forma de adoração.

3. *Sob a Rainha Maria, 1553-1558:*

A rainha Maria, que sucedeu Eduardo VI, era uma fanática romanista e iniciou um movimento para reconduzir seus súditos a sua antiga igreja, usando para isso a perseguição. Ela governou somente cinco anos; porém nesse período mais de trezentos protestantes sofreram o martírio e foram perseguidos. Suas perseguições lhes puseram o nome de "Maria a Sanguinária."

4. *Sob Elisabeth I, 1558-1603:*

Com o acesso ao trono de Elisabeth, a mais capaz de todos os soberanos da Inglaterra, as prisões se abriram, os exílios foram revogados, a Bíblia foi novamente honrada no púlpito e no lar, e durante seu longo governo, denominado a "época de Elisabeth", a mais religiosa da história inglesa, a igreja da Inglaterra firmou-se outra vez e tomou a forma que dura até hoje.

F. Na Escócia:

Os movimentos de reforma haviam começado na Escócia sob a inspiração da obra de Lutero, Calvino, Tyndale e outros. Na Escócia a Reforma teve progresso muito lento, pois a Igreja e o Estado eram governados pela mão férrea do cardeal Beaton e pela rainha Maria de Guise, mãe da rainha Maria da Escócia. O cardeal foi assassinado, a rainha morreu, e logo a seguir João Knox, em 1547 foi aprisionado pelo exército francês e enviado a França aonde permaneceu 19 meses. Logo após obter sua liberdade voltou a Inglaterra, de onde seguiu pregando. Quando Maria a Sangüinária subiu ao trono, Knox se foi para Genebra de onde aprendeu muito dos ensinamentos de Calvino e adotou seu sistema. Em seu regresso a Escócia, a reforma se propagou grandemente. Em 1559, assumiu a direção do movimento reformador. Mediante suas idéias radicais e inflexíveis, sua firme determinação e sua irresistível energia, mesmo contra o engenho e a atração de sua romanista soberana, a rainha Maria dos escoceses, Knox pôde fazer desaparecer todos os vestígios da antiga religião, e levar a Reforma muito mais longe, do que a da Inglaterra. Em 1560, o parlamento escocês decretou uma mudança de religião. O protestantismo foi feito religião do estado. Foi estabelecida a Igreja Presbiterana da Escócia. Em 1567 os franceses foram expulsos e os romanistas foram extinguidos em maior grau que em outro país. Em grande parte, João Knox fez da Escócia segundo foi planejada por ele, veio a ser a igreja da Escócia.

Durante os 100 anos do século dezesseis, a Europa do norte foi totalmente mudada, em vez de completamente Católica Romana, todo país do norte da Europa e ao oeste da Rússia tornou-se Protestantes.

IV. OS PRINCÍPIOS DA RELIGIÃO REFORMADA:

As terras do norte da Europa diferiam-se em doutrinas e organização, mas tinham programas comuns. Os princípios da Reforma são:

A. Religião Bíblica:

A verdadeira religião é fundada sobre as Escrituras. O catolicismo romano substituiu a autoridade da Bíblia pela autoridade da igreja. Eles ensinavam que a igreja era infalível e que a autoridade da Bíblia procedia da autorização da igreja. Eles reteram as Escrituras da laicidade, e opuseram-se fortemente à tradução na linguagem do povo. Os reformadores afirmavam que a Bíblia continha as regras de fé e prática, e que não se devia aceitar nenhuma doutrina que não fosse ensinada pela Bíblia. A Reforma devolveu ao povo a Bíblia que se havia perdido, e colocou os ensinamentos bíblicos sobre o trono da autoridade. Foi pela atitude dos reformadores, e através dos países protestantes, que a Bíblia conseguiu a circulação que hoje tem, a qual se conta aos milhões, anualmente.

B. Religião Racional:

A religião séria, racional e inteligente, não inclui doutrinas como transubstanciação, pretensões como a indulgência papal, costumes supersticiosos como adoração de imagens. O romanismo havia introduzido, doutrinas irracionais no credo da igreja, como a transubstanciação, pretensões absurdas como as indulgências papais, em sua disciplina, costumes supersticiosos como a adoração de imagens em seu ritual. Os reformadores, conquanto subordinassem devidamente a razão à revelação, contudo reconheciam a primeira como um dom divino, e requeriam um credo,

uma disciplina e uma adoração que não violassem a natureza racional do homem.

C. Religião Individual:

A terceira grande verdade da Reforma, e à qual deu ênfase, era a religião pessoal. Sob o sistema romano havia uma porta fechada entre o adorador e Deus, e para essa porta o sacerdote tinha a única chave. O pecador arrependido não confessava seus pecados a Deus; não obtinha perdão de Deus, e sim do sacerdote; somente ele podia pronunciar a absolvição. O adorador não orava a Deus, mas por meio de um santo padroeiro, que se supunha interceder pelo pecador diante de um Deus demasiado distante para que o homem se aproximasse dele na vida terrena. Em verdade, Deus era considerado como um Ser pouco amigável, que devia ser aplacado e apaziguado mediante a vida ascética de homens e mulheres santos, os únicos cujas orações podiam salvar os homens da ira de Deus. Os homens piedosos não podiam consultar a Bíblia para se orientarem; tinham de receber os ensinamentos do Livro indiretamente, segundo as interpretações dos concílios e dos cânones da igreja. Os reformadores removeram todas essas barreiras. Apontavam o adorador como o objeto direto de oração, e bem assim o outorgador imediato do perdão e da graça. Levavam as almas à presença de Deus e à comunhão com Cristo individualmente.

D. Religião Espiritual:

Os reformadores também insistiam na religião espiritual, diferente da religião formalista. Os católicos romanos haviam sobrecarregado a simplicidade do evangelho, adicionando-lhe formalidade e cerimônias que lhe obscureciam inteiramente a vida e o espírito. A religião consistia em adoração externa prestada sob a direção dos sacerdotes, e não na atitude do coração para com Deus. Indiscutivelmente houve muitos homens sinceros e espirituais na igreja Católica Romana, entre os quais podemos destacar Bernardo de Clairvaux, Francisco de Assis e Tomás de Kempis, os quais viviam em íntima comunhão com Deus. Entretanto, de modo geral, na igreja a religião era letra e não espírito. Os reformadores enfatizaram as características internas da religião antes que as externas. Colocavam em evidência a antiga doutrina como experiência vital: "A salvação pela fé em Cristo, e unicamente pela fé." Proclamavam que os homens são justificados não por formas e observâncias externas e sim pela vida interior espiritual, "a vida de Deus na alma dos homens."

E. Religião Nacional:

O alvo do papado e do sacerdócio havia sido subordinar o Estado à igreja, e fazer com que o papa exercesse autoridade sobre todas as nações. Entretanto, onde o protestantismo triunfava, surgia uma igreja nacional governada por si mesma e completamente independente de Roma. Essas igrejas nacionais assumiam diferentes formas: episcopal na Inglaterra, presbiteriana na Escócia e na Suíça, um tanto mista nos países do Norte. O culto de adoração em todas as igrejas Católicas Romanas era em latim, porém nas igrejas Protestantes celebravam-se os cultos nos idiomas usados por seus adoradores.

Retiveram a doutrina da Trindade, batismo em os títulos, por aspersão, e não pregaram o batismo do Espírito Santo com a evidência de falar em outras línguas, como o renascimento pelo Espírito.

V. OS ANABAPTISTA E OS BATISTAS

A. Os Anabaptistas

1. Um nome geral dado aos povos que apareceram através da Idade Média, em vários países europeus, sob diferentes nomes, em grupos independentes.
 - a. Representavam uma variedade de doutrinas, mas de ordinário, eram, fortemente, anticlericais.
 - b. Muito numerosa na Alemanha, Holanda e Suíça no tempo da reforma, perpetuavam idéias recebidas de gerações anteriores.
 - c. Em regra, eram um povo calmo e genuinamente piedoso, mas foram rudemente perseguidos, especialmente nos Países Baixos.
2. A revolução religiosa, naturalmente, estimulou muitos modos de vida e de pensamento religioso. Os Anabaptistas eram cristãos zelosos que, embora rejeitassem os ensinamentos da igreja medieval e defendessem fundamentalmente a interpretação reformada do Cristianismo, não seguiram os luteranos nem os zuinglianos, nem também se juntaram às chamadas igrejas de Estado, ou "oficiais".
 - a. O ideal deles era organizar sociedades de cristãos verdadeiramente convertidos, em bases voluntárias.
3. Pode-se dizer que a doutrina fundamental dos Anabaptistas era uma concepção particular a respeito da Igreja.
 - a. A Igreja era uma comunidade de pessoas regeneradas, isto é, convertidas.
 - 1) Decorria daí a crença deles, de que o batismo, o rito de admissão à Igreja, só deveria ser ministrado aos adultos, desde que somente estes poderiam experimentar conversão.
 - b. Os que se filiavam a essas sociedades eram batizados, pois o batismo que já tivessem recebido na infância era destituído de significação.
 - 1) Por causa dessa atitude foram chamados Anabaptistas, isto é, que batizavam novamente.
4. Não queriam qualquer aproximação com as igrejas reformadas, pois todas elas eram igrejas reconhecidas pelo Estado.
5. Procederam principalmente dos camponeses e artesãos que eram vítimas de injustiças; não obstante, entre eles havia alguns líderes cultos.
6. A Igreja Romana perseguiu-os de um modo terrível. E até os luteranos e zuinglianos os perseguiram por sua rejeição do batismo infantil e oposição às igrejas oficiais.
 - a. Na Dieta de Spira, em 1529, enquanto os luteranos e zuinglianos protestavam contra a perseguição que se lhes movia, concordavam em que se perseguissem os Anabatistas, alguns dos quais sofreram morte às mãos de vários protestantes.
7. Menos Simons: O mais célebre líder dos Anabaptistas.
 - a. Purificou-se das suas tendências para o fanatismo, resultantes, naturalmente, dos seus sofrimentos.
 - b. Encorajou-as durante períodos de perseguição, conseguiu muitos convertidos, e as unificou numa grande irmandade que tomou o seu nome - MENONITAS.
8. Doutrinas Distintivas dos Anabaptistas:
 - a. Baseados no ensino do novo Testamento. Favoreciam a comunidade de bens, chegando alguns grupos a por em prática o exemplo da igreja primitiva de Jerusalém.

- b. Insistiam de que as igrejas deviam ser compostas exclusivamente de regenerados e dos que fizessem profissão pública de sua fé em Cristo.
- c. Convencidos de que o batismo infantil, era anti-bíblico, e absolutamente incompatível com a manutenção de igrejas compostas de "regenerados."
- d. Repudiavam por completo qualquer união entre a Igreja e o Estado.
- e. Insistiam na absoluta liberdade de consciência.
- f. Em Teologia, a maior parte aceitava o agostinianismo modificado.
- g. Eram unânimes em considerar a ceia do Senhor como um ato solene que deve ser participado exclusivamente pelos batizados.
- h. Eram incondicionais na insistência da supremacia das Escrituras Sagradas como a regra de fé e prática. Para eles a Bíblia era a autoridade final.

B. Os Batistas

1. Como já foi visto, os Anabaptistas foram os precursores espirituais dos Batistas modernos.
2. Os Batistas Ingleses tiveram duas origens. Um grupo, armeniano em teologia, era conhecido pelo nome "batistas gerais" e o outro calvinista em teologia, era conhecido pelo nome de "batistas particulares."
 - a. Os batistas gerais:
 - 1) Não foi organizada na Inglaterra, mas nos Países Baixos.
 - 2) João Smith, o líder.
 - a) Refugiou-se na Holanda para escapar a uma perseguição instigada pelo rei Tiago I (1603-1625).
 - b) Aí, entre a população de língua inglesa, ele se sustentou como médico, e organizou a segunda igreja separatista em Amsterdam (Holanda).
 - c) Conheceu a teologia armeniano e aprendeu a doutrina menonita sobre a natureza da igreja.
 - d) Não tardou que ele e seus adeptos chegassem à conclusão de que o batismo infantil não era autorizado pelas Escrituras e que uma igreja Bíblica deve compor-se exclusivamente de regenerados que são batizados mediante profissão de fé baseada numa experiência pessoal.
 - e) Não conhecendo ninguém autorizado a ministrar o ato de batismo, Smyth chegou à conclusão de que a única maneira de restaurar a prática apostólica do batismo do crente era batizar-se a si mesmo. Em 1609 batizou-se a si mesmo e mais trinta e seis que estavam de acordo com ele. Por isso Smyth é conhecido como o "Se Batista."
 - f) Infelizmente, reteve a fórmula Trinitariana.
 - 3) Assim foi organizada a primeira Igreja Batista Inglesa cuja história pode-se descrever.
 - a) Terminado a perseguição na Inglaterra, Tomás Helwys, que tinha sido batizado por Smyth, e outros da nova igreja, voltaram a Londres e organizaram-se em Igreja Batista.
 - 4) Esta Igreja e outras que delas saíram foram conhecidas como igrejas "batistas gerais", porque sustentavam a doutrina armeniano que a expiação de Cristo era para toda a raça humana, em oposição à teoria calvinista de que Cristo morreu somente para os eleitos.
 - a. Os Batistas particulares:

- 1) Fundadas por João Lathrop (1633).
- 2) Aceitaram a doutrina calvinista da expiação limitada apenas aos eleitos.

VI. A CONTRA REFORMA

Este foi um esforço pela Igreja Católica Romana para recobrar o território perdido na Europa, destruir a fé protestante e promover as missões católicas em terras estrangeiras. Em 50 anos a reforma havia alcançado toda a Europa, apoderando-se da maior parte da Alemanha, Suíça, os Países Baixos, Escandinava, Inglaterra, Escócia, Boêmia, Áustria, Hungria e Polônia e estava ganhando terreno na França. Foi um golpe tremendo para a igreja romana, que por sua vez organizou a Contra Reforma. Por meio do Concílio de Trento, os jesuítas e a Inquisição, suprimiram alguns dos abusos morais do papado, e fins do século, Roma já estava organizada para um ataque agressivo contra o protestantismo. Sob a orientação brilhante e brutal dos jesuítas reconquistou muito do território perdido, e esmagou a reforma na França.

A. A Reforma dentro da Igreja Católica Romana:

O Imperador Carlos V estava ansioso para unir os protestantes e católicos. Se efetuaram várias conferências nas quais tomaram parte os principais teólogos protestantes e católicos. Discutiram seus conceitos, mas não chegaram a nenhum acordo. Os cristãos fervorosos na igreja romana continuaram pedindo por uma reforma. Finalmente o papa Paulo III convocou um Concílio em Trento de 1545 a 1563. O concílio reuniu-se em datas diferentes e lugares diversos, porém a maioria das vezes em Trento, na Áustria, a 120 quilômetros ao norte de Veneza. O Concílio era composto de todos os bispos e abades da igreja, e durou quase vinte anos, durante os governos de quatro papas, de 1545 a 1563. As igrejas protestantes formularam credos nos quais eles declaravam sua fé. Agora, o Concílio de Trento formulava um credo para a igreja romana, assim como um catecismo. Muitos dos abusos que haviam causados tantos problemas foram corrigidos. Se fizeram regras para a melhor educação do clero romano, também se pôs ênfase na disciplina e na moralidade. A supremacia papal foi estabelecida mais firmemente que antes. Todos estes assuntos assim como os decretos doutrinários do Concílio eram um intento de obrigar a igreja romana a combater o protestantismo.

B. A Ordem dos Jesuítas 1534:

Chamada também Companhia de Jesus, foi fundada pelo espanhol Inácio Loyola em 1534 e chegou a ser uma ordem monástica muito poderosa. Era uma ordem monástica caracterizada pela combinação da mais severa disciplina, intensa lealdade à igreja e à Ordem, profunda devoção religiosa, e um marcado esforço para arrebanhar prosélitos. Os jesuítas tiveram uma parte principal no Concílio de Trento. Seu principal objetivo era recobrar os territórios perdidos ante protestantes e maometanos e conquistar o mundo inteiro para a igreja Católica Romana e combater o movimento protestante, tanto com métodos conhecidos como com formas secretas. Tornou-se tão poderosa a Ordem dos Jesuítas, que teve contra ela a oposição mais severa, até mesmo nos países católicos; foi suprimida em quase todos os países da Europa, e por decreto do papa Clemente XIV, no ano de 1773, a Ordem dos Jesuítas foi proibida de funcionar, secretamente durante algum tempo, mais tarde abertamente, e foi reconhecida pelo papa em 1814. Hoje é uma das forças mais ativas para divulgar e fortalecer a igreja católica romana em todo o mundo.

C. As Perseguições:

No Continente da Europa todos os governos católicos Romanos procuraram exterminar a fé protestante pelo fogo e pela espada. Incontáveis multidões de protestantes foram torturados e queimados vivos pela Inquisição Espanhola. A Inquisição foi a arma principal do intento papal de sufocar a reforma. Nos Países-Baixos o governo Espanhol determinou matar todos aqueles que fossem suspeitos de heresias. Na França o espírito de perseguição alcançou clímax, na matança da noite de São Bartolomeu, 24 de agosto de 1572, e que se prolongou por várias semanas. Segundo o cálculo de alguns historiadores, morreram de vinte a setenta mil pessoas. Essas perseguições nos países em que o governo não era protestante não só retardavam a marcha da Reforma, mas, em alguns países, principalmente na Boêmia e na Espanha, a extinguiram.

D. Os Esforços Missionários dos Católicos Romanos:

Os jesuítas trabalharam ativamente na obra missionária. Como resultado a conversão das raças nativas da América do Sul, do México e de grande parte do Canadá. Na Índia e países circunvizinhos estabeleceram-se missões por intermédio de Francisco Xavier, um dos fundadores da sociedade dos jesuítas. As missões católicas, nos países pagãos, iniciaram-se séculos antes das missões protestantes e conquistaram grande número de membros e bem assim poder para a respectiva igreja.

E. A Guerra dos Trinta Anos, 1618-1648:

Como resultado inevitável de interesses e propósitos contrários dos estados da Reforma e Católicos na Alemanha, iniciou-se então uma guerra no ano de 1618, isto é, um século depois da Reforma. Essa guerra envolveu quase todas as nações européias. Na história ela é conhecida como a Guerra dos Trinta Anos. As rivalidades políticas e religiosas estavam ligadas a essa guerra. Às vezes estados que professavam a mesma fé, apoiavam partidos contrários. A luta estendeu-se durante quase uma geração, e toda a Alemanha sofreu os seus efeitos terríveis. Finalmente, em 1648, a guerra terminou, com a assinatura do tratado de paz de Westfália, que fixou os limites dos estados católicos e protestantes, que duram até hoje. O período da Reforma pode ser considerado terminado a esse ponto.

VII. OS LÍDERES DESTE PERÍODO

A. Desidério Erasmo, 1466-1536

Natural de Roterdão, Holanda, 1466, foi um dos maiores eruditos do período da Renascença e da reforma. Erasmo foi educado em um mosteiro e ordenado em 1492; dedicou à literatura. Em vários períodos viveu em Paris, Inglaterra, Suíça e Itália; contudo, seu lar permanente estava em Basileia, Suíça. Antes de se iniciar o movimento da Reforma, Erasmo tornou-se crítico inflexível da igreja católica romana, por meio dos seus escritos, dentre os quais se destaca este de maior circulação: "Elogio da Loucura". Mas a sua obra de maior valor foi a edição do Novo Testamento em Grego, com uma tradução em latim. Apesar de Erasmo haver feito tanto quanto qualquer outro homem de seu tempo pela preparação da Reforma, jamais se uniu no movimento, continuando exteriormente católico, criticando os reformadores tão acerbamente como criticava a igreja católica. Erasmo morreu em 1536.

B. Martim Lutero, 1483-1546

A figura principal desse período, o fundador da civilização protestante. Nasceu ele em Eisleben, em 1483; era filho de um mineiro; com muitos sacrifícios o pai enviou Lutero a estudar na Universidade de Erfurt. Lutero desejava ser advogado, porém, repentinamente sentiu o chamado para a carreira de monge, e entrou para um mosteiro dos agostinianos. Foi ordenado monge, e bem depressa chamou a atenção de seus pais para a sua capacidade. Foi enviado a Roma, em 1510, mas voltou desiludido pelo que viu relativo ao mundanismo e a maldade na igreja. No ano de 1511 iniciou sua campanha de reformador, condenando a venda de "indulgências", ou perdão de pecados e, como já lemos, afixou as famosas teses na porta da igreja de Wittenberg. Ao ser excomungado, foi intimado a comparecer a Roma; por fim foi condenado "in absentia" pelo papa Leão X. Lutero, então, queimou a bula ou decreto do papa, em 1520.

Foi na Dieta de Worms, em 18 de abril de 1521, que Lutero deu sua célebre resposta. Ao regressar ao lar, corria perigo de ser assassinado por seus inimigos. Surgiram então seus amigos, levaram-no para o castelo de Wartzburg onde ficou escondido durante um ano. Foi ali que realizou a tradução do Novo Testamento para o alemão. Ao regressar a Wittenberg assumiu novamente a direção do movimento da Reforma. No ano de 1529, fez-se um esforço para unir os seguidores de Lutero e os de Zuínglio, porém não se obteve êxito, em muitos escritos que circularam em toda a Alemanha, de autoria de Lutero, o de maior influência foi, sem dúvida, sua incomparável tradução da Bíblia. Lutero morreu quando visitava o local em que nasceu, em Eisleben, a 18 de fevereiro de 1546, aos sessenta e três anos de idade.

C. João Calvino, 1509-1564

Nasceu em Noyon, França, a 10 de julho de 1509 e morreu em Genebra, Suíça, a 27 de maio de 1564. Nasceu vinte e seis anos depois de Lutero, de modo que pertencia à segunda geração da Reforma. Seu pai era um rico advogado, ligado à nobreza. Estudou em Paris, Orleans e Bourges. Aceitou os princípios de reforma em 1528 e foi expulso de Paris. Destinado ao sacerdócio, cinco anos depois de realizar os estudos, o pai decidiu que o filho estudasse direito. Em 1531, Calvino resolveu seguir sua própria vocação: tomar caminho pela cultura das letras, em Paris. Quando, onde e como Calvino se tornou protestante não se sabe ao certo. A sua mudança foi resultante das influências dos novos estudos e dos ensinamentos de Lutero e surgiu repentinamente, acompanhada de uma grande renovação de sua vida espiritual. Em 1536, em Basiléia, publicou "Instituições da Religião Cristã" obra que se tornou a base da doutrina de todas as igrejas protestantes, menos a luterana. Em 1536, Calvino refugiou-se em Genebra, onde viveu até à morte, com exceção de alguns anos de exílio. A Academia Protestante que Calvino fundou, juntamente com Teodoro Beza e outros protestantismo na Europa. As teologias calvinista e luterana possuem características racionais e radicais que inspiraram os movimentos liberais dos tempos modernos, tanto no que se refere ao Estado como também à igreja, e contribuíram poderosamente para o progresso e para democracia em todo o mundo.

1. *O Calvinismo é considerado, geralmente, apenas como um sistema de teologia.*
 - a. Alicerça tudo em Deus, que é tudo em todos.
 - b. O homem é inteiramente impotente para se salvar se Deus, por sua vontade soberana, não o ajudar.
 - c. A salvação depende da eleição, e a razão de ser da eleição está escondida na vontade inescrutável de Deus.
 - d. Era um sistema duro, mas dava aos homens confiança em Deus e lhes mostrava a realidade de um poder divino.

- e. Quanto ao batismo e à ceia, Calvino mantinha uma posição intermediária entre Lutero e Zwinglio. Negava que o batismo fosse essencial à regeneração, mas insistia que era selo da graça. Conservou o batismo infantil.
- f. Quanto à vida futura rejeitava a idéia do purgatório e todas as doutrinas a ela relacionada, sustentando que havia felicidade eterna no céu ou miséria eterna no inferno, e não vacilou em concluir que as crianças não eleitas, morrendo na infância, haviam de participar dos sofrimentos de um inferno eterno.
- h. Como sistema de governo, eclesiástico, era democrata-representativo. Os oficiais da igreja eram nomeados pela igreja, sendo esta nomeação apoiada pelo governo municipal.

D. Tomás Cranmer, 1489-1556

Pode ser considerado o dirigente da Reforma Inglesa, por sua posição como o primeiro protestante na direção da igreja. Quando jovem, conquistou a simpatia do rei Henrique VIII, por haver sugerido que se apelasse para as universidades da Europa, na questão do divórcio do rei britânico. Cranmer prestou serviços a Henrique VIII em várias embaixadas e foi nomeado bispo de Cantuária. Apesar de progressista em suas idéias, era tímido e flexível, exercendo sua influência moderadora na reforma da igreja, em lugar de ser radical nesse sentido. Durante a menoridade do rei Eduardo VI, Cranmer foi um dos regentes, e conseguiu fazer progredir a causa do protestantismo. A contribuição mais importante de Cranmer foi sua obra como um dos compiladores do Livro de Oração e como escritor de quase todos os artigos de religião. Com a ascensão ao trono da rainha Maria, foi destituído do arcebispado e encarcerado. Sob o peso do sofrimento retratou-se de suas opiniões protestantes, na esperança de salvar a vida, contudo foi condenado à morte na fogueira. Antes de seu martírio, em 1556, renunciou à retratação, e morreu corajosamente, colocando no fogo a sua mão direita, a que havia assinado a retratação, para que fosse a primeira a ser queimada.

E. João Knox, 1505-1572

Foi o fundador da igreja escocesa e mui justamente o chamaram de "Pai da Escócia". Nasceu no ano de 1505, mais ou menos, na Baixa Escócia. Foi educado na Universidade de Sto. André, a fim de ser sacerdote; mas, em lugar de aceitar o sacerdócio tornou-se professor. Somente no ano de 1547 João Knox abraçou a causa da Reforma. Foi preso, juntamente com outros reformadores, pelos franceses aliados da rainha regente e enviado à França onde serviu nas galés. Mais tarde foi libertado e voltou à Inglaterra, onde esteve alguns anos exilado, no reinado de Eduardo VI; depois da ascensão da rainha Maria, foi exilado no Continente. Em Genebra, Knox conheceu João Calvino e adotou suas idéias, tanto no que se refere à doutrina, como também ao governo da igreja. Em 1569 Knox voltou à Escócia e logo a seguir tornou-se o dirigente quase absoluto da Reforma em seu país. Conseguiu que a fé e a ordem presbiteranas alcançassem importância suprema na Escócia. Ali dirigiu a mais radical reforma que se verificou em qualquer país da Europa. Knox morreu no ano de 1572. Quando seu corpo baixava à sepultura, Morton, o regente da Escócia, apontou para a cova e disse: "Aqui jaz um homem que jamais conheceu o medo."

F. Inácio de Loyola, 1491-1556

Nasceu na Espanha em 1491, descendente de uma família nobre, no Castelo de Loyola, do qual tomou o nome. Até a idade de vinte e seis anos, Loyola foi soldado valente, embora dissoluto. Entretanto, após um grave ferimento e passar por longa enfermidade, dedicou-se ao serviço da

igreja. No ano de 1534 fundou a Sociedade de Jesus, geralmente conhecida como Jesuítas, a instituição mais poderosa dos tempos modernos para a promoção da igreja Católica Romana. Seus escritos foram poucos. Entre eles conta-se a constituição da ordem, a qual praticamente não foi até hoje alterada; suas cartas, e "Exercícios Espirituais", uma pequena obra que influenciou não só os jesuítas, mas também todas as ordens religiosas católicas. Inácio de Loyola deve ser reconhecido como uma das personalidades mais notáveis e influentes do século dezesseis. Morreu em Roma, no dia 31 de julho de 1556, e foi canonizado no ano de 1622.

G. Francisco Xavier, 1506-1552

Nasceu em 1506, na seção espanhola de Navarra, que nessa época era um reino independente em ambos os lados dos Pireneus. Foi um dos primeiros membros da Sociedade de Jesus e teve a seu cargo o departamento de missões estrangeiras, sendo também o fundador moderno de missões. Francisco Xavier estabeleceu a fé católica na Índia, no Ceilão, no Japão e em outros países do Oriente. Apenas havia iniciado a sua missão na China, quando morreu repentinamente, de febre, no ano de 1552, com a idade de quarenta e seis anos. Durante sua curta existência, mediante seu trabalho, conseguiu a conversão de milhares de pagãos. Organizou tão sabiamente a obra das missões, que o movimento continuou depois de sua morte. Como resultado de seus planos e esforços, os católicos no Oriente hoje contam-se aos milhões. Durante toda a sua existência, Xavier demonstrou espírito manso, tolerante e generoso, e isso contribuiu para que sua memória seja estimada, tanto por católicos como também pelos protestantes.

H. Ulrico Zuínglio, 1484-1531

Nasceu quando Martinho Lutero tinha cinquenta dias de idade. Nasceu na Suíça. Recebeu educação principalmente dos mestres humanistas, homens que representavam a flor do pensamento revolucionário da Renascença. Assim ele desenvolveu sua poderosa mentalidade, que se abria com todas as idéias novas, que estavam largamente disseminadas a respeito de todos os assuntos. Neste ponto vemos a diferença entre ele e Lutero, que fora educado principalmente sob as influências medievais, e daí ser Lutero menos inclinado a modificações radicais. Outra diferença entre eles, foi que Zuínglio não teve nenhuma experiência religiosa profunda na sua mocidade. Ele tornou-se sacerdote somente por haver na família outros clérigos.

Na sua primeira paróquia, continuou a estudar a Bíblia e a teologia à luz do novo ensino. Mais tarde, residindo como sacerdote, em Einsiedeln, lugar aonde iam muitos peregrinos, ficou profundamente entristecido com a insensatez das superstições que ali verificou, alimentadas pela própria igreja Romana. Durante dez anos de leitura e pesquisa foi se inclinando gradualmente para as idéias evangélicas ou reformadas. Uma grave doença aprofundou ainda mais a sua vida religiosa. Depois começou a pregar ousadamente as suas crenças evangélicas e num livro que foi publicado em 1522, anunciou abertamente seu afastamento do papado.

Mais tarde escreveu uma declaração dos seus pontos de vista, declaração que continha o princípio fundamental da Reforma: o sacerdócio de todos os cristãos. Zuínglio declarou que os homens se salvam pela fé em Deus, por meio de Cristo, não pelas obras exigidas pela Igreja Romana. Sob a liderança de Zuínglio foram realizadas no culto, maiores e mais radicais modificações do que com Lutero. Sua influência também se estendeu pelo sul da Alemanha. Foi assim que surgiram esses dois aspectos da Reforma, lado a lado, o de Zuínglio e o de Lutero. Tornou-se evidente que os protestantes algum dia teriam de lutar em defesa da sua fé. Daí a razão dos esforços para a união dos príncipes luteranos e Zuinglianos, numa Liga Defensiva.

Eles concordaram em catorze dos quinze artigos que definiam os assuntos básicos da fé

cristã, mas diferiam na doutrina da ceia do Senhor. Lutero ainda sustentava que o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo eram recebidos pelos comungantes... "ao lado do pão e do vinho." Zúínglio sustentava que o sacramento é um memorial da morte do Senhor e que a sua presença é unicamente espiritual. Lutero ofereceu tal oposição a esta interpretação que ele mesmo se convenceu de não poder aprovar a aliança.

I. Miguel Serveto, Um Grande Raio de Luz Extinguido

Miguel Serveto nasceu na Espanha Católica no ano de 1511. Quase um gênio, à idade de 18 anos tinha lido todos os escritos dos "Pais da Igreja", que eram ao alcance dele, e tinha concluído que a Igreja estava errada em diversas doutrinas, inclusive a doutrina da Trindade. Por causa da impopularidade de tais idéias na Espanha Católica este adolescente viajou para Suíça e Alemanha onde a Reforma Protestante estava em progresso. Embora ainda não tivesse 20 anos, ele publicou um livro intitulado "Nos Erros da Trindade", e apresentou seu ponto de vista para vários Reformadores Protestantes. O livro imediatamente tornou-se alvo de comentários sarcásticos, eventualmente tornando-se tão severo que Serveto teve que partir do país Protestante para salvar sua vida, e morou na França onde assumiu o nome de Michael de Villaneuve. Agora, conhecido igualmente por Católicos e Protestantes, e ainda com 20 anos, ele ingressou na Universidade de Paris onde estudou medicina, tornando-se em breve um famoso médico.

Quando aproximadamente 20 anos tinham decorridos desde a publicação de seu primeiro livro, Serveto, ou Doutor Villaneuve, achou um impressor com bastante coragem para secretamente publicar o seu segundo livro, sem nomear a si mesmo como o autor - Entitulado "A Restauração do Cristianismo". O ano da segunda publicação foi em 1553. O livro foi imprimido e traduzido na Suíça, onde uma cópia eventualmente caiu nas mãos de João Calvino. Embora Calvino, como Serveto, fosse Protestante, ele temeu mais este ataque a Trindade do que temia o Catolicismo.

De alguma maneira desonestamente, Calvino, ou alguém chegado a ele, enviou o livro aos inquisidores Católicos na França, revelando para eles a verdadeira identidade do Dr. Villaneuve, ou Miguel Serveto. Imediatamente ele foi arrastado pelos inquisidores Católicos, julgado e sentenciado a ser queimado, mas de algum modo foi possível escapar da prisão católica. Para satisfazer suas sedes de sangue os inquisidores queimaram Serveto em efígie.

Em vez de esconder, que seria a coisa prudente a ser feita, Serveto viajou para Geneve, o principal domínio de Calvino. Ali ele foi reconhecido na rua e preso pelos Protestantes.

Serveto manteve a distinção de ser o único homem a ser queimado em efígie pelos católicos, e na atualidade queimado pelos Protestantes.

1. Declarações de Serveto

"Como Daniel eu vi Jesus vindo nas nuvens do céu. Ele é a alma do universo, sim, mais do que alma, por ele nós vivemos, não somente temporária mas também na vida eterna. A temporária ele nos tem dado pela palavra, e a eternal Ele ganhou em sua carne."

"Há aqueles que compreenderam tão mal sua humanidade que se envergonham de falar do resplendor de sua glória, pois Ele mesmo disse, "Eu sou a luz do mundo." Muitas coisas grandes são para ser ditas dele. Ele é a lâmpada de Deus, a luz dos gentios; o Esplendor de sua expressão ilumina todo o céu e iluminará os mundos nas gerações por vir. Ele é o Poder de Deus pelo qual foi feito o mundo."

"A doutrina da Trindade é um ardiloso enigma. Nenhuma palavra é achada na Bíblia sobre a Trindade, nem sobre suas pessoas, nem sobre a essência, nem sobre a unidade das substâncias, nem de diversos seres, nem sobre qualquer do resto sem nexos. Até as pedras

mesmas clamaram que HÁ UM DEUS."

"No ano 325, no Concílio de Nicéia, a Igreja errou e mergulhou na escuridão quando aceitou a idéia do monstro de três cabeças. Porque desde o princípio dos tempos tinha sido somente UM DEUS."

"O tempo virá quando Cristo será tudo em todos. Algum dia o governo terminará, e todo poder e autoridade será abolido, e todo o ministério do Espírito Santo cessará, desde que nós não mais precisaríamos de advogado ou mediador, e a trindade das dispensações terminará. Cristo será tudo em todos."

2. *Citação Contra Serveto*

"Eu notei como este homem era simpático ao ponto de vista dos modalistas, contendo em uma maneira arrogante pela unicidade da Divindade. Apesar de meus esforços para mostrar-lhe o seu erro, ele continuou a negar que Cristo era co-substancial Filho de Deus, co-eterno com o Pai."

3. *Fragments da História*

A história registra que:

- a. Serveto escreveu contra a Trindade.
- b. Ele foi entregue aos Inquisidores na França por João Calvino.
- c. A inquisição Católica convocou-o ao Palácio sob o pretexto de atender um enfermo, e lá ele foi preso. Ele conseqüentemente escapou da França.
- d. Então ele foi para Geneve para pleitear com Calvino concernente a Unicidade da Divindade.
- e. Ele foi preso e colocado no calabouço.
- f. Ele foi provado pelos protestantes sem o benefício de um advogado. Condenado, acorrentado a uma estaca, com uma corda pesada amarrada em seu pescoço, e com palha molhada colocada em sua cabeça, e reduzido a cinzas com os seus livros.

4. *Quanto ao Ponto de Vista da Trindade no Tempo de Serveto*

Erasmus: Teólogo Católico humanista... "de acordo com a lógica dialética, é possível dizer que há três deuses. Mas para anunciar isto aos ignorantes ofenderia-os."

João Major, Protestante: "Devido aos infiéis, os santos não admitiram uma pluralidade de deuses. Ainda assim entre os versados o caso pode ser entendido."

5. *Homens da História Que Creram na Deidade de Cristo*

Sabélho: "Pai, Filho e Espírito Santo são idênticos; um Deus, Três Manifestações..."

Noeto: Quando o pai não tinha nascido, ele foi simplesmente denominado Pai, e quando agradou-o passar por geração, tendo sido gerado, Ele próprio tornou-se seu próprio filho, não outro... Ele afirma que Ele que foi visto na carne e foi crucificado, é o Filho, mas que o Pai é quem habita nele. Cristo era o próprio Pai, e ele próprio foi nascido. Eu conheço somente um Deus, e é Ele, que foi nascido e padeceu..."

Zeferino: "Eu sei que há um Deus, Jesus Cristo, e eu não conheço outro."

Callixtus: "Pai e Filho são nomes do Espírito invisível. O Pai tomou sobre si nossa carne e fez-se um consigo mesmo."

Priscillian: "...Ele manteve a doutrina que os dons continuou na Igreja. O Deus de Priscillian é o Deus Cristo, invisível no Pai e visível no Filho... Cristo em tudo, sem Ele, nada."

Praxias: "Afirmou que há somente um Senhor, o poderoso criador do universo. Um único Deus que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo, são a mesmíssima Pessoa."

6º PERÍODO - A IGREJA MODERNA

Do Fim da Guerra dos Trinta Anos Ano 1648

Até o Século Vinte

Este estudo do período moderno (os últimos três séculos) se centralizam principalmente nas igrejas que surgiram da Reforma.

I. O MOVIMENTO PURITANO

A. Sua Origem: Três elementos surgiram na Igreja da Inglaterra:

1. O elemento romanista, buscando a reunião como Roma.
2. O elemento anglicano, satisfeito com as reformas moderadas de Henrique VIII.
3. O Partido radical Protestante: Aspiravam a uma igreja similar a estabelecida na Suíça e Escócia. Ao redor de 1654, foram chamados "Puritanos". Muitos foram enviados ao exílio. Conseguindo maioria no Grande Parlamento, os Puritanos, afinal, alcançaram o poder para tornar a Igreja na Inglaterra como a desejavam.

A execução do rei em 1649, seguiu-se o estabelecimento do governo da Comunidade, sendo Cromwell seu Lord Protetor. Durante a curta existência desse governo, os negócios da igreja ficaram numa fase de incerteza. Havia certa liberdade religiosa, defendida por Cromwell. Não uma liberdade total, porém muito mais ampla do que aquela até então existente. Não se permitia liberdade ao romanismo ou ao sistema episcopal, a velha forma da igreja inglesa, pois ambos eram considerados politicamente perigosos. Além disto havia igrejas de várias denominações, principalmente Presbiterianas, Congregacionalistas, Batistas, etc.

B. Os Amigos: Foi nessa época que apareceu a sociedade dos Amigos ou dos "Quakers". Por muitos anos a Inglaterra foi sacudida pelas disputas religiosas, principalmente as que se relacionavam com a forma de governo eclesiástico, os sacramentos, o ministério e o culto. Tudo isto aborreceu muita gente que resolveu seguir os ensinamentos de George Fox. Este ensinava que a igreja deveria ser guiada e instruída diretamente pelo Espírito Santo e que não deveria haver qualquer sistema fixo de governo, ou um ministério especialmente indicado, ou formas regulares e fixas de culto. George Fox foi um dos mais poderosos líderes religiosos do seu tempo e fervoroso evangelista que alcançou grande número de conversos.

C. O Governo Nas Mãos dos Puritanos: Sob o governo da Comunidade os Puritanos tiveram oportunidade de realizar seu ideal concernente ao próprio governo, isto é, que este fosse um instrumento para fortalecer a religião, o caráter moral do povo. As leis aprovadas exigiam alto padrão de moralidade pessoal. Fecharam-se os teatros, foram proibidos os esportes brutais e alguns divertimentos inocentes muito do gosto popular, tais como o festejo do Natal e as danças populares do mês de Maio. A política dos puritanos com respeito às diversões provocou grande oposição às regras disciplinares. Muita gente também reprovou a tentativa de se impor o puritanismo à nação por meio de uma legislação oficial e secular.

D. A Restauração: Surgiu-se à imposição dos puritanos, uma tremenda reação contra tudo que eles tentaram introduzir e realizar. Restaurou-se a monarquia em 1660. Logo, o novo governo

restaurou a igreja nacional àquela forma que tinha existido antes da vitória dos puritanos, a do tempo da Reforma. O Parlamento exigiu que todos os ministros declarassem sua plena aprovação ao livro de Oração Comum, usado pela igreja oficial.

Por se oporem a isto, cerca de dois mil ministros Presbiterianos, Congregacionais e Batistas foram expulsos das suas igrejas. Muitos deles continuaram a pregar em reuniões fora das igrejas e milhares dos seus paroquianos arriscaram-se a ser presos, por ouvi-los.

Seguiram-se várias tentativas de supressão dos dissidentes. Foi preso por doze anos, o célebre João Bunyan, que na prisão de Bedford escreveu "O Peregrino" ou "A Viagem do Cristão".

A oposição ao Puritanismo, liderada pelo Parlamento, resultou no aparecimento de uma onda terrível de imoralidade que atingiu a aristocracia inglesa e afetou grandemente outras camadas sociais, nos anos que se seguiram a 1660. Depois da severidade da regra puritana, a situação descambou para o outro extremo. Por essa época parecia que o Puritanismo tinha sido aniquilado. Mas tal não aconteceu quando cessou a reação. O Puritanismo tinha realizado uma obra profunda e duradoura no povo inglês.

E. O Ato de Tolerância: Pelo Ato de Tolerância, de 1689, a Inglaterra, finalmente, abandonou a idéia de obrigar a todas as pessoas aceitarem uma só forma de religião. Daí em diante não somente a Igreja da Inglaterra, mas igualmente os não-conformistas, como são algumas vezes chamados as Igrejas livres, tiveram direito de decidir da sua vida eclesiástica. Todavia foi negada, ainda desta vez, a liberdade de culto à Igreja Católica Romana.

F. Declínio No Começo do Século XVIII: A vida religiosa da Inglaterra, por quase cinquenta anos depois da revolução, apresenta um quadro triste de indiferença generalizada e de estagnação. A maioria do clero era constituída de homens de pouco fervor. Muitos deles eram mundanos e egoístas, simples ocupantes do ofício. A pregação consistia principalmente em discussões teológicas, destituídas de valor e sem vida. Por vários anos não houve qualquer movimento religioso. Nem paróquias organizadas, nem trabalho missionário de qualquer espécie. Os não-conformistas, porém, eram mais vigorosos na sua vida religiosa do que a Igreja da Inglaterra. O espírito geral da religião na Inglaterra era apenas de formalismo e de frieza. Era raríssimo o entusiasmo religioso oriundo de uma fé sincera.

Havia pregadores capazes, mas o sermão característico era um ensaio descolorido sobre as virtudes morais. Os divertimentos populares eram grosseiros, a incultura estava generalizada, a lei era aplicada de modo brutal, as prisões eram antros de doenças e iniquidades.

Certos esforços combinados e de significação eram feitos a favor de uma vida religiosa mais cálida. Dentre eles se contam as "sociedades religiosas", sendo a mais antiga delas formada em Londres por um grupo de jovens, aí por 1678, para orarem, lerem as escrituras, cultivaram a vida religiosa, comungarem com freqüência, auxiliarem os pobres, soldados, marinheiros e encarcerados e o encorajamento da pregação. Foi rápida a difusão delas. Por volta de 1700, só em Londres havia cerca de uma centena, também existindo em muitas partes da Inglaterra e até na Irlanda. Uma delas foi organizada pelo pai de João Wesley, Samuel Wesley, no ano de 1702. Muitos clérigos consideravam esse movimento como "entusiasta" ou como hoje se diria, "fanático". E a partir de 1710 ele declinou muito ainda que as "sociedades" continuassem a ser de importância no início do metodismo.

Tais esforços, no entanto, apenas tinham influência local e parcial. O grosso do povo inglês estava letargo espiritual ainda que cegamente cômico do pecado e convencido da realidade da

futura punição e recompensa. Não haviam sido despertadas as emoções da lealdade a Cristo, da salvação por Seu intermédio, de uma presente transformação pela fé. A profunda transformação efetuada na Inglaterra, cujos resultados fluíram em benéficas correntes pelas terras de língua inglesa, foi primordialmente resultado do Reavivamento Evangélico. Os primeiros sinais de despertar foram visíveis no começo do décimo oitavo século. Na Escócia, sob a direção de Ebenezer (1680-1754), cresceu um movimento evangélico no dealbar do século.

Ebenezer foi forçado a pregar num campo próximo à sua igreja, aí por 1714, para poder ser ouvido pelas multidões. Mas somente com o surgimento de seus três grandes líderes — John e Charles Wesley e George Whitefield — o Reavivamento Evangélico cresceu como poderosa maré. Durante quatro décadas ele avançou em três não identificados mas intimamente relacionados rumos, todos ligados à Igreja Estabelecida da Inglaterra: sociedades metodistas sob a orientação dos irmãos Wesley, metodistas calvinistas sob Whitefield e Evangélicos Anglicanos, estes trabalhando mais dentro das tradicionais linhas paroquiais. Não foi senão em 1779 que as primeiras separações formais de alguns destes grupos ocorreram na Igreja da Inglaterra.

II. O PIETISMO

Nessa época, quando era tão necessária uma nova vida, ela apareceu com vigor e grande poder no movimento conhecido pelo nome de Pietismo. Seu primeiro grande líder foi Filipe Jacó Spener. Ainda moço, viu os problemas religiosos do seu país; daí a razão para assumir a atitude que tomou, a fim de remediar a situação.

A. A Obra de Spener:

Como pastor em Frankfurt sobre o Meno (fundador dos Menonitas), 1666-1686, Spener muito se esforçou para que seu povo alcançasse um Cristianismo ardente, sincero, e purificasse a sua vida em todos os aspectos. Pregava sermões de caráter prático, fervorosos e simples, evitando aquele estilo rígido de oratória tão em moda na época. Insistiu na verdade da regeneração, aquela mudança produzida no coração do homem de fé, pelo Espírito de Deus. Spener reavivou a doutrina básica da Reforma. O sacerdócio universal dos crentes, e provou que um dos sentidos práticos dessa doutrina era que os leigos deviam participar dos serviços religiosos, ensinando e ajudando uns aos outros.

B. O Movimento Pietista:

O ministério de Spener teve como resultado um autêntico reavivamento em muita gente de Frankfurt. Foi assim que teve início o Movimento Pietista, como foi depois chamado, isto é, o reavivamento da piedade do Cristianismo real, dinâmico, em contraste com a mera ortodoxia quanto à doutrina.

O movimento cresceu com muita rapidez e tomou o caráter de um forte e grande despertar espiritual. Encontrou severa oposição dos teólogos ortodoxos, e dos que se opunham aos estritos ensinamentos morais dos Pietistas. Mas tudo isso foi em vão. Por meio século, começando em 1685, o Pietismo tornou-se a influência dominante no protestantismo alemão, revigorando-o espiritualmente, enchendo de nova vida a religião cristã. Este movimento foi, realmente, uma continuação do reavivamento religioso que resultou da Reforma.

C. A Filantropia Pietista e As Missões

Como todos os genuínos reavivamentos, o Pietismo inspirou os crentes à realização de obras

cristãs. Fundaram-se grandes instituições para as crianças desamparadas. O Pietismo tem a honra de ter produzido a obra das primeiras missões estrangeiras protestantes. O Rei da Dinamarca, desejando ministrar ensino cristão ao povo das suas possessões no sul da Índia, conseguiu vários missionários dentre os pietistas alemães. Os primeiros foram para Tranquebar em 1705. Durante aquele século, sessenta missionários, entre os quais estava o nobre Benjamim Schvartz, foram enviados àquela missão.

D. A Influência do Pietismo Fora da Alemanha

Além do que alcançou na vida religiosa da Alemanha, o pietismo inspirou em outras terras forte impulso de poder espiritual o que produziu grandes resultados. A irmandade da Morávia foi, em parte, um resultado desse movimento. Por intermédio dos irmãos Moravianos, o espírito do Pietismo tocou João Wesley e o tornou um dos líderes mais poderosos que a Igreja Cristã já possuiu. Uma das causas do Grande Reavivamento na América do Norte foi a pregação de Gilberto Tenent, um ministro pietista alemão.

III. OS MORAVIANOS

O fundador da irmandade moraviana foi o conde Nicolau Von Zinzendorf (1700-1760), nobre austríaco que foi profundamente influenciado pelo Pietismo. Quando moço pensou reunir numa comunidade um grande número de pessoas verdadeiramente religiosas, que se tornassem uma fonte de vida espiritual para as igrejas e comunidades religiosas vizinhas.

A. A Organização da Irmandade Moraviana

Certos membros da Irmandade da Boêmia, corpo religioso resultante da obra de João Huss, tendo sido perseguidos e expulsos dos seus lares na Morávia, conseguiram permissão de Zinzendorf para se estabelecerem no território a ele pertencente. Assim começou a formação dessa comunidade que tomou o nome de "Hernhut". "Abrigo do Senhor." Foi por causa desses moravianos que o grupo tomou o nome de Irmandade dos Moravianos. O próprio Zinzendorf veio morar com sua família nessa comunidade, à qual dedicou sua vida com incansável labor e constantes orações. Embora houvesse diferenças entre os seus membros, ele a conduziu a uma verdadeira unidade e conseguiu inflamá-los de sincera devoção a Jesus Cristo.

B. Missões Moravianas

Os trabalhos missionários que tornaram famosos os Moravianos, começaram em 1731. Dois deles foram enviados a S. Tomé, nas Índias Ocidentais, e dois outros foram para a Groenlândia onde o herói norueguês Hans Egede já tinha plantado o evangelho. Seguiu a estes uma verdadeira torrente de missionários, de sorte que durante a vida de Zinzendorf havia muitos dos seus irmãos trabalhando na Europa, Ásia, África, América do Norte e América do sul. Em poucos anos a pequena Hernhut enviou mais missionários do que o protestantismo Europeu o fizera por duzentos anos. Eles foram aos lugares mais difíceis e perigosos, e aos povos menos promissores. Em toda a parte se mostraram revestidos da alegria cristã, fé inabalável e lealdade a Cristo a toda a prova.

IV. O AVIVAMENTO WESLEYANO

Nos primeiros cinquenta anos do século dezoito, as igrejas da Inglaterra, a oficial e a dissidente,

entraram em decadência. Os cultos eram, formalistas, dominados por uma crença intelectual, mas sem poder moral sobre o povo. A Inglaterra foi despertada dessa condição, por um grupo de pregadores sinceros dirigidos pelos irmãos João e Carlos Wesley e George Whitefield. Dentre os três, Whitefield era o pregador mais poderoso, que comovia os corações de milhares de pessoas, tanto na Inglaterra como na América do Norte. Carlos Wesley era o poeta sacro, cujos hinos enriqueceram a coleção hinológica a partir de seu tempo. João Wesley, o homem que Deus levantou para sacudir a vida religiosa da Inglaterra e trazer ao mundo o impulso religioso mais forte que ocorreu depois do tempo da Reforma. Nasceu em 1703. O pai era dos poucos ministros zelosos de então, na Inglaterra, e sua mãe, uma mulher de vida santa e de altas virtudes cristãs. Em Oxford distinguiu-se como homem de letras. Entrou para o ministério e serviu por algum tempo na paróquia do seu pai. Voltando depois a Oxford como professor de Grego, tornou-se líder de um grupo de estudantes que eram extraordinariamente escrupulosos e metódicos em suas observâncias religiosas e deveres escolares. Por isto foram conhecidos como "metodistas" ou do "Clube Santo". Entre eles estavam o irmão de João Wesley, Carlos, e um estudante pobre de Gloucester chamado George Whitefield.

A. Wesley na Georgia, Nos Estados Unidos

Poucos anos depois, Wesley foi à Georgia atendendo a um apelo do general Oglethorpe para que viessem ministros para a sua nova colônia na América. Foi uma experiência breve e de pequeno êxito. Por este tempo Wesley era homem zeloso, severo, de piedade mais ou menos formalista. Mantinha as opiniões da "Alta Igreja" e fazia muita questão de certas observâncias de datas religiosas.

B. A Conversão de Wesley

Ali, Wesley veio a conhecer alguns missionários moravianos nos quais descobriu uma alegria e confiança fora do comum e que ele próprio jamais experimentara. Começou, então, a sentir uma profunda mudança religiosa na sua vida. Voltando depois à Inglaterra, continuou sob a influência de outros moravianos. Este contato culminou na sua conversão que ocorreu em 1738, durante um movimento religioso em Londres. Depois escreveu "Senti que confiei em Cristo somente, para minha salvação e alcancei grande segurança e a certeza da purificação dos meus pecados, dos meus próprios pecados, e livre-me da lei do pecado e da morte."

No ano seguinte, Wesley realizou o primeiro trabalho que o firmou como líder no grande reavivamento. Em março de 1739 pregou ao ar livre, a um grupo de gente humilde, desprezada, perto de Bristol, ao qual George Whitefield tinha pregado por algumas semanas. Em 1735, Whitefield tivera uma experiência muito semelhante à conversão de Wesley. Logo depois tornou-se um pregador de notável poder, atraindo grandes multidões para ouvi-lo.

A partir daí, e quase por cinquenta anos, Wesley trabalhou infatigável e tremendamente. A princípio sua atenção se voltou principalmente para certas classes de pessoas de Bristol, Londres e Newcastle. Em 1742, deu início à sua obra maravilhosa como evangelista itinerante. Por mais de quarenta anos, viajava quatro ou cinco mil milhas cada ano e pregava cerca de quinze vezes por semana. Visitou toda a Inglaterra e realizou grande trabalho na Escócia e na Irlanda. Teve de enfrentar muita oposição e algumas vezes ataques da população enfurecida; jamais, porém, esmoreceu diante de qualquer obstáculo. Onde quer que pregasse organizava as "sociedades" metodistas, que na realidade não passavam de igrejas, embora não fossem reconhecidas como tais. Para cuidar dessas organizações eclesásticas preparou um grupo de pregadores leigos que muito fizeram para tornar permanentes os resultados da grande obra de Wesley.

C. O Trabalho de Carlos Wesley e Whitefield

Dois outros poderosos cooperadores no reavivamento foram Carlos Wesley e Whitefield. Carlos foi grande e eficiente pregador, mas sua principal contribuição foi dada através dos seus hinos, dos quais escreveu cerca de seis mil. Esses hinos foram avidamente recebidos pelas "sociedades" e se constituíram uma inspiração poderosa no movimento de revivificação.

Por muitos anos, Whitefield desenvolveu enorme atividade como evangelista itinerante. Não trabalhou com Wesley, pois de início eles se separaram por causa de pequenas diferenças teológicas. Fez longas excursões pelas Ilhas Britânicas e também pela América, a qual visitou sete vezes. Por quinze anos pregou cerca de quarenta vezes por semana. Contam-se casos extraordinários do seu poder como orador, sobre os ouvintes. Era diferente de Wesley por ser somente pregador, pois nada realizava quanto à organização do seu trabalho.

D. Oposição dos Anglicanos ao Reavivamento

Não obstante os irmãos Wesley e Whitefield serem ministros da Igreja da Inglaterra, foram proibidos de pregar nas igrejas oficiais. Por muito tempo o clero anglicano quase ignorou totalmente o valor e a natureza da grande obra desses pregadores. O alvoroço às vezes provocado pela pregação desses ministros, era desagradável para aquela época caracterizada pela moderação e restrição em todas as coisas.

E. Reavivamento Evangélico Nas Igrejas da Inglaterra

Não era possível que tão grande movimento deixasse de afetar a vida da igreja Inglesa. Surgiu um partido poderoso denominado de "Evangélicos", compostos de clérigos e de leigos que foram influenciados pelo movimento revivificador. Próximo ao fim do século, os "Evangélicos" tornaram-se uma força dominante na igreja. Em virtude de muitíssimos deles serem pessoas ricas e altamente colocadas, exerceram grande influência na vida da Inglaterra.

F. Os Resultados do Reavivamento

Um dos resultados do reavivamento, foi a formação duma nova igreja, a Metodista. Wesley não desejava este resultado. Tinha muito amor à Igreja da Inglaterra e desejava que todos os convertidos por intermédio do seu trabalho e dos seus cooperadores fossem recebidos pela igreja nacional. A organização da nova igreja foi coisa que foi forçado a aceitar e a reconhecer. Por muitos anos o clero anglicano o antipatizou e hostilizou, até que os "Evangélicos" se tornaram bastante fortes em número e influência. Até mesmo os não conformistas, isto é, as Igrejas Livres, não apoiavam nem auxiliavam o seu trabalho. Gradualmente ele transformou suas sociedades com os respectivos pregadores, em igrejas e, em 1784, a Igreja Wesleyana ou Metodista foi definitivamente organizada. Sete anos depois, quando faleceu Wesley, a igreja contava setenta e sete mil membros.

Outro resultado ainda maior do reavivamento foi o soerguimento espiritual da Inglaterra, o qual afetou o país tanto em extensão como em profundidade. Milhares de pessoas que dantes viviam num paganismo prático, por assim dizer, em virtude da negligência da Igreja Inglesa, foram arrolados como membros das "sociedades" e eram pessoas inteiramente despertadas para a verdadeira vida cristã. Por causa da atividade do grupo "Evangélico", o Cristianismo tornou-se cada vez mais um poder que se infiltrava nas classes mais altas, como jamais o fora dantes, e um alto padrão moral de vida começou a governar a todos. A própria Igreja da Inglaterra e as Igrejas Livres receberam novo alento, novo espírito em grande proporção. Forte entusiasmo apoderou-se da vida religiosa da Inglaterra, afugentando a indiferença e o desinteresse característicos do

século XVIII.

O movimento Wesleyano despertou clérigos e dissidentes para um novo poder na vida cristã. Também contribuiu para a formação de igrejas metodistas sob várias formas em muitos países. Na América do Norte, presentemente a igreja metodista conta com aproximadamente onze milhões de membros. Nenhum dirigente na igreja cristã conseguiu tantos seguidores como João Wesley.

G. Obras Sociais

Esse departamento revelou-se de um modo maravilhoso no desenvolvimento das obras sociais de caráter cristão. Foi neste tempo que a moderna filantropia ou Serviço Social recebeu seu primeiro e poderoso impulso. A primeira Escola Dominical foi aberta em 1780. A consciência cristã da Inglaterra, despertada por Wilberforce e outros evangélicos, aboliu o comércio de escravos. Foi Wilberforce quem chefiou o movimento e deu o primeiro golpe contra o trabalho de menores. Foram fundados muitos hospitais e outras casas de caridade.

V. O MOVIMENTO RACIONALISTA

Nova era na história da Europa Ocidental, cuja influência se refletiu na própria América, teve início no fim do século XVII, e durou mais ou menos cem anos. Essa era foi assinalada pela supremacia da razão humana, em todos os aspectos do seu pensamento e ação. O espírito da era moveu os homens a submeterem todas as idéias e instituições a uma prova racional, para então decidirem se tais idéias e instituições eram dignas de aceitação.

- A. Sua Origem:** Alguns empenharam a considerar a razão, e não a Bíblia, como a suprema autoridade, e demandavam uma interpretação racional e não sobrenatural das Escrituras. Sua atividade como um movimento distinto empenhou com Johann Semler (nascido em 1725 e morto em 1791), o qual defendia que coisa alguma recebida pela tradição deveria ser aceita sem ser posta à prova, e acrescentava que a Bíblia devia ser julgada pela mesma crítica que era aplicada a qualquer escrito antigo, e que o relato dos milagres devia ser desacreditado, que Jesus era unicamente homem e não um Ser divino.
- B. A Causa: O Progresso Científico:** A causa principal dessa tendência para o racionalismo foi o desenvolvimento extraordinário do conhecimento que começara na Renascença e continuara através o século XVII. Em todos os campos da ciência houve avanços revolucionários. O homem encontrou-os em um novo universo a respeito do qual continuava constantemente a saber alguma novidade. Memoráveis e extraordinários acontecimentos e realizações da mente humana contribuíram para que os homens confiassem plenamente na razão e acreditassem em que não havia limites para as suas possibilidades e investigações, motivo por que elegeram a razão como soberana.
- C. Seu Desenvolvimento:** Este movimento cresceu até que quase todas as universidades da Alemanha estavam sob seu controle. Alcançou seu ponto mais alto com a publicação do livro "A Vida de Jesus" de Frederico Strauss, em 1835, declarando que os eventos dos Evangelhos eram mitos e lendas. Essa obra foi traduzida por Jorge Eliot (Mariana Evans) em 1846 e obteve ampla circulação na Inglaterra e na América do Norte.

- D. Sua Decadência:** Este canal de pensamento foi trocado pelos escritos de Schliermacher (1769-1834), mui justamente chamado "o maior teólogo do século dezanove". Os outros dois pensadores foram, Neander (1789-1850), e Toluck (1790-1877).
- E. Seus Efeitos:** Despertou um espírito novo de investigação, e fizeram com que muitos teólogos e intérpretes da Bíblia se apresentassem para defender a verdade. Dessa forma conseguiu-se que o conteúdo da Bíblia e as doutrinas do Cristianismo fossem amplamente estudados e entendidos mais inteligentemente. Por exemplo, até então a vida de Cristo nunca fora escrita de forma escolástica. Depois do livro de Strauss (1835), as obras profundas sobre a vida de Jesus contam-se aos milhares. O racionalismo, que ameaçava proscrever e paralisar os efeitos do Cristianismo, na realidade, o que conseguiu foi aumentar a sua força.
- F. Efeitos da Supremacia da Razão:** O predomínio da razão resultou numa revolta tremenda contra a autoridade, fosse política ou religiosa, contra a tradição, a superstição, ou o preconceito. Idéias antigas e instituições políticas foram submetidas à crítica racional e conseqüentemente rejeitadas caso não se provassem valiosas. Na educação, na política econômica, nos princípios morais, enfim, em todos os aspectos da vida a exigência era: se tais coisas satisfaziam a razão.
- G. O Efeito na Religião:** Quanto à religião, o espírito dessa era firmou o princípio de que para as necessidades humanas seria suficiente apenas uma religião alcançada ou criada pela própria razão. Certas idéias como a existência de Deus, a lei moral, um estado futuro de castigos ou recompensas, dizia-se, tinham de ser provadas antes de serem aceitas como verdadeiras. Julgava-se que, como religião, bastava aquilo que veio a ser conhecido como religião natural. Pensava-se e ensinava-se que não era necessária a crença na revelação divina da Bíblia. Os ensinamentos autorizados das Igrejas Romana ou Protestante não podiam suportar a prova da razão.
- Na França, a oposição ao Cristianismo foi mais forte do que em qualquer outra parte e ali se desenvolveu o ateísmo. Na Alemanha, havia muita dúvida quanto à verdade e até mesmo negação das doutrinas cristãs; a vida da igreja protestante muito sofreu por motivo do declínio da fé e do fervor. Na Inglaterra, a religião natural constituiu-se uma fortaleza poderosa e o pensamento Cristão foi grandemente alterado por um racionalismo que enfraqueceu a vida religiosa. Tal condição clamava pela necessidade daquele reavivamento que surgiu no século XVIII.

VI. O MOVIMENTO ANGLO-CATÓLICO:

- A. Nomes:** Cerca do ano de 1875 apareceu uma tendência na igreja da Inglaterra, que provocou forte controvérsia e em seus variados aspectos recebeu diferentes nomes. Em razão do seu propósito foi chamado "O Movimento Anglo-Católico", mas por haver surgido na universidade de Oxford, também conhecido por "Movimento de Oxford". Esse movimento foi divulgado mediante a publicação de noventa tratados numerados, escritos por vários escritores defendendo suas idéias sendo por isso também chamado "o movimento tratadista". Frequentemente era também mencionado pelos adversários por "Movimento Puseyista", ou "puseyismo", por causa do nome de um de seus defensores.
- B. Seu Propósito:** Tratava-se de um esforço para separar a igreja da Inglaterra do protestantismo, e restaurar as doutrinas e práticas dos séculos primitivos, quando a igreja Cristã era uma só e não

necessitava de reformas.

- C. Seu Começo:** Os dirigentes do movimento marcaram seu início em 1827, com a publicação do "Ano Cristão", de John Keble, uma série de poemas que despertaram um novo interesse na Igreja. O princípio, entretanto, foi um sermão pregado por Keble, em julho de 1833, em Sta. Maria, Oxford, sobre a "Apostasia Nacional". Logo a seguir começou a aparecer uma interessante série de "Tratados de Atualidade", acerca da forma de governo, doutrinas e adoração da igreja na Inglaterra, que durou de 1833 até 1841.
- D. Os Líderes:** Apesar de haver sido Keble o inspirador do movimento, e de manter por ele inteira simpatia, contudo o dirigente foi João Henrique Newman, o qual escreveu muitos dos "Tratados de Atualidade", e cujos sermões no púlpito de Sta. Maria eram a apresentação popular da causa. Outro dos grandes defensores foi o competente erudito e profundamente religioso Eduardo B. Pusey.
- E. Tendência:** Milhares de proeminentes clérigos e leigos da igreja da Inglaterra apoiaram ativamente o movimento. Levantou-se grande controvérsia. Os dirigentes foram denunciados como romanistas em seu espírito e propósito; porém o efeito geral foi o de fortalecer e elevar os padrões da igreja. Como o espírito do movimento era no sentido de desacreditar a Reforma e promover o anglo-catolicismo, claro está que possuía uma inevitável tendência para Roma. Em 1845, seu principal dirigente, Newman, seguindo a lógica de suas convicções, ingressou na igreja católica romana.
- F. Resultados:** Essa separação seguida de outras, causou certo choque, porém não deteve a corrente anglo-católica. Fortaleceu o poder e elevou as normas da igreja.

VII. O MODERNO MOVIMENTO MISSIONÁRIO

O maior de todos os resultados do Reavivamento foi o moderno movimento missionário. Várias influências estimularam, particularmente as então recentes descobertas no sul do Pacífico, os "Mares do Sul". Mas sem o impulso para o serviço cristão provocado pelo reavivamento religioso, jamais teria surgido o santo desejo para a obra missionária de além mar.

A. As Missões Na Igreja Primitiva:

Durante um período de mil anos, a partir dos dias apostólicos, o Cristianismo foi uma instituição ativa na obra missionária. Nos primeiros quatro séculos de sua história, a igreja converteu o império Romano ao Cristianismo. Depois seus missionários encontraram-se com as hordas dos bárbaros que avançavam, e os conquistaram antes que os bárbaros conquistassem o império Ocidental.

B. Foram Descuidados Nos Períodos de Fins da Idade Média e a Reforma

Depois do século dez, a igreja e o estado, o papa e o imperador estavam em luta pelo domínio supremo, de modo que o espírito missionário arrefeceu, embora não tenha desaparecido inteiramente. A Reforma estava interessada no propósito de purificar e reorganizar a igreja, antes de expandi-la. Já demonstramos que no último período da Reforma, o primeiro movimento para

cristianizar o mundo pagão não foi realizado por protestantes, mas pelos católicos romanos, sob a orientação de Francisco Xavier

C. As Missões Estrangeiras de Morávia

Desde 1732 os morávios iniciaram o estabelecimento de missões estrangeiras, enviando Hans Egede à Groenlândia, e logo após a mesma igreja estava trabalhando entre os índios da América do Norte, entre os pretos das Índias Ocidentais e nos países orientais. Proporcionalmente ao pequeno número de membros em seu país, nenhuma outra denominação sustentou tantas missões como a igreja Morávia em toda a sua história.

D. As Missões Estrangeiras Inglesas:

O fundador das missões modernas da Inglaterra foi Guilherme Carey. Inicialmente foi sapateiro, mas educou-se por si mesmo, e em 1789 tornou-se ministro da igreja Batista. Tendo contra si próprio forte oposição, insistiu em enviar missionários ao mundo pagão. Um sermão que pregou em 1792, e que tinha dois títulos, "Empreendi grandes coisas para Deus", foi a causa da organização da Sociedade Missionária Batista, e também contribuiu para o envio de Carey à Índia. Carey foi impedido de desembarcar pela Companhia Inglesa da Índia Oriental, a qual na época governava a Índia, porém, foi acolhido em Serampore, uma colônia Dinamarquesa próxima a Calcutá.

Apesar de não haver recebido educação em sua mocidade, Carey chegou a ser um dos homens mais eruditos do mundo, no que diz respeito à língua sânscrito e a outras línguas orientais. Suas gramáticas e dicionários são usados ainda hoje. De 1800 a 1830 foi professor de literatura oriental no Colégio de Fort William em Calcutá. Carey morreu em 1834, reverenciado por todo o mundo, como o pai de um grande movimento missionário.

E. As Missões Estrangeiras Americanas:

O movimento missionário na América do Norte teve sua primeira inspiração na famosa "reunião de oração" que se realizou no Colégio Williams, em Massachusetts, no ano de 1811. Um grupo de estudantes reuniu-se no campo para orar acerca de missões. Nessa ocasião desabou fortíssima tempestade. Os estudantes refugiaram-se em um depósito de feno, e ali consagraram suas vidas à obra de Cristo no mundo pagão.

Como resultado dessa reunião, fundou-se a Junta Americana de comissionados para Missões Estrangeiras, a qual, no princípio, era interdenominacional; mais tarde, porém, outras igrejas fundaram suas próprias sociedades e a Junta Americana ficou pertencendo às igrejas Congregacionais. A Junta Americana enviou inicialmente quatro missionários, a saber: Newel e Hale, à Índia; Judson e Rice, se dirigiram ao Extremo Oriente, mas durante a viagem mudaram de idéia acerca de batismo nas águas, e desligaram-se da Junta Americana. Essa atitude fez com que se organizasse a Sociedade Missionária Batista Americana, e Judson e Rice iniciaram o trabalho missionário na Birmânia. O exemplo dos congregacionais e dos batistas foi seguido também por outras denominações, de modo que depois de alguns anos cada igreja tinha sua própria junta e seus próprios missionários.

F. As Condições Missionárias Atual

Atualmente, quase não há país na terra que não conheça o Evangelho. Escolas cristãs, hospitais, orfanatos e outras instituições filantrópicas estão semeadas em todo o mundo pagão, resultantes da obra missionária, e os gastos anuais das diferentes juntas ascendem a muitos milhões de

dólares. A característica mais evidente da igreja atual, na Grã-Bretanha e na América do Norte, é seu profundo e amplo interesse em missões estrangeiras.

VIII. OS LÍDERES DESTE PERÍODO

Dentre os muitos grandes homens que se levantaram nos últimos três séculos é difícil mencionar os principais no que se refere a pensamentos e atividades cristãs. Contudo, aqueles que vamos mencionar podem apontar-se como homens representativos dos movimentos de seu tempo.

A. **Ricardo Hooker - 1553-1600**

Foi o autor da obra mais famosa e influente na constituição da igreja na Inglaterra. Filho de pais pobres, conseguiu auxílio para educar-se na Universidade de Oxford, na qual conquistou altos conhecimentos em diferentes assuntos, e foi nomeado instrutor, catedrático e conferencista, nessa ordem. Foi ordenado em 1582 e durante algum tempo foi pastor em Londres, associado a um eloqüente puritano, apesar de Hooker ter idéias anglicanas.

Suas controvérsias no púlpito fizeram com que Hooker procurasse uma igreja rural, onde dispusesse de tempo para seus estudos. O grande trabalho de Hooker foi: "As Leis do Governo Eclesiástico", em oito volumes, a apresentação mais hábil do sistema episcopal que já se publicou, e do qual a maioria dos escritores, desde então, tiram seus argumentos. Contudo, mostra-se liberal em suas atitudes para com as igrejas não episcopais e é singularmente livre do espírito amargo da controvérsia. Hooker tinha apenas quarenta e sete anos quando morreu.

B. **Tomás Cartwright - 1535-1603**

Pode ser considerado o fundador do puritanismo, apesar de não haver sido ele o maior de seus membros. Essa honra cabe a Oliver Cromwell, cujo registro de grandeza está na história do Estado e não na da igreja. Cartwright alcançou o lugar de professor de teologia na Universidade de Cambridge, em 1569, porém perdeu sua posição no ano seguinte, por causa de suas opiniões que foram publicadas e não agradaram à rainha Elisabeth nem aos principais bispos.

Cartwright defendia a idéia de que as escrituras contém não somente a regra de fé e doutrina, mas também do governo da igreja; que a igreja devia ser presbiteriana em seu sistema; que não somente devia estar separada do estado, mas praticamente devia estar acima do Estado. Era tão intolerante quanto o prelado em sua defesa ardorosa de uma religião uniforme e posta em vigor pelas autoridades civis; contanto que a igreja fosse Presbiterana e sua doutrina a de João Calvino.

Durante vários anos Cartwright foi pastor nas ilhas Guernsey e Jersey, nas quais estabeleceu igrejas da mesma fé que professava. Entretanto, de 1573 a 1592 passou a maior parte do tempo na prisão ou exilado no continente. Parece que os últimos nove anos ele os passou afastado das atividades. Mais tarde suas idéias dominaram a Câmara dos Comuns, ao passo que as dos prelados dominavam a Câmara dos Lordes. A luta entre os dois partidos culminou com a guerra civil e o governo de Cromwell.

C. **Jonathan Edwards - 1703-1758**

É considerado como o primeiro de todos os norte-americanos em metafísica e teologia, e bem assim o maior teólogo do século dezoito nos dois lados do Atlântico. Nele combinavam-se a lógica mais aguda, o ardor mais intenso na investigação teológica, e um piedoso fervor espiritual. Desde a infância demonstrou inteligência precoce. Quando graduou-se no Colégio de Yale, com

dezessete anos, já havia lido de forma intensa a literatura filosófica de todas as épocas e do seu próprio tempo. Cedo convencido da clássica ênfase calvinista sobre a soberania de Deus e a predestinação, Edwards firmou corajosamente sua posição teológica, usando como grãos para o seu moinho as mais recentes descobertas da idade da razão. Em 1727, começou na pequena vila, onde havia uma congregação, tornou-se pastor associado com seu avô na igreja Congregacional, em North Hampton, e logo se distinguiu como ardente defensor de uma sincera vida espiritual. Em 1734 houve diversas mortes repentinas que impressionaram muitos ímpios. Também, a conversão duma moça frívola de North Hampton, neste tempo, despertou grandemente toda a comunidade. Dentro de pouco tempo quase não havia na cidade ninguém, velho ou moço, que não se interessasse pelas grandes coisas da eternidade.

Do púlpito que Jonathan Edwards ocupou saiu "O Grande Despertamento", um avivamento que se espalhou por todas as colônias norte-americanas. A oposição que iniciou contra o que era aceito em toda a Nova Inglaterra, mediante o qual as pessoas eram admitidas como membros das igrejas sem terem caráter religioso definido, levantou contra ele o sentimento de muitos, e culminou com a sua expulsão da igreja, em 1750. Durante oito anos foi missionário entre os índios. Foi nesse tempo de retiro espiritual que escreveu a monumental obra "A Vontade Livre", que desde então passou a ser o livro-texto do calvinismo na Nova Inglaterra. No ano de 1758 foi eleito presidente do Colégio Princeton, mas após algumas semanas de atividade, morreu, com a idade de cinquenta e cinco anos.

D. João Wesley - 1703-1791

Nasceu em Epworth, no norte da Inglaterra, no mesmo ano em que Jonathan Edwards nasceu na América, em 1703, porém Wesley viveu mais do que ele um terço de século, até 1791. O pai de Wesley foi reitor da igreja da Inglaterra, em Epworth, durante quarenta anos. Contudo, Wesley recebeu maior influência de sua mãe, descendente de ministros puritanos e não-conformistas. Ela foi mãe e professora de dezoito filhos. Wesley graduou-se no Colégio da Igreja de Cristo, em Oxford, em 1724, e foi ordenado ministro da igreja da Inglaterra. Durante alguns anos foi catedrático da Universidade Lincoln. Durante esse tempo uniu-se a um grupo de estudantes de Oxford, que aspirava a uma vida santa, e era chamado zombeteiramente "o Clube Santo". Em razão da maneira como esses estudantes viviam, deram-lhes depois o nome de "metodistas", nome que alguns anos mais tarde se tornou definitivo para os seguidores de Wesley.

No ano de 1735, Wesley e seu irmão mais novo, Carlos foram enviados como missionários à nova colônia da Geórgia. Seu trabalho não teve muito êxito, e por isso regressaram à Inglaterra, após dois anos na América. Esse período foi decisivo na vida de ambos, pois foi nessa época que eles conheceram um grupo de morávios seguidores do conde Zinzendorf, e por intermédio dos novos amigos alcançaram conhecimento experimental de uma vida espiritual. Até então, o ministério de Wesley havia sido um fracasso, mas a partir dessa data nenhum ministro na Inglaterra despertava tão grande interesse como ele, exceto Jorge Whitefield. Wesley viajava a cavalo por toda a Inglaterra e Irlanda, pregando, organizando sociedades e orientando-as durante os longos anos de vida, que durou até quase ao fim do século dezoito. Como resultado de suas atividades, não somente se organizou o corpo Wesleyano na Inglaterra sob várias formas de organização, mas também surgiram as igrejas metodistas na América do norte e no mundo inteiro, elevando-se seus membros a muitos milhões. Wesley morreu em 1791, com a idade de oitenta e oito anos.

E. João Henrique Newman - 1801-1890

Pela habilidade e estilo lúcido de seus escritos, pela clareza de suas idéias, pelo fervor de sua pregação e sobretudo por uma rara atração pessoal, foi o dirigente do movimento Anglo-Católico do século dezenove. Recebeu o diploma do Colégio Trinity de Oxford, no ano de 1820 e foi nomeado catedrático da faculdade Oriel College; com as honras mais elevadas, em 1822. No ano de 1828 foi ordenado na igreja inglesa, e alcançou o lugar de vigário da igreja de Sta. Maria, a igreja da Universidade, na qual, mediante seus sermões, conseguiu exercer influência dominante sobre os homens de Oxford, durante uma geração inteira.

Apesar de o conhecido movimento de Oxford haver sido iniciado por Keble, contudo seu verdadeiro dirigente foi Newman. Ele escreveu vinte e nove dos noventa tratados, e inspirou a maioria dos restantes. Por causa do movimento que liderava não ter o apoio das autoridades da Universidade nem dos bispos da igreja, e também porque suas idéias se modificaram. Newman em 1843, renunciou ao cargo que ocupava em Sta. Maria, e retirou-se para uma igreja em Littlemore, e ali viveu até ao ano de 1845, quando então foi recebido na igreja católica romana.

Depois dessa mudança de relações eclesiásticas ainda viveu quarenta e cinco anos, a maior parte dos quais em Birmingham, em menor evidência do que no passado, mas ainda querido por seus amigos. Seus escritos foram muitos, porém os que mais circularam foram os tratados e vários volumes de sermões. O livro que publicou em 1864, cujo título era "Apologia Pro Vita Sua", um relato de sua própria vida religiosa e mudança de opinião, demonstrou sua completa sinceridade e aumentou a reverência que já era sentida por ele, excetuando a de alguns mordazes opositores. Foi ordenado cardeal em 1879 e morreu em Birmingham em 1890. Sua influência foi muito grande.

IX. A IGREJA NO SÉCULO VINTE

No início do século vinte as igrejas protestantes da Inglaterra e da América do norte demonstravam características mui diferentes daquelas que possuíam cem anos antes. Os sistemas doutrinários são relativamente sem importância e praticamente todas as igrejas têm as mesmas crenças. A diferença entre predestinação e livre-arbítrio pode ser considerada como uma questão acadêmica, porém já não é uma prova prática. Os ministros, passam do ministério de uma denominação para a outra sem mudarem de crença.

Nota-se uma crescente unidade de espírito correspondente à unidade de crença. As igrejas já não se mantêm separadas umas das outras. Organizam planos e trabalham unidas em grandes movimentos. A união efetiva de igrejas foi alcançada em alguns casos. Notáveis exemplos são a Igreja Unida do Canadá, formada pela união de metodistas, de congregacionais e parte dos Presbiterianos, realizada em 1925. Outro exemplo é a união da Igreja da Escócia e da Igreja livre Unida, em 1929. Houve ainda a união das igrejas Congregacionais e Cristãs na América do Norte em 1931, e a grande união dos metodistas da Grã-Bretanha (primitivos metodistas unidos e wesleyanos), em 1931.

Outra característica de grande evidência do Cristianismo nos tempos atuais é o espírito de serviço social.

A. Temas Sociais de Discussão:

1. *Guerra:* A primeira Guerra Mundial foi considerada quase uma "guerra santa". Na Segunda Guerra Mundial a igreja estava entregada a obras de misericórdia e ainda na reconstrução.
- 2.. *Racha*
3. *Justiça Econômica*

B. Dissolução do Liberalismo

1. Evangelismo.
2. Neo-ortodoxa.
3. Catolicismo Romano: Uma atitude mais cooperativa havia nas igrejas protestantes e ortodoxas.

C. O Ecumenismo:

Cooperação interdenominacional, em grupos tais como Sociedades Bíblicas, Sociedades Missionárias, grupos estudantis universitários. Reunião orgânica de algumas denominações. Confederações de grupos ou denominações similares. Também de grupos não similares no Concílio Nacional de Igrejas.

7º. O MOVIMENTO PENTECOSTAL DO SÉCULO VINTE

I. INTRODUÇÃO E REVISÃO

O dia de Pentecostes, quando os discípulos de nosso Senhor Jesus Cristo estavam reunidos no Cenáculo, foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, como o Espírito de Deus lhes concedia, cumpriu as escrituras e as promessas de Deus no Antigo Testamento, onde ele disse que derramaria o seu Espírito nos últimos dias. O Sermão memorial que Pedro pregou naquele grande dia descreveu o cumprimento das escrituras do Antigo Testamento do derramamento do Espírito Santo.

Através de todo o livro de Atos esta maravilhosa Verdade do derramamento do Espírito Santo, a revelação do Batismo em Nome de Jesus, e a plenitude de Deus em Cristo, são verdades predominantes. Deus provou para o mundo que este era o seu plano de salvação para esta dispensação, a qual nós chamamos "Era da Igreja".

Mas Jesus e os Apóstolos também disseram que por vir haveria muitas perseguições, e um enfraquecimento ou apostasia.

O Apóstolo Paulo avisou a Igreja que nos últimos tempos, alguns apartariam-se da fé, dando ouvidos a Espíritos sedutores e a doutrinas de diabos.

O Apóstolo Paulo também avisou a Igreja que dias viriam quando perseguições contra a Verdade se levantariam, e ele recomendou-os para lembrar as palavras de nosso Senhor e seus mandamentos. Ele avisou-os que tempos viriam quando os homens abandonariam as verdades gloriosas, que eram tão predominantes nos dias primitivos do Novo Testamento como recordado no livro dos Atos.

Depois da morte dos apóstolos, não devemos admitir, que seguiu-se um decaimento no segundo, terceiro, e quarto século: as tradições e opiniões dos homens começaram a soterrar as verdades de Deus.

Mas Deus através das profecias de Sua Palavra deu-nos uma certeza, que as portas do inferno não prevaleceriam contra a Igreja, embora tentassem. E no crepúsculo dos tempos haveria uma luz uns dias antes da Vinda do Senhor.

Nós cremos que as Escrituras ensinam que haverá uma restauração da Verdade revelada como Deus determinou no início da Igreja. Neste curso nós empenharemos em apresentar para vocês, como Deus, passo a passo, começou a guiar-nos de volta para a Verdade e abriu nossos olhos para a Palavra de Deus.

A. Uma Revisão do Pentecostes

1. *A Igreja Primitiva:* A Igreja Cristã começou no dia de Pentecostes quando cento e vinte dos seguidores mais fiéis de Jesus Cristo, tinham se reunidos e permaneceram dez dias esperando pelo batismo do Espírito Santo (Atos 1:5). De repente eles foram cheios com o Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas (Atos 2:1-4).
2. *Batismo:* A Igreja Primitiva batizou em Nome de Jesus.
 - a. 3.000 foram batizados e acrescentados à Igreja no primeiro dia (Atos 2:41).
 - b. Eles foram batizados em Nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados (Atos 2:38).

- c. Algum tempo mais tarde, em Samaria, eles foram batizados da mesma maneira (Atos 8:16).
 - d. Os primeiros gentios convertidos foram batizados em Nome de Jesus (Atos 10:48).
 - e. A Paulo foi dada uma revelação direta do Evangelho, por Deus (Gálatas 1:11-12). Ele batizou em Nome de Jesus. E até rebatizou aqueles que não tinham sido batizados em Nome do Senhor (Atos 19:4, 5).
 - f. Não há lugar no registro da Igreja do Novo Testamento, onde qualquer convertido foi batizado em outra maneira a não ser no Nome do Senhor.
3. *O Batismo do Espírito Santo: A Igreja Primitiva falou em outras línguas.*
- a. Quando os "120" receberam o Espírito Santo e falaram em línguas, eles causaram grande espanto através de toda a cidade de Jerusalém (Atos 2:6-8).
 - b. Os primeiros gentios que receberam a Salvação falaram línguas (Atos 10:45-46).
 - c. Vinte e cinco anos mais tarde em Éfeso, um derramamento do Espírito Santo com línguas é recordado (Atos 19:1-6).
 - d. Há outras ocasiões em que o fenômeno não é mencionado, mas muitos eruditos da Bíblia concordam que houve um sinal exterior, obviamente línguas (Atos 8:9), em Samaria e a conversão de Paulo.
4. *Jesus Cristo conhecido como Deus:*
- a. O batismo em nome do nosso Senhor Jesus indicava a crença dos líderes da Igreja Primitiva (Pedro, Paulo, Filipe), que este era o nome da Divindade.
 - b. Eles ensinaram que o Deus do Antigo Testamento e o Cristo do Novo Testamento são um e a mesma pessoa, não duas separadas e distintas uma da outra. (Leia Colossenses 2:9, João 10:30).
 - c. O Pai e o Espírito Santo são um, e mesmo (João 4:24; Efésios 4:4; I Coríntios 12:13).
 - d. Deus encobriu a si mesmo em carne humana, nasceu da Virgem Maria. Ele tornou-se Deus-Homem. A carne era o Filho de Deus em que se abrigava Deus o Pai. Jesus é a imagem visível do Deus invisível (Colossenses 1:15).
 - e. Há um Deus, que tem manifestado a si mesmo em três maneiras: Pai na criação, Filho em seu Plano de Redenção, e Espírito Santo em sua Negociação com os homens (Leia II Coríntios 1:14).
 - f. A Igreja Primitiva nada ensinou como o ensinamento da Trindade. Jesus Cristo era Deus manifestado na carne. Deus o Pai, o único Deus em existência, veio à terra e, estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo.
 - g. Estude: João 5:43; Mateus 1:21, 28:19; Isaías 42:8; 45; João 14:9, 10; II Coríntios 5:19; João 1:1-14; 20:28; João 1:3-11; Colossenses 1:16; Hebreus 1:2; Filipenses 2:10; Tito 2:13; Colossenses 1:15.
5. *O Avivamento Através das Eras:*
- Permaneceram muito poucos escritos históricos da Igreja, fora dos registros da Igreja Católica Romana. Todos "hereges" (aqueles que não aderiram aos ensinamentos de Roma), povos e seus escritos, foram cruelmente suprimidos. Maior parte do que nós sabemos vem dos escritos contra, e portanto não nos pode ser muito útil. Mas nós reconhecemos ter sempre havido filhos de Deus defendendo as verdades e experiências Bíblicas, pelas quais estavam dispostos a morrer.
- a. É feito algumas menções de alguns que foram batizados em Nome de Jesus até o século dezoito. Eles foram marcados como hereges e morreram pela verdade que sustentaram.

- b. Havia três pontos de vista principais da Divindade, (conforme H. G. Wells, o famoso historiador.) pelo terceiro e quarto século.
 - 1) Ariano: Cristo era menos de que Deus.
 - 2) Sabelianos: Cristo era um molde ou aspecto de Deus. Deus era Criador, Salvador e Consolador, simplesmente como um homem pode ser Pai, Curador e Hospede.
 - 3) Trinitarianos: Liderados por Atanásio, que ensinou que o Pai, o Filho, e o Espírito Santo eram três pessoas distintas, mas um Deus.
- c. Os historiadores registram que o ensinamento da unicidade de Deus (três aspectos ou manifestações de Deus), algumas vezes chamado "Sabelionismo", do Bispo Sabélio, tem aparecido muitas vezes na História, e ainda é corrente no dia de hoje.
- d. *O falar em línguas*: Este fenômeno tem sido atual em quase todas as épocas.
 - 1). Mencionados nos escritos de Irineu, Tertuliano, Justino Mártir, Orígenes, Agostinho e outros.
 - 2) Décimo Segundo século: Albigenses e os Valdenses falaram em línguas.
 - 3) Décimo Sexto século: Os Quakers, os Shakers, falaram em línguas gritaram, dançaram no Espírito. Os seguidores de Wesley, Whitefield e Irving falaram em línguas.
 - 4) Décimo Nono século: Avivamentos em Gales, Índia, muitos outros receberam o batismo mas não perceberam exatamente o que era. Os seguidores de D. L. Moody falaram em línguas e profetizaram. Também os de Carlos Finney.
 - 5) Nas reportagens de avivamentos através da história, há freqüentemente menção feita do falar em línguas ou pronúncias extáticas.

II. A HISTÓRIA DA IGREJA AINDA NÃO ESTÁ TERMINADA

A. O Registro Bíblico

Nesta lição estudaremos o avivamento pentecostal deste Século Vinte. É uma coisa natural e lógica empenhar com a Palavra de Deus. É Bíblico a experiência pentecostal? É este grande avivamento pentecostal conforme a Palavra de Deus? Ambas as perguntas podem ser contestadas com uma enfática afirmação.

Dois elementos estão presentes em qualquer avivamento verdadeiro dado por Deus: Espírito e Verdade. Este avivamento pentecostal do Século Vinte se efetuou porque os homens desejavam o cumprimento da presença do Espírito Santo em suas vidas, e eles buscaram ferventemente uma experiência que fora fundada totalmente sobre a Verdade Bíblica. Há muitos versículos na Bíblia que provam sem lugar a dúvidas, que a experiência pentecostal é Bíblico. (Leia: Joel 2:28; Mateus 3:11; Atos 2:4; Isaías 28:11.)

B. O Registro Histórico

Ainda que nesta lição trata principalmente com a história do avivamento pentecostal do Século Vinte, devemos recordar que este teve seu começo no Aposento alto no dia de Pentecostes. O livro dos Atos é o único livro histórico do Novo Testamento que nos dá o registro da igreja primitiva. O livro dos Atos só contém 28 capítulos e simplesmente nos dá a introdução à história do movimento pentecostal.

Os estudantes talvez se sentem inclinados a crer que entre o fechamento do registro bíblico

e o começo do Século Vinte, Deus não batizou a nenhuma pessoa com o Espírito Santo e que não havia pessoa alguma que gozara a experiência pentecostal com o sinal inicial de falar em línguas. Não obstante, isto certamente não é o caso. Através da história da igreja Deus tem tido sua gente cheia com o Espírito Santo e uma igreja verdadeira que experimentou Hebreus 2:4, "*Dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres, e por distribuições do Espírito Santo segundo a sua vontade.*"

III. O AVIVAMENTO PENTECOSTAL

A. A Chuva Tardia do Espírito Santo

É certo que o derramamento do Espírito Santo durante o primeiro século pode ser chamado a CHUVA TEMPORÃ e o derramamento do Espírito Santo durante o Século Vinte pode ser chamado CHUVA SERÔDIA. "*Sede pois irmãos, pacientes até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra; aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia.*" Tiago 5:7 (versão Corrigida). Apesar de que as chuvas de bênçãos foram derramadas no primeiro e último século da história da igreja, não obstante através de todos os outros séculos tem caído sobre corações faminto das gotas misericordiosas.

B. O Avivamento em Topeka, Kansas, EUA

Havia grande inquietação na Igreja durante a última parte do décimo nono século. A Igreja tinha tornado-se fria e formal. Começou a surgir um novo grupo, procurando saciar a fome em seus corações para uma realidade em suas experiências religiosas.

Em 1898, Charles Fox Parham (tinha 25 anos) e sua esposa estabeleceram um lar para aqueles que precisavam de curas. As necessidades espirituais foram supridas também. Os enfermos ficaram desejosos de orar, e muitos obreiros foram instruídos nas verdades Bíblicas e treinados para a obra Evangélica. Parham sentiu que a Igreja havia estado esperando por um grande derramamento do poder para os cristãos que estavam para findar aquela era. Ele comprou uma grande mansão (Stone's Folly, quer dizer, "A Tolice do Sr. Stone"), para estabelecer uma escola Bíblica, em Topeka, Kansas. Quarenta matricularam, e eles dependiam inteiramente do Senhor para suprir suas necessidades.

Mais tarde, em dezembro de 1900, Parham teve que sair da cidade. Antes dele partir ele instruiu cada um de seus alunos para estudar a Bíblia individualmente para ver se havia algum modo especial de testemunhar o batismo do Espírito Santo. Muitos diferentes corpos religiosos reivindicando provas diferentes, e ele sentiu que nenhuma delas combinavam com o segundo capítulo de Atos. Quando ele voltou e reconduziu os estudantes, eles lhe informaram que, nos tempos apostólicos, em cada ocasião quando o Espírito Santo caiu, houve uma manifestação exterior — Falaram em línguas.

Daquele momento em diante cada membro da família colegial determinou orar e buscar uma experiência que combinaria com aquelas registradas em Atos. Em um culto na véspera do ano novo, uma das estudantes, Agnes N. Ozman, pediu ao Senhor Parham que colocasse as mãos sobre ela, para que pudesse receber o Espírito Santo. Quando ele orou, sua face resplandeceu, com a glória de Deus, e ela começou a falar em outras línguas. E era este o dia de Ano Novo de 1901. No terceiro dia, Parham e muitos outros receberam da mesma forma a mesma experiência.

A escola foi assediada por repórteres jornalísticos, professores de línguas, interpretes governamentais etc. Todos concordaram, os estudantes estavam falando em línguas deste mundo.

1. A Significância do Derramamento de Topeka

A significância fora do comum do derramamento de Topeka, não é pelo fato de ser a primeira vez na era moderna, que o povo tinha falado em línguas, mas sim que era a primeira experiência conhecida do povo buscando o batismo com o Espírito Santo com a expectativa do falar em línguas. Desta época em diante os crentes Pentecostais foram ensinados que deviam buscar o batismo e que deviam recebê-lo com a evidência de falar em línguas. Por esta razão a experiência de Agnes Ozman é designada como o princípio do moderno avivamento Pentecostal.

2. *O Fogo Espalhado:*

Parham e os obreiros da escola tiveram diversos avivamentos em cidades diferentes. As notícias do fenômeno espalharam-se por toda parte e multidões de pessoas queriam estar presentes para ouvir o evangelista falar.

Logo depois do avivamento em Topeka, ministros de várias denominações começaram a pedir notícias desta nova experiência. Muitos procuraram nas Escrituras e descobriram que a experiência era Bíblica. Eles tornaram-se buscadores, e muitos foram cheios com o Espírito Santo, falando em outras línguas.

3. *Avivamento em Galena Kansas:*

No outono de 1903, iniciou-se uma campanha que durou até o inverno. Muitos foram curados e cheios com o Espírito Santo. O maior edifício da cidade, com capacidade para 1.000, não pôde comportar a multidão. O jornal deu muita publicidade e a nova espalhou-se por toda parte.

4. *Avivamentos em Texas:*

De Galena e outras cidades, o fogo do avivamento espalhou-se ao estado de Texas. Eram relatado numerosas curas. Com um grande número recebendo o Espírito Santo. É estimado que pelo o inverno de 1905, Texas tinha 25.000 crentes Pentecostais, e cerca de 60 pregadores. Parham organizou uma escola Bíblica em Houston, Texas.

Entre os estudantes estava um pregador negro, William J. Seymour. Seymour não recebeu o Espírito Santo naquela época, mas estava convicto da experiência. Ele foi quem ocupou lugar proeminente no movimento futuro.

5. *O Avivamento na Missão da Rua Azusa:*

Em 1906, W. J. Seymour, o ministro negro, foi convidado para dirigir uma reunião na Igreja Nazareno em Los Angeles, California, EUA Ele escolheu como o seu texto Atos 2:4, e passou a dizer à congregação que a evidência Bíblica do recebimento do batismo do Espírito Santo era o falar em outras línguas como o Espírito concedesse.

Isto inflamou-se em uma onda de protesto, e na tarde quando ele voltou, a porta foi fechada contra ele. Contudo ele ainda não tinha recebido o Espírito Santo, mas ele cria que era o seu dever pregar somente a verdade.

Ele foi convidado para cuidar dos cultos no Lar Asberry, e Deus começou a operar ali. Seis foram cheios com o Espírito Santo. Por três dias e noites, os cultos continuaram com centenas de todas as raças aglomerando-se na pequena casa. Então Seymour recebeu o seu batismo pessoal. Durante os três dias de culto, dizem-se que a casa tremeu-se sobre os louvores de um povo faminto.

A multidão aumentou de tal modo que, buscaram um novo local. E acharam uma velha Igreja Metodista na Rua Azusa, que tinha sido convertido em um depósito. E ali começou um grande avivamento de três anos.

Todas as condições julgadas como necessárias para um avivamento real estavam em falta. Não foram usados instrumentos musicais. O cântico no culto era literalmente

inspirado pelo Espírito Santo. Não houve tema ou sermões anunciados com antecipação e, nenhum orador especial para tal hora. Tudo era espontâneo, ordenado pelo Espírito Santo. Seymour geralmente sentava-se atrás de duas caixas vazias, uma em cima da outra. Ele geralmente punha sua cabeça dentro da caixa e durante a reunião, orava. Ali não havia orgulho.

Vieram viajantes de toda parte para o "depósito". Até eles acharam um poderoso avivamento Pentecostal prosseguindo das 10:00 da manhã até as 12:00 da noite. Vieram pessoas de quase todas Igrejas em existência. Eles vieram de todos os continentes do mundo. Isto continuou por três anos dia e noite, sem inter-rompimento.

Nada assim com tal alcance e significância, jamais tinha acontecido no vigésimo século, no movimento pentecostal, e por esta razão o avivamento da Rua Azusa é comumente considerado como o método de Deus para espalhar a influência da experiência do batismo com o Espírito Santo a todos os Estados Unidos e diversos outros países .

6. *O Segredo Atrás da Rua Azusa*

Um lugar proeminente foi dado à oração. O povo costumariamente reuniram-se em um período de oração sem dirigente antes do começo do culto.

Seymour, depois da pregação, caía em seus joelhos e começava a orar. E sem incentivo, a congregação seguia-o por longos períodos de suplica. Muitos foram curados e cheios com o Espírito Santo, no quarto de oração superior.

7. *O Avivamento se Alastrando*

Quando o povo voltou da Rua Azusa para os seus lares, eles espalharam a história de suas experiências e da maneira maravilhosa que Deus tinha-os abençoados. O mais que a mensagem era pregada e o povo abraçava-a, o mais as igrejas denominacionais opunham-se. Pastores líderes da época tomaram forte posição contra "O Movimento O Falar em Línguas". Mas ainda assim nada podia pará-la porque era ordenado por Deus.

De todas partes vinham notícias de pessoas recebendo o Espírito Santo. Foi como se o primeiro século estivesse começando a reviver, para ver as chamas se espalhando, movendo rapidamente em muitas direções.

C. O Avivamento se Estende por todo o Mundo:

Grandes avivamentos começaram em quase todas as partes do mundo. Na China, na Índia, em Los Angeles em 1904. No Sul da África em 1910 por J. G. Lake e na Rússia por um inglês chamado L. Redstock. Muitos russos foram enchidos com o Espírito Santo e batizados em o nome de Jesus Cristo. Ainda que vários dos Reformadores receberam esta experiência de falar em outras línguas com grande poder, o dom do Espírito Santo não foi derramado em abundância até o ano 1901. (Alguns deles, Jorge Fox, Whitefield, Irving, João Wesley, D. L. Moody.)

1. *Na Europa*

Em 1906, T. B. Barrat, nascido na Inglaterra, mas agora residente na Noruega, fez uma visita à América onde ele recebeu o poderoso batismo do Espírito Santo.

Ele pastoreava uma grande Igreja Metodista em Noruega, e voltou pregando a mensagem Pentecostal. De seu testemunho e influência, a mensagem espalhou-se para muitos outros países Europeus. O desejo para um avivamento do Espírito Santo, veio também, por causa das notícias de um grande avivamento que Deus concedeu a Gales dois anos antes, em 1904.

2. *Na Índia*

O derramamento do Espírito Santo na Índia, não pode ser traçado por doutrinação de

nenhuma pessoa ou organização. Contudo, a primeira ocasião registrada do batismo com Espírito Santo foi em 1906. Isto foi o resultado de uma necessidade profundamente sentida de uma menina de nove anos de idade. Ela e mais quatro meninas começaram a orar, e dentro em breve, uma começou a falar em uma língua desconhecida. Como resultado de uma liga de oradores e os esforços dos missionários Pentecostais, o Pentecostalismo espalhou-se através de toda Índia e ainda mais além.

3. *Na China*

A primeira notícia veio em 1908 onde pessoas de um grupo Aliança Missionária Cristã começaram a falar em outras línguas. Nos anos seguintes, começaram a vir missionários que ensinaram a experiência Pentecostal.

4. *Na África*

A mensagem Pentecostal foi primeiro introduzida no sul da África algum tempo antes de 1910, por dois evangelistas Americanos. O vasto território central Africano não foi penetrado pelos Pentecostais até 1914-15.

5. *Na América Latina*

O maior crescimento no Pentecostalismo tem sido até recentemente, no Chile e no Brasil. O derramamento do Espírito Santo no Chile em 1907, veio como resultado das orações fervorosas de um missionário Americano que desejava ver sua Igreja cheia não somente de pessoas mas do Espírito Santo. E veio um grande avivamento.

No Brasil a mensagem Pentecostal foi trazida em 1910 por um missionário Americano, e também por um grupo de Americanos-Suecos.

D. Revelações que trouxe o Avivamento Pentecostal

Com esta nova luz todos começaram a ler as Escrituras com novo entendimento. A Bíblia veio a ser um novo livro. Os dons do Espírito foram restaurados à Igreja (I Coríntios 12:1-10). Com este novo fervor veio uma revelação ainda mais profunda: o batismo em o nome de Jesus para remissão dos pecados e a unidade de Deus, (crença em um só Deus manifestado como Pai na criação, Filho na redenção, e Espírito Santo na regeneração — em lugar de três pessoas distintas na Divindade).

IV. A NECESSIDADE DE UMA ORGANIZAÇÃO APROPRIADA

Durante os primeiros anos do avivamento pentecostal do Século vinte, haviam muitas missões e assembléias espalhadas ao redor de vários povos e cidades. Não haviam bases acertadas de estrutura organizacional, e cada ministro administrava os assuntos da igreja segundo como eles sentiam que era a direção do Espírito. Aqui damos algumas das razões porque era necessária a organização:

1. Os fundos eram às vezes mal usados.
2. As congregações às vezes eram divididas por ministros que não tinham éticas e princípios ministeriais apropriados.
3. Tais ministros a menos se aproveitavam das igrejas que confiavam neles.
4. Para os Institutos Bíblicos e o treinamento de jovens pregadores, era necessário ter uma organização.
5. Os esforçados missionários necessitavam a manutenção de muitas congregações.
6. Os missionários foram ao campo estrangeiro como missionários independentes, mas os governos

requeriam um documento oficial de manutenção antes de entrar a seus países e comprar propriedades, etc.

A. As Primeiras Organizações da Santidade:

Nos primeiros anos houveram várias organizações pequenas, principalmente entre os grupos da santidade. Faremos menção de algumas delas:

1. *A Fé Apostólica*: Este foi o nome dos grupos dirigidos pelo irmão Parham no sul, pelo irmão W.J. Seymour em Los Angeles, e pela irmã Crawford em Portland, não obstante, havia pouco ou nenhuma organização conhecida.
2. *A Igreja de Deus em Cristo*: Este grupo foi fundado em 1897 e chegou a ser Pentecostal em 1907 sobre a liderança de C. H. Mason. Esta foi uma igreja para gente de cor e crescia sobre a forte liderança do irmão Mason.
3. *A Igreja de Deus*: Este grupo começou em 1886 sobre a liderança de Richard Spurling. Em 1908 esta igreja chegou a ser Pentecostal sobre A. J. Tomlinson.
4. *A Igreja de Santidade do Batismo do Fogo*: este grupo se iniciou em 1880. Eles criam em uma experiência mais além da salvação e santificação, a qual foi chamada o batismo do fogo. Em 1907 chegaram a ser pentecostais sobre a liderança de J. H. King.
5. *A Igreja Pentecostal de Santidade*: Foi fundada em 1898 e em 1908 aceitou a doutrina e experiência pentecostal. Se uniu com a Igreja de Santidade do Batismo de Fogo em 1911, em uma convenção em Carolina do Norte, USA.

B. As Assembléias de Deus:

Devido a necessidade de uma organização, que era patente a todos, um grupo de ministros pentecostais representativos decidiu solicitar a formação de um concílio Geral, segundo o modelo do Concílio de que se fala no capítulo quinze do livro dos Atos dos Apóstolos, a fim de estabelecer normas acerca dos ensinamentos e práticas do movimento. O pedido foi feito pelo Rev. E. N. Bell e por um grupo de associados. O Rev. E. N. Bell exercia as funções de diretor da revista mensal independente denominada "Word and Witness" (Palavra e Testemunho), que se publicava na cidade de Malvern, Arkansas. Como resposta a essa solicitação, reuniu-se o primeiro Concílio na cidade de Hot Springs, Arkansas nos dias 1 a 12 de abril de 1914. A maioria daqueles que apoiaram a convocação do Concílio precedia dos primeiros grupos pentecostais do centro-oeste dos Estados Unidos, e de Los Angeles.

Participaram do primeiro Concílio cerca de trezentos ministros e delegados, procedentes de igrejas pentecostais independentes de todo o país. A criação do Concílio não obedecia a um desejo de organizar um grupo eclesástico que exercesse jurisdição sobre as igrejas pentecostais livres, mas somente para estreitar os vínculos da unidade cristã e estabelecer bases bíblicas para a comunhão, trabalho e atividades em favor da extensão do reino de Cristo. Foi nesses termos que se redigiu uma declaração de princípios de igualdade, de unidade e de cooperação, garantindo, ao mesmo tempo, os direitos e a soberania de todas as igrejas locais filiadas ao Concílio, enfatizando os princípios claros referentes aos laços de comunhão e cooperação que governariam as relações entre ministros e entre as congregações. Aqui foi fundada as Assembléias de Deus com E. N. Bell como o primeiro Superintendente Geral.

A forma de governo das Assembléias de Deus é congregacional, isto é, cada assembléia governa-se a si mesma e age de forma independente, ao mesmo tempo que mantém comunhão com as demais Assembléias. As igrejas locais unem-se umas às outras por meio de doutrinas e práticas mútuas que as levam a cooperar em favor dos interesses gerais e do distrito. Os

dirigentes das Assembléias locais, dos Concílios Distritais e do Concílio Geral têm poderes limitados na esfera da administração. Eles exercem funções eficientes de assessoramento dos ministros e das igrejas. As Assembléias locais têm certa dependência da organização, até que alcancem o crescimento suficiente que justifique seu reconhecimento como Assembléias independentes. Recebem, então, auxílio para organizarem seus estatutos, e podem dispor de assessores experimentados por parte dos dirigentes do Distrito, quando isso for necessário. O caráter da organização das Assembléias de Deus foi descrito por um ministro presbiteriano, o qual declarou que na organização predomina o mesmo espírito que predominava na primitiva Wesleyana. Contudo, existe alguma diferença, pois as Assembléias de Deus não só ensinam a necessidade do novo nascimento e a santificação pessoal, mas também ensinam o privilégio de receber o batismo pessoal do Espírito Santo, a plenitude pentecostal. Esse batismo é acompanhado pelos mesmos sinais mencionados no livro de Atos dos Apóstolos, isto é, o falar em outras línguas, segundo o Espírito. Possivelmente noventa por cento dos membros afirmam haver recebido a promessa do Novo Testamento, e os dez por cento restantes crêem nela firmemente.

A maior igreja Pentecostal de todos os tempos foi fundada a 18 de junho de 1911 na cidade brasileira de Belém, capital do estado do Pará. Toda a sua história está marcada por fatos sobrenaturais, acontecimentos evidenciadores da presença do Espírito Santo, o que as coloca como fiel e digna sucessora da igreja nascida no Dia de Pentecostes.

Os ministros Daniel Berg e Gunnar Vingren, este ex-pastor da Swedish Baptist Church (Igreja Batista Sueca), de Menominee, Michigan, EUA, foram os apóstolos tomados por Deus para o lançamento das primeiras sementes: o Senhor os aproximou por ocasião de uma convenção de igrejas batistas reavivadas, em Chicago, quando sentiram o chamado para terras distantes. Em mensagem profética, o Senhor lhes falou, mais tarde, na cidade de South Bend, quando pela primeira vez ouviram o nome "Pará". Consultaram um mapa e souberam, então, que se tratava de uma "Província" (estado) do Brasil. Empreenderam uma jornada em que muitos acontecimentos surpreendentes se verificaram, constituindo todos eles evidentes provas de que Deus lhes testava a fé. A 5 de novembro de 1910, os dois suecos deixavam Nova Iorque, a bordo do navio "Clement", oportunidade em que promoveram a evangelização dos tripulantes e passageiros, registrando-se algumas decisões para Cristo. A chegada a Belém do Pará deu-se a 19 de novembro.

Alojados no porão da Igreja Batista, na rua Balby nº 406, permaneciam muitas horas em orações, suas vidas no altar de Deus. E, tão logo começaram a falar em língua portuguesa, iniciaram trabalho evangelístico, enquanto doutrinavam a respeito do batismo com o Espírito Santo. Na pequena igreja opunham-se alguns, com grande resistência, aos ensinamentos dos dois missionários. A 8 de junho de 1911, Celina Albuquerque recebia o batismo com o Espírito Santo e, no dia seguinte Maria Nazaré, sua irmã, tinha a mesma experiência espiritual. Juntamente com elas, outros membros e congregados foram expulsos do templo e organizavam, a 18 de junho de 1911, na residência de Henrique Albuquerque, no bairro da Cidade Velha, Belém, a primeira igreja no mundo a adotar a denominação de Assembléia de Deus. Gunnar Vingren foi, então, aclamado pastor da igreja.

Durante algumas décadas solitárias na aceitação da doutrina pentecostal, as Assembléias de Deus constituíam uma minoria cruelmente perseguida. Nas pequenas cidades, o clero católico romano, dominante e implacável, contava sempre com o apoio de autoridades arbitrárias que fechavam templos e agrediam e aprisionavam os membros da igreja. Muitas vezes eram os crentes alvo de pistoleiros, que feriam e matavam, ocasiões em que costumavam ocorrer

impressionantes interferências divinas. Estas levaram muitos inimigos a se curvarem a Cristo, aceitando a mensagem da Bíblia Sagrada. Fazendeiros, pequenos comerciantes, operários hostis ao Evangelho foram sendo tocados pelo poder de Deus e hoje predominam, ao lado dos primeiros profissionais liberais, militares e funcionários públicos que passam a aceitar que a concessão dos dons espirituais não se circunscreve aos dos dias apostólicos, mas alcança os homens de todos os séculos, depois que Jesus prometeu enviar o Consolador.

C. A Necessidade de Uma Organização que Prega a Unicidade de Deus:

As Assembléias de Deus empenharam como uma igreja trinitária. Não obstante, com a revelação da verdade da Unicidade de Deus, muitos de seus líderes (incluindo a E. N. Bell) haviam sido batizados em o nome de Jesus. Isto criou muita discussão e divisão de idéias. Em 1915 se realizou um Concílio Geral das Assembléias de Deus em San Luiz, Missouri, para tratar o assunto. Se elegeram quatro oradores para apresentar ambos lados do assunto. Dois defenderam a tradição trinitária, e os outros dois defenderam a nova revelação. A decisão final devia esperar um ano, durante a qual a verdade da Unicidade de Deus foi atacada severamente. No Concílio Geral de outubro de 1916, uma declaração de verdades fundamentais foi redigida favorecendo fortemente a doutrina trinitária. Devido a isto, houve uma divisão e 156 pregadores e muitos assembleianos foram expulsos das Assembléias de Deus. Esta divisão deu como resultado o começo de várias igrejas que pregavam a Unicidade de Deus. A continuação faremos menção de algumas delas:

1. *A Assembléia Geral das Assembléias Apostólicas*: Esta igreja foi fundada em Eureka Springs, Arkansas, durante as festas natalinas de 1916. Daniel Opperman foi eleito Presidente, e Howard Goss, Secretário.
2. *As Assembléias Pentecostais do Mundo*: Esta começou com um grupo pequeno em Portland, Oregon, que se organizaram em 1914. Tinham autorização do governo para executar o serviço militar a seus ministros. Por esta razão, a Assembléia Geral das Assembléias Apostólicas se uniu com eles em 1917.
3. *A Aliança Ministerial Pentecostal*: Esta igreja começou em Chicago em 1924, por um convite do pastor A. D. Urshan. Na realidade, esta igreja não foi fundada até 1925 em San Louis, Missouri. L. C. Hall foi eleito Presidente, e Howard Goss, Secretário-Tesoureiro. Esta realmente foi uma aliança ministerial que continuou por vários anos.
4. *As Assembléias Pentecostais de Jesus Cristo*: Em 1931 se chegou a cabo a união das Igrejas Apostólicas de Jesus Cristo e as Assembléias Pentecostais do Mundo. Esta união não deu resultado devido a muitos problemas internos e alguns dos irmãos regressaram as Assembléias Pentecostais do Mundo. Em 1938 uma convenção de Assembléias Pentecostais de Jesus Cristo foi realizada em Columbus, Ohio. W. T. Witherspoon foi eleito Presidente, e S. R. Hanby, Secretário-Tesoureiro.
5. *A Igreja Pentecostal Incorporada*: Em 1931 a Aliança Ministerial Pentecostal sentiu a necessidade de uma organização forte para propagar o evangelho. Em Little Rock, Arkansas, eles formaram a Igreja Pentecostal Incorporada. B. H. Hite foi eleito Presidente e W. E. Kidson, Secretário-Tesoureiro.

V. A IGREJA PENTECOSTAL UNIDA:

A. Acampamento em Los Angeles, California, EUA

Em 1913, o acampamento para os ministros do movimento Pentecostal foi realizado em Los

Angeles, California (EUA). Um dos oradores era E. E. McAlister um pregador popular.

Logo antes de batizar diversos convertidos, ele falou no assunto de batismo, salientando que os apóstolos invariavelmente batizaram seus convertidos em Nome de Jesus Cristo, e as palavras, Pai, Filho e Espírito Santo nunca foram usadas no batismo Cristão.

A mensagem provocou um cataclisma emocional na audiência e na reunião. McAlister fez uma tentativa para acalmar o grupo, mas este estava para ser o ponto máximo na reunião do acampamento.

B. Depois do Acampamento:

Estava presente na reunião Frank J. Ewart, mais tarde um proeminente no movimento Unicista. Ewart e McAlister, depois do acampamento, abriram uma campanha de avivamento na cidade. Isto continuou posteriormente na igreja do irmão Warren Fisher. Outros pregadores nesta campanha foram, Glenn Cook e G. T. Haywood.

Durante esta época Ewart notou o grande movimento do Espírito de Deus quando ele exaltou o Nome de Jesus. Os evangelistas foram encorajados pelo pastor para fazerem muitas coisas em nome de Jesus, mas não para fazer tudo em nome de Jesus. Nesta época Ewart decidiu obedecer a Deus e prosseguir com a sua mensagem.

Assim em 1914, no mesmo ano quando a organização da Assembléia de Deus foi fundada, Frank Ewart, através de uma busca constante em oração, foi-lhe revelado através da Palavra de Deus, a grande verdade concernente ao Plano de Salvação; que Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo (II Coríntios 5:19), e que o simples plano de salvação tinha sido claramente exposto pelo apóstolo Pedro em Atos 2:38 *"Arrependei-vos cada um de vós seja batizado em Nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo."* E foi revelado também que Jesus é a única porta da salvação, e que não há outro nome dado... pelo qual devemos ser salvos (Atos 4:12). E também foi revelado que toda a plenitude da divindade (Pai, Filho e Espírito Santo) habita nele corporalmente (Colossenses 2:9); assim, todos os apóstolos compreenderam perfeitamente as palavras de Jesus Cristo em Mateus 28:19, batizando todos os candidatos em nome de Jesus. Ele viu que o mandamento apostólico é: *"E tudo quanto fizerdes em palavras e obras, fazei tudo em Nome do Senhor Jesus Cristo."* (Colossenses 3:17).

C. O Primeiro Sermão por Ewart de Atos 2:38

Quando Ewart fez sua decisão, ele ofereceu-se para deixar o púlpito da Igreja do Pastor Warren Fisher. Ele armou uma tenda do lado leste da cidade, mas apesar disto foi bem tratado por Fisher.

Em 15 de abril de 1914, ele pregou uma mensagem em Atos 2:38. A mensagem pegou fogo, e começou-se um avivamento. Glenn Cook juntou-se a ele. Ainda nenhum dos dois tinham sido batizado em nome de Jesus. Eles compraram um tanque, e batizaram-se um ao outro. Logo muitos foram batizados, e um notável número recebeu o Espírito Santo quando saíam da água.

Os doentes foram trazidos e muitos foram curados quando batizados, em obediência à Palavra de Deus.

D. A Verdade Espalhada

Nesta época Ewart era editor de um jornal "Alimentos em Tempos Certos" (Meat in Due Season); através disto ele propagou a mensagem do Nome de Jesus, em muitas partes da nação e em muitos campos de missões. Assim muitos foram convencidos da verdade antes de um pregador ter pregado para eles.

Cook começou a levar a mensagem para muitos estados da América com tremendos resultados.

Entre os outros pregadores destacados da época estava G. T. Haywood, que tinha um ilustre conhecimento da Palavra de Deus. Ele também abraçou a verdade e trouxe muitos para ela.

E. O Desejo de União:

Porém, nos grupos Unicistas, havia um profundo desejo de união, e foi o que aconteceu quando os dois maiores grupos "Assembléias Pentecostais de Jesus Cristo e a Igreja Pentecostal Incorporada se uniram para formarem a Igreja Pentecostal Unida.

A Igreja Pentecostal Unida foi fundada, portanto, em St. Louis, Missouri (EUA) no mês de setembro de 1945. Se realizou bastante trabalho preliminar para a preparação desta união. Os três eleitos como líderes deste grupo foram: Howard A. Goss, Superintendente; William Thomas Witherspoon, Assistente do Superintendente, e Stanley Chambers, Secretário-Tesoureiro. Esta união certamente foi ordenada por Deus, e a Igreja Pentecostal Unida tem experimentado um grande desenvolvimento. Em pouco mais de setenta anos este avivamento pentecostal tem chegado a todo o mundo com a mensagem pentecostal. Cada dia do ano se estabelecem uma ou duas igrejas pentecostais em algum lugar do mundo, assim como institutos bíblicos para ensinar e preparar pregadores nacionais para alcançar suas próprias nações com o evangelho. As igrejas pentecostais tem batido todos os recordes em ofertas para as missões e avanços evangelísticos. Cada dia há mais jovem que estão oferecendo suas vidas para o ministério e para a obra missionária. A responsabilidade de levar o "Evangelho do Reino" aos lugares mais distantes cairá grandemente sobre este seletivo e dedicado grupo de ministros apostólicos. Devido a sua dedicação e fidelidade, podemos esperar com alegre expectativa o pronto retorno de nosso Senhor Jesus.

1. A igreja Apostólica restaurada - O que crê e pratica:

- a. O arrependimento pela fé.
- b. O batismo por imersão nas águas em nome do Senhor Jesus Cristo para remissão dos pecados.
- c. O batismo no Espírito Santo com a evidência de falar em línguas.
- d. A divindade absoluta de Jesus Cristo. Nele está a Plenitude da Divindade.
- e. O poder de Deus para realizar milagres.
- f. Os Nove Dons Espirituais que Deus dá segundo a Sua Vontade àqueles que já receberam "O Dom" do Espírito.
- g. Santidade, sem a qual ninguém verá a Deus.
- h. A cura divina pelos méritos do sacrifício de Cristo.
- i. A segunda vinda pessoal de Jesus Cristo para receber a Sua noiva, a Igreja.
- j. O fruto do Espírito Santo.
- k. A comunhão como memorial da morte de Cristo.
- l. A infalibilidade da Palavra de Deus, e que não é de particular interpretação.

2. Artigos de Fé:

Acreditamos que a Bíblia é a palavra de Deus; a infalível palavra de Deus. *"Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça."* (II Timóteo 3:16).

A Bíblia é a única autoridade dada por Deus que o homem possui; portanto, toda a doutrina, fé, esperança e instrução para a igreja deve ser baseada na Bíblia sendo coerente com ela. Deve ser estudada por todos os homens em toda a parte do mundo, e só pode ser perfeitamente compreendida por aqueles que são ungidos pelo Espírito Santo (I João 2:27).

"Nenhuma profecia da Escritura provem de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo" (II Pedro 1:20-21).

a. Declaração de Fé - O único Deus verdadeiro

Cremos no único Deus sempre vivo e eterno, infinito em seu poder, santo por natureza, atributos e propósito; possuidor de divindade absoluta e indivisível. Este único Deus verdadeiro se revelou como Pai através do seu Filho, na redenção; e como Espírito Santo pela revelação. (I Coríntios 8:6; Efésios 4:6; II Coríntios 5:1-9; Joel 2:28).

As Escrituras fazem mais do que tentar provar a existência de Deus, pois afirmam, tomam por certo e declaram que o conhecimento de Deus é universal. (Romanos 1:19, 21, 28, 32; 2:15). Deus é invisível, imaterial sem partes, incorpóreo, e portanto livre de toda e qualquer limitação. Ele é Espírito (João 4:24), e ... "um espírito não tem carne nem ossos..." (Lucas 24:39).

"O principal dos mandamentos é; Ouve ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" (Marcos 12:9; Deuteronômio 6:4). "Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos" (Efésios 4:6).

Este único Deus verdadeiro se manifestou no Antigo Testamento de várias maneiras; no Filho enquanto andou entre os homens; como Espírito Santo depois da ascensão.

b. O Filho de Deus

O único Deus verdadeiro, o Jeová do Antigo Testamento assumiu a forma de homem, e como Filho do homem nasceu da virgem Maria. Paulo disse: *"Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne, foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória" (I Timóteo 3:16). "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (João 1:11).* Este único Deus verdadeiro foi manifesto na carne, isto é em Seu Filho Jesus Cristo. *"... Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões..." (II Coríntios 5:19).*

Cremos que *"...nele (Jesus) habita corporalmente toda a plenitude da Divindade" (Colossenses 2:9). "Porque aprouve a Deus que nele residisse toda a plenitude" (Colossenses 1:19).* Portanto, Jesus em sua humanidade era homem, e em sua divindade era e é Deus. Sua carne foi o cordeiro, ou sacrifício de Deus. Ele é o único mediador entre Deus e o homem. *"Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (I Timóteo 2:5).*

Jesus, por parte do seu Pai era divino, por parte de sua mãe, humano, assim, era conhecido como o Filho de Deus mas também como o Filho do Homem, ou o Deus—Homem.

"Porque todas as cousas sujeitou debaixo dos seus pés. E quando diz que todas as cousas lhe são sujeitas, certamente exclui aquele que tudo lhe subordinou" (I Coríntios 15:27). "Quando, todas as cousas lhe estiverem sujeitas, então o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as cousas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos" (I Coríntios 15:28).

"Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso" (Apocalipse 1:8).

c. *O Nome*

Deus usou nomes diferentes como "Deus Eloim", "Deus Todo-Poderoso", "El Shaddai", "Jeová", e principalmente "Jeová Senhor", o nome de redenção do Antigo Testamento.

"...Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu;... e o seu nome será Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz" (Isaías 9:6). Esta profecia de Isaías se cumpriu quando o Filho de Deus recebeu o seu nome: *"Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mateus 1:21).*

"E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (Atos 4:12).

d. *A Criação do Homem e Sua Queda*

No princípio Deus criou o homem inocente, puro e santo; mas através do pecado da desobediência, Adão e Eva, os primeiros representantes da raça humana, perderam o seu estado de santidade, e Deus baniu-os do Éden. Assim, pela desobediência de um homem, o pecado entrou no mundo. (Gênesis 1:27; Romanos 3:23; 5:12).

e. *Arrependimento E Conversão*

O perdão e a remissão dos pecados é obtido através de genuíno arrependimento, de confessar e abandonar os pecados. Somos justificados pela fé no Senhor Jesus Cristo (Romanos 5:1). João Batista pregou o arrependimento, Jesus proclamou-o e os Apóstolos deram ênfase mesmo, tanto a judeus quanto gentios. (Atos 2:38; 11:8; 17:30).

A palavra "arrependimento" deriva de várias palavras gregas que significam mudança de ponto de vista e propósito, mudança de coração, mudança de idéias, mudança de vida, transformação, etc.

Jesus disse: *"... se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis"* (Lucas 13:3).

Em Lucas 24:47 lemos: *"E que seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém"*.

f. *O Batismo Nas Águas*

O batismo de acordo com as Escrituras é feito por imersão, e só devem passar por ele aqueles que estão completamente arrependidos, havendo deixado os seus pecados e renegado o seu amor ao mundo. Deve ser realizado por um ministro do evangelho devidamente autorizado, em obediência à palavra de Deus, e em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, de acordo com os Atos dos Apóstolos 2:38; 8:16; 10:48; 19:5; assim obedecendo e cumprindo Mateus 28:19.

g. *O Batismo do Espírito Santo*

João Batista, em Mateus 3:11 disse: *"...Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo"*.

Jesus, em Atos 1:5 disse: *"...sereis batizados com o Espírito Santo não muito depois destes dias"*.

Lucas nos diz em Atos 2:4: *"Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem."*

Os termos "batizar com o Espírito Santo e com fogo", "cheios do Espírito Santo", e o "dom do Espírito Santo", são sinônimos e usados um pelo outro na Bíblia.

Está de acordo com as Escrituras esperar que todos aqueles que recebem o dom, a plenitude ou o batismo do Espírito Santo recebem o mesmo sinal físico inicial do falar em outras línguas.

O falar em outras línguas, de acordo com o registro de Atos 2:4; 10:46, e o dom das línguas explicado em I Coríntios capítulos 12 a 14 são essencialmente os mesmos apesar de diferentes em uso e propósitos.

O Senhor, por intermédio do Profeta Joel disse: "...derramarei o meu Espírito sobre toda a carne..." (Joel 2:28).

Pedro ao explicar esta experiência fenomenal disse: "...tendo (Jesus) recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis" (Atos 2:33).

Também: "...para vós outros é a promessa, para vossos filhos, e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar" (Atos 2:39).

h. *Doutrina Fundamental*

A doutrina básica e fundamental desta organização será o padrão bíblico de salvação completa, o que significa o arrependimento, o batismo por imersão em água em o nome do Senhor Jesus Cristo e o batismo do Espírito Santo com o sinal inicial de falar em outras línguas de acordo com a direção do Espírito.

Procuraremos manter a unidade do Espírito até que todos cheguemos à unidade da fé, ao mesmo tempo advertindo a todos os irmãos que não provoquem contendas pelos seus pontos de vista diferentes para a desunião do corpo.

i. *Cura Divina*

O primeiro acordo que o Senhor (Jeová) fez com os filhos de Israel depois que saíram do Egito foi um acordo de cura. O Senhor disse: "*Se ouvirdes atento a voz do Senhor teu Deus, e fizeres o que é reto diante dos seus olhos e deres ouvido aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios; pois eu sou o Senhor que te sara*" (Êxodo 15:26).

Algumas traduções dizem: "*Porque eu sou Jeová, teu médico*". Ele sendo o nosso médico, temos o de maior capacidade no mundo inteiro. Nosso Senhor Jesus Cristo andou pela Galiléia pregando o Evangelho do Reino e curando todas as enfermidades entre o povo. (Mateus 4:23, 24).

"Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre" (Hebreus 13:8).

O sofrimento vicário do Senhor Jesus Cristo pagou pela obra dos nossos corpos da mesma forma que pagou pela salvação das nossas almas pois: "...*pelas suas pisaduras fomos sarados*". (Isaías 53:5). Mateus 8:17 diz: "*Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças*". (Veja também I Pedro 2:24)

Vemos daí que a cura divina para o corpo está na redenção, e assim está ao alcance de todos os que crêem. Jesus disse que aquele que verdadeiramente crê: "...*porás as mãos nos enfermos, e estes recuperarão*". Mais tarde Tiago escreveu em sua carta a todas as igrejas: "*Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia e súplica do justo*". (Tiago 5:14-16).

Todas estas promessas são para a igreja de hoje.

j. *A Comunhão ou a Ceia do Senhor*

Na noite em que nosso Senhor foi traído ele participou da Páscoa com seus discípulos, e depois instituiu a Ceia: *"E, tomando um pão, tendo dado graças o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós"*. (Lucas 22:19-20).

Paulo instituiu a igreja na observância da Santa Ceia. (I Coríntios 11:23-34).

Assim foi instituído o uso do pão e vinho, dos quais se participa literalmente, como emblemas do seu corpo quebrado e do seu sangue derramado. Existe também significado espiritual e bênção em participar da Ceia.

k. *O Lavar dos Pés*

Terminada a Páscoa, lemos em João 13:4-5 que ele *"levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido"*.

Jesus disse: *"Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros, porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu fiz, façais vós também"* (João 13:14-15).

Este primeiro exemplo foi dado por nosso Senhor, e é uma instituição divina. É bom seguir o seu exemplo e lavar os pés uns aos outros; manifestando assim o espírito de humildade.

l. *Santidade*

A vida santa deve ser a característica de cada filho do Senhor, e devemos viver de acordo com o padrão e exemplo dado na Palavra de Deus. *"Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegando a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente"*. (Tito 2:11, 12).

"Porque para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas. O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano. O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente" (I Pedro 2:21-23).

"Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14).

"Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver; porquanto escrito está: Sede santos, porque eu sou santo. E, se invocais por Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um, andai em temor, durante o tempo da vossa peregrinação; sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado" (I Pedro 1:15-19).

Desaprovamos por completo que nossos membros participem de qualquer atividade que não conduza à vida piedosa, tais como teatros, cinemas, bailes, carnavais, banhos de mar ou de piscinas em companhia mista (isto é, homens e

mulheres juntos), cortando o cabelo e o uso de pintura pelas mulheres, qualquer traje que exponha imodestamente o corpo, diversões mundanas e músicas e programas de rádio mundanos. Outrossim, porque todas estas coisas indesejáveis se apresentam nos programas de televisão, desaprovamos que nossos membros tenham a televisão em suas casas. Admoestamos nossos membros que se abstenham destas práticas no interesse do seu progresso espiritual, e à vista da vinda em breve de Jesus para receber a sua Igreja.

m. *A Graça de Deus*

"Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegando a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente" (Tito 2:11, 12).

"Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (João 1:17).

Um cristão para se manter salvo, deve andar com Deus e conservar-se no amor e na graça de Deus (Judas 21). A palavra "graça" significa "favor". Quando alguém transgredir e peca contra Deus, perde o seu favor. Se continuar a cometer pecado e não se arrepender será finalmente perdido e lançado no lago de fogo (João 15:2, 5; II Pedro 2:20-22). Judas fala dos apóstatas do seu dia e da sua recompensa. (Leia também Hebreus 6:4-6).

"Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus". (Efésios 2:8).

n. *Restauração de Todas as Coisas*

Compreendemos que as Escrituras ensinam a restauração de todas as coisas que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade. (Atos 3:21). Não achamos, porém, onde o diabo, seus anjos e todos os pecadores se incluem. (Veja Apocalipse 20:10).

o. *Escrúpulos de Consciência*

Reconhecemos a instituição do governo humano como sendo de ordenação divina, e assim fazendo, dedicamos lealdade imparcial ao nosso governo, assumindo, porém, uma posição definida em relação ao tomar de armas ou ao participar de alguma atividade que ponha em risco a vida humana.

Como seguidores do Senhor Jesus Cristo, o Príncipe da Paz, cremos em obediência implícita aos seus mandamentos e preceitos os quais dizem o seguinte: *"...Não resistais ao perverso"* (Mateus 5:39). *"Segui a paz com todos..."* (Hebreus 12:14). (Veja também Mateus 26:52; Romanos 12:19; Tiago 5:6; Apocalipse 13:10). cremos nestas afirmações e interpretamo-las como sendo uma ordem aos cristãos que não derramem sangue e nem tomem vidas humanas.

Portanto, propomos cumprir todas as obrigações de cidadãos leais, mas somos constrangidos a declarar-nos contrários à participação em atividade de combate em caso de guerra, revolta armada, destruição de propriedade, ajudando, contribuindo para ou provocando a destruição da vida humana.

Além disto, não podemos em sã consciência fazer parte de qualquer união, boicote ou organização que force seus membros ou os obrigue a pertencer a alguma organização, realizar alguma tarefa contrária à nossa consciência, ou receber qualquer marca, sem direito de aceitar ou recusar a mesma. (1930).

Lamentamos, porém, a impressão falsa causada por alguns grupos de pessoas

que por escrúpulo de consciência levam a crer que obedecer a Bíblia é desprezar toda a lei indisposto a se sacrificar pela preservação da nossa comunidade. Esta atitude nos é tão desprezível, quanto seria a qualquer bom patriota. A Palavra de Deus nos manda não usar de violência com qualquer homem, mas manda também que em primeiro lugar oremos pelos dirigentes do nosso país. Portanto, os nossos membros a que livremente e de bom grado respondam ao chamado do governo, exceto no assunto de tomar armas. Quando dizemos serviço, queremos dizer serviço, não importa quão difícil ou perigoso. A verdadeira igreja, como a nação não tem lugar para covardes. Em primeiro lugar, entretanto devemos orar sinceramente para que sejamos conservados fora de guerra com honra.

Cremos que podemos ser coerentes em servir ao governo em capacidade não combativa, e sem empunhar armas. (1940).

p. *Sociedades Secretas, etc.*

De acordo com a Palavra de Deus, cremos firmemente e sustentamos que o povo de Deus não deve se relacionar com sociedades secretas, ou mesmo com qualquer sociedade, organização ou grupo onde haja comunhão com descrentes sob juramento. (Tiago 5:3-7; II Coríntios 6:14-18).

q. *O Arrebatamento dos Santos*

Cremos que se aproxima o dia em que o nosso Senhor aparecerá, quando então, os mortos em Cristo ressuscitarão, depois nós que ficarmos vivos seremos arrebatados para encontrarmos com o nosso Senhor nos ares (I Tessalonicenses 4:13-17; I Coríntios 15:51-54; Filipenses 3:20-21).

r. *O Dízimo*

Cremos que o dízimo é o plano financeiro de Deus para o sustento do seu trabalho, desde os dias de Abraão. O dízimo foi introduzido pela fé no tempo de Abraão; a Lei de Moisés confirmou-o e Israel sempre o praticou quando estava bem com Deus; Jesus endossou a prática (Mateus 23:23); e Paulo ensinou que separássemos uma quantia de acordo com o que Deus nos concedesse. Não roubemos de Deus a sua porção, os dízimos e as ofertas. (Leia Malaquias 3).

s. *A Segunda Vinda de Cristo*

O Senhor Jesus Cristo mesmo claramente explicou que voltaria outra vez pessoalmente como partiu, e os apóstolos também ensinaram esta verdade aos membros da igreja primitiva, portanto, os filhos de Deus até hoje, sincera e esperançosamente aguardam este glorioso acontecimento. (Mateus 24; Atos 1:11; 3:19-21; I Coríntios 11:26; Filipenses 3:20-21; I Tessalonicenses 4:14-17; Tito 2:13, 14).

t. *O Milênio*

Cremos também que toda a angústia da terra é o "princípio das dores" e se tornará mais intenso até que "chegue um tempo de tanta angústia tal qual nunca houve na face da terra". (Mateus 24:3-8; Daniel 12:1), e este período de "tribulação" será seguido do raiar de um novo dia na terra que durará mil anos, quando haverá "paz na terra e boa vontade para com os homens". (Apocalipse 20:1-5; Isaías 65:17-25; Mateus 5:5; Daniel 7:27; Miquéias 4:1, 2; Hebreus 2:14; Romanos 11:25-27).

u. *O Julgamento Final*

Depois de mil anos, haverá a ressurreição de todos os mortos, que serão levados diante do grande trono branco para o julgamento final, sendo que todos aqueles cujos

nomes não estiverem escritos no Livro da Vida serão lançados no lago de fogo, que arde com enxofre, o qual Deus preparou para o Diabo e seus anjos. Sendo que o próprio Satanás será lançado primeiro. (Mateus 25:41; Apocalipse 20:7-15; 21:8).

v. *Atividades Escolares*

Não aprovamos que estudantes freqüentem bailes, aulas de dança, teatros, participem de atividades que vão contra os seus escrúpulos religiosos, e usem roupa de ginástica que expõe o corpo imodestamente em demasia.

VI. IGREJA PENTECOSTAL UNIDA DO BRASIL:

Em 22 de setembro de 1955, a família Baker chega em Montevideu, Uruguai — A mensagem do Nome está a um passo do Brasil. E na primavera de 1957, na cidade de Porto Alegre, Rev. Samuel Baker prega a primeira mensagem de Atos 2:38 para o povo Brasileiro.

As fileiras do exército do povo do nome foram engrossadas com a chegada do Rev. J. B. Lambeth e família, que chegaram para trabalhar entre os Brasileiros, no dia 14 de abril de 1960, às 22:50, sendo prazerosamente recepcionados pela família Baker.

Segundo estatísticas publicadas na Revista "The Pentecostal Herald" de janeiro de 1963 pelo Rev. J. B. Lambeth, que era na época supervisor da obra no Rio Grande do Sul, a Igreja Pentecostal Unida do Brasil, somente no estado pioneiro da mensagem unicista em solo brasileiro, entre 1 de janeiro de 1961 e 31 de dezembro de 1962, teve um crescimento de 71%, sendo que somente na primavera de 1962, 65 pessoas adultas receberam o Espírito Santo e foram batizados em nome de Jesus.

O ano de 1963, trouxe consigo a necessidade e o desejo de organização. No dia 21 de fevereiro, o Rev. J. B. Lambeth deu abertura a Primeira Convenção que abriu caminho para a completa organização e legalização da igreja. Esta Convenção foi realizada no estado de São Paulo, no dia 15 de novembro de 1963, data em que os pastores e obreiros receberam a primeira credencial, identificando-os com a Igreja Pentecostal Unida do Brasil.

No ano de 1963 também foi organizado o departamento das Filhas de Sião, que é o departamento das Senhoras, bem como o trabalho da escola dominical no estado do Rio Grande do Sul.

De Jerusalém ao Brasil "*...as portas do inferno não prevalecerão contra ela...*" O Rev. J. B. Lambeth relata na revista de novembro de 1963, a maneira como o Pastor Jorge Dementshuk e outros irmãos, milagrosamente escaparam de morrer pelas mãos de homens armados, dizendo em seu artigo: "Eu creio piamente que o diabo tentou destruir a "Igreja Pentecostal Unida do Rio Grande do Sul, naquela noite, mas Deus tinha outros planos."

A "The Pentecostal Herald" de fevereiro de 1964, menciona o progresso da Igreja em São Paulo: Vila Clementino, na vila Tucuruvi, cidade de Ademar e Vila Morais.

Nos dias 3 e 4 de abril de 1965, a pecaminosa cidade do Rio de Janeiro, passa a ser uma conquista para o nome do Senhor Jesus Cristo. Pr. Robert Norris vem para acender uma luz numa cidade escura pelo pecado. No ano de 1966 iniciou um programa radiofônico chamado A Luz de Verdade. A voz radiofônica da Igreja Pentecostal Unida do Brasil, ecoou, na expressão verbal do Pr. Robert Norris, por causa do amor e cooperação dos Vencedores Pentecostais. Logo a seguir, vêm os resultados - 12 batizados em Nome de Jesus.

Dia 28 de outubro de 1965, mais uma família entregou suas vidas à obra do Senhor em solo brasileiro, os DeMerchants. No dia 29, acompanhados do então Presidente Nacional, Pr. Samuel Baker, chegou em Manaus, onde a obra de Deus é a única meta em suas vidas.

Bennie e Thereza DeMerchant, um casal jovem com vinte e poucos anos e a primeira filha Beth,

de seis meses de idade passaram o primeiro ano estudando português e transformando uma construção residencial abandonada que adquiriram na rua Ramos Ferreira, no centro de Manaus, em residência, onde moram até o presente momento.

Muitas águas já desceu o Rio Amazonas nestes anos e aquela Igreja Pentecostal Unida do Brasil que começou com poucos irmãos, cresceu.

O privilégio de terem sido chamados para o estado pioneiro da mensagem do "Nome" em terreno brasileiro. A família Walmer chegou ao Brasil no dia 7 de novembro de 1974, com um único propósito expandir o evangelho do nome do Senhor Jesus Cristo. Nestes anos sua batalha tem sido árdua, mas eles tem feito um trabalho excelente. No estado onde iniciou a Igreja Pentecostal Unida do Brasil, há muitas igrejas, escola bíblica e uma gráfica.

Muitos outros missionários chegaram ao Brasil dos Estados Unidos para pregar a verdadeira mensagem com o mesmo lema "O evangelho completo para o mundo inteiro". Pastor Gunther John Grimm, que atualmente se encontra no estado de Santa Catarina. Rev Brian Wiseman, sua família se instalaram no estado de São Paulo e no Rio de Janeiro e posteriormente no estado de Rondônia. Este pastor já dormiu em Cristo. Pr. Mark Norris, filho de Pr Robert Norris, recebeu apontamento como missionário no país onde cresceu como filho de missionário. Pr. Mark pastoreou uma igreja no estado da Bahia, servindo também como presidente daquele distrito. Atualmente reside nos EUA por motivos de saúde. Pr. Jeffrey Norris viveu a maior parte de sua vida no Brasil. Primeiro como filho de missionário e então como ministro. Servindo como professor da Escola Bíblica, presidente dos Vencedores Pentecostais. Pastor Jeffrey e sua esposa Ivana receberam seu apontamento como missionários em outubro de 1987. Pr. Franklin Dee Howard, pastoreou uma igreja na cidade de Fortaleza, Ceará e foi também diretor do Instituto Bíblico Apostólico de 1984 a 1991. Muitos outros vieram ajudar o trabalho no Brasil. Mas não foi só estes missionários que fizeram a igreja crescer, mas muitos brasileiros tem feito grandes obras.

A obra do Senhor tem se expandido. E a exposição do trabalho dos missionários representa uma significativa, porém, não total participação do rol das testemunhas. Há centenas de ministros e milhares de irmãos, que por falta de espaço, lamentavelmente, não constam neste histórico, porém, estão valorosamente engajados no grandioso exército que leva o nome do Senhor Jesus.

No Brasil, o povo do nome tem se espalhado e mostrado o benefício de receberem o poder do Espírito Santo e de serem testemunhas do Senhor Jesus Cristo. Evangelismo, santidade e crescimento são palavras de ordem do momento. Crescimento é o resultado de cada dia, mês e ano de trabalho. Ainda que o sol esteja baixando no horizonte da dispensação da igreja; de mãos dadas muitos trabalham arduamente para alcançar o quanto mais possível do povo brasileiro antes da vinda do Senhor; bradando em alta voz um convite para outros darem de si em prol da igreja, como no primeiro século.